

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**A PEDAGOGIA DO SEXO EM *O ATENEU*: O DISPOSITIVO DE  
SEXUALIDADE NO INTERNATO DA “FINA FLOR DA MOCIDADE  
BRASILEIRA”**

Fernando de Figueiredo Balieiro

**SÃO CARLOS**  
Março de 2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**A PEDAGOGIA DO SEXO EM *O ATENEU*: O DISPOSITIVO DE  
SEXUALIDADE NO INTERNATO DA “FINA FLOR DA MOCIDADE  
BRASILEIRA”**

Fernando de Figueiredo Balieiro

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Sociologia do Centro de Educação e Ciências Humanas  
da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos  
para a obtenção do título de Mestre em Sociologia  
Orientador: Prof. Dr. Richard Miskolci.

SÃO CARLOS  
Março de 2009

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B186ps

Balieiro, Fernando de Figueiredo.

A pedagogia do sexo em *O Ateneu*: o dispositivo de sexualidade no internato da “fina flor da mocidade brasileira” / Fernando de Figueiredo Balieiro. -- São Carlos : UFSCar, 2009.

124 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2009.

1. Sociologia. 2. Pompéia, Raul, 1863-1895. 3. Teoria Queer. 4. Foucault, Paul-Michel, 1926-1984. I. Título.

CDD: 301 (20<sup>a</sup>)



**Universidade Federal de São Carlos**  
**Centro de Educação e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Sociologia**

Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676 13565-905 São Carlos - SP  
Fone/Fax: (16) 3351.8673 [www.ppgs.ufscar.br](http://www.ppgs.ufscar.br) Endereço eletrônico: [ppgs@ufscar.br](mailto:ppgs@ufscar.br)

**Fernando de Figueiredo Balieiro**

Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, no dia 18 de março de 2009 às 16h00, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em 18 de Março de 2009

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Richard Miskolci  
Orientador e Presidente

Profa. Dra. Maria da Gloria Bonelli  
Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Renata Medeiros Paoliello  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Profa. Dra. Karla Bessa  
Universidade Estadual de Campinas

Para uso da CPG

Homologado na \_\_\_\_ª Reunião da CPG-  
Sociologia, realizada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria da Gloria Bonelli  
Coordenadora "pró-tempore" do PPGS

**Pela felicidade que me proporcionam, dedico este trabalho aos meus amados  
sobrinhos: Anna Luiza, Caetano e Cássio.**

## **Agradecimentos**

Esta dissertação é fruto de pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) de 2007 a 2009, com financiamento da CAPES. É integrante do projeto temático *Ciências, Literatura e Nação: o darwinismo-social e a emergência do dispositivo de sexualidade no Brasil (1870-1930)* coordenado por meu orientador Prof. Dr. Richard Miskolci. Este projeto conta com outros estudantes de mestrado, formando um debate coletivo imprescindível para o desenvolvimento desta pesquisa individual. Expresso meu agradecimento a todos que estiveram de alguma forma presente na elaboração deste texto.

Em primeiro lugar, ao meu orientador, pelo acompanhamento sempre presente, crítico e estimulador. Aos colegas do Grupo de Pesquisa *Corpo, Identidade Social e Estética da Existência*, os quais contribuíram com o debate instigante das reuniões quinzenais, bem como através das leituras de meus projetos e artigos seguidas de sugestões e críticas preciosas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Um agradecimento especial à Profa. Dra. Renata Medeiros Paoliello que acompanha este trabalho, com toda dedicação, desde o início, sendo minha orientadora na graduação e membro da banca de qualificação e de defesa, oferecendo comentários e sugestões essenciais para a redação desta dissertação.

Agradeço à professora Dra. Tânia Pellegrini, participante da banca de qualificação que apresentou críticas importantes ao texto ora apresentado.

Às professoras Maria da Glória Bonelli e Karla Bessa pelas contribuições na banca de defesa que geraram modificações no texto e servirão de norte para uma possível continuidade da pesquisa.

Aos meus pais, por terem me acolhido novamente “em casa”, oferecendo-me condições de estudo inigualáveis. Às minhas irmãs, por todo apoio que me prestaram durante o período de mestrado.

Aos meus professores e colegas de mestrado, por tudo que me ensinaram nesta etapa de aprendizagem da vida acadêmica. Em especial, às queridas Raquel Duaibs e Maria Natália Silveira pela amizade e carinho durante este período.

À Eliane Silva e Nadia Pino, amigas imprescindíveis para a concretização de minha pesquisa. Acompanharam de perto e estimularam exaustivamente o desenvolvimento desta.

Finalmente, à Marília Lourenço pelo companheirismo e incentivo que acompanhou o desenvolvimento desta dissertação.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO E PALAVRAS-CHAVE</b> .....	07
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>CAPÍTULO 1 – Uma Análise Sociológica de <i>O Ateneu</i></b> .....	17
Raul Pompéia: literatura como socioanálise.....	17
A Inserção de Pompéia no Contexto Sociopolítico do Fim do Século.....	20
O Darwinismo-Social à Brasileira.....	26
Degeneração e Raça: o engajamento político divergente de Pompéia.....	28
<i>O Ateneu</i> e o Segundo Império.....	33
Darwinismo-Social e Degeneração: crítica ao status quo imperial.....	38
Falando sobre sexo.....	44
<b>CAPÍTULO 2 – A Pedagogia do sexo em <i>O Ateneu</i>: o interdito à imoralidade</b> .....	56
O Ateneu como “arquivo histórico” de pedagogias de sexualidade e práticas homoeróticas.....	56
A transformação moral da sociedade: ordem médica e pedagogia higiênica.....	57
A Pedagogia do Sexo: disciplina e “imoralidade”.....	66
A Heteronormatividade e a invenção da categoria “homossexual”.....	68
“Mulheres” no Ateneu: homoerotismo, inversão e “fiscalização” das amizades.....	77
Intersecções entre sexualidade, classe e raça.....	87
Gênero em <i>O Ateneu</i> : homosociabilidade masculina, androcentrismo e violência.....	94
Heteronormatividade, masculinidade e defesa da “honra”: o suicídio de Pompéia.....	103
Uma abordagem <i>queer</i> de <i>O Ateneu</i> .....	109
<b>ANEXOS</b> .....	111
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	118



## RESUMO

A partir de uma abordagem teórica *queer*, esta dissertação explora a constituição de uma pedagogização do sexo (FOUCAULT, 2007) no contexto brasileiro do final do século XIX. Por meio de uma análise sócio-histórica, parte do romance *O Ateneu* de Raul Pompéia e suas problemáticas buscando fornecer elementos para a compreensão do crescente disciplinamento da sexualidade infantil voltado para a prevenção de sua suposta vulnerabilidade degenerativa. Acreditava-se que a sexualidade infantil e juvenil estava sob perigo e, devido à sua importância para o futuro da nação, devia ser controlada. O trabalho associa a análise da obra literária à dos demais discursos e práticas sociais vigentes para reconstituir a emergência do dispositivo histórico da sexualidade no Brasil, com especial atenção ao protagonismo médico-higiênico na esfera escolar. Explicita a importância da sexualidade no debate político da época sobre a nação, suas ameaças degenerativas e o papel que se atribuía ao ensino como base constitutiva de uma "coletividade saudável". Tal ideal apontava para a consolidação de uma sociedade heteronormativa, fundada na naturalização da heterossexualidade e na concomitante patologização das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

PALAVRAS-CHAVE: *O Ateneu*, Raul Pompéia, pedagogização do sexo, Michel Foucault, teoria *queer*, heteronormatividade, nação.

## INTRODUÇÃO

confusamente ocorria-me a lembrança do meu papelsinho de namorada faz-de-conta, e eu levava a seriedade scenica a ponto de galanteal-o, occupando-me com o laço da gravata d'elle, com a mecha do cabello que lhe fazia cócega aos olhos, soprava-lhe ao ouvido segredos indistintos para vel-o rir, desesperado de não perceber (*O Ateneu*, Gazeta de Notícias, 2 de maio de 1888)<sup>1</sup>.

Salta aos olhos esta passagem em que Sérgio, narrador já adulto, remonta a sua amizade por Bento Alves, seu valente colega de escola. Tal trecho encorpava o enredo de *O Ateneu*, romance que então tomava a primeira página do distinto jornal carioca *Gazeta de Notícias* na data emblemática de 1888<sup>2</sup>. A narrativa pompeiana desenrola-se a partir da vivência de Sérgio no internato da “fina flor da mocidade brasileira” dirigido pelo pedagogo de importantes contribuições à educação brasileira: Aristarco Argolo de Ramos. Sobre sua estada neste educandário, o narrador retoma cronologicamente suas experiências e sentimentos: a relação conflituosa com os colegas, a disciplina opressiva do diretor e dos bedéis, o interesse pelos diversos ramos do conhecimento, os seus envolvimentos amorosos e os demais momentos de solidão e interação com os colegas; até a destruição em chamas do internato premeditada por Américo, o furioso colega recém matriculado.

Araripe Jr. (1978), seu primeiro crítico, compreendeu o romance como um livro de resistência ao meio, em um tom bastante darwinista. Sérgio seria um resistente ao horror da “seqüestração sexual” do internato, não sem surpreender o leitor com suas “mórbidas” sensações íntimas<sup>3</sup>. Em artigo de Mário de Andrade (1974), sublinha-se o conteúdo autobiográfico do livro, interpretando o romance como uma obra de vingança contra o ambiente educacional marcado por uma certa pedagogia vivenciada pelo próprio Pompéia. Na perspectiva de Andrade, o enredo se fixa na escola em caminho bem diverso da literatura contemporânea naturalista e realista marcada por amplas sínteses sociais. A análise de Alfredo Bosi (1988) aponta outro caminho de interpretação possível: ressalta a opacidade do ambiente que caracterizava a vivência de Sérgio, na qual “cada momento narrado esconde um risco iminente ou recorrente” (p. 37)<sup>4</sup>; para o crítico, esta caracterização do “meio”, discutida pelos outros autores, toma uma forma de

<sup>1</sup> Esta e outras passagens foram obtidas a partir de pesquisa realizada em arquivos da Biblioteca Nacional e no CEAC (Centro de Estudos Afrânio Coutinho) pertencente à UFRJ.

<sup>2</sup> Ver figura 1, p. 111.

<sup>3</sup> Que obviamente dizem respeito a suas interações homoeróticas ali vividas.

<sup>4</sup> Durante o texto desenvolvemos a tese de que este ambiente de risco é menos resultado de uma caracterização opaca do que da formação de mecanismos de poder que se definem pela transparência e visibilidade.

interpretação histórica, sendo a violência ali vivida, apesar de não se resumir a isto, representativa do Segundo Império.

Silviano Santiago (2000) ressalta a complexidade do enredo de *O Ateneu*, apontando para as insuficiências de uma interpretação unilateral: “cada análise do romance permitia uma outra interpretação, oposta ou lateral, igualmente válida e justa. Todos os críticos iam tendo razão, sem a ter inteiramente” (p. 67). Para esse autor, adentrar integralmente na obra só é possível a partir das contradições inerentes a ela<sup>5</sup>. Esta leitura do romance viabiliza análises que pretendam superar uma dicotomia entre uma interpretação da obra de Pompéia centrada nas relações internas da escola e outra que atenta para prováveis conexões mais amplas com o contexto sócio-histórico.

O romance era publicado na *Gazeta de Notícias* diariamente, mas foi interrompido a partir do dia 14 de maio de 1888 para voltar quatro dias depois com o capítulo final incendiário no qual o internato se dissipa em chamas. Qual o motivo da interrupção? A *Gazeta de Notícias* aparece tomada nos três dias pela notícia da abolição da escravatura. A atenção ao assunto de tamanha importância é tanta que apenas no dia 17 os leitores do romance recebem uma informação sobre a continuação do romance, no dia seguinte:

A acumulação de matéria urgente tem-nos obrigado a retardar a publicação do último trecho deste romance. O público, nos desculpará tanto mais que temos quase prompta a edição em volume, que será publicada no correr na próxima semana<sup>6</sup>.

No dia seguinte aparece Américo nas folhas do jornal, um furioso aluno no internato de Aristarco que incendia a instituição tão renomada e prestigiada em solenidades pela princesa regente, seu esposo e ministros representantes do Império<sup>7</sup>. O fogo que atravessa o educandário parece a culminação dos ânimos exaltados pela notícia dos dias anteriores. O passado, com toda sua imponência, agora não passa de cinzas.

Uma transformação considerável ocorria na sociedade brasileira que não só deixava para trás a escravatura, como se desenvolvia urbanamente em alguns centros e estabelecia novas tecnologias de poder para dar conta do crescimento demográfico. Forma-se o que Michel

---

<sup>5</sup> Santiago parte da contribuição de Lúcia Miguel Pereira e desenvolve a complexidade de significações que se pode dar à narrativa. Começa com as contradições levantadas pela autora que nos dão o tom do desenrolar do enredo: “misto de romance e memórias”; “oscilava entre as insinuações de Machado de Assis e as ousadias dos naturalistas”; “variava no estilo da sobriedade ao rebuscamento” “parecia um Roman à clef [...], na essência nada mais era do que o drama da solidão” (2000, p. 66).

<sup>6</sup> Ver figura 2, p. 112.

<sup>7</sup> Ver figura 3, p. 113.

Foucault denominou de biopoder<sup>8</sup>: o estabelecimento de um tipo de poder diverso do puramente repressivo e excludente, marcante nos momentos históricos precedentes de nosso país. Observa-se a emergência de um poder de qualidade positiva dirigido pelo Estado, no sentido de cuidar da vida do corpo populacional, gerenciá-lo a fim de controlar endemias e evitar a degeneração da coletividade/nação. Seus efeitos e sua eficácia dependeram em grande parte do desenvolvimento de instituições disciplinares, como a escola, que foram imprescindíveis instrumentos na construção de corpos socialmente úteis (FOUCAULT, 1999).

Baseando-nos em Said (1978) quando afirma que “é possível reconhecer e construir um arquivo internamente estruturado a partir da literatura que retrata e é parte de certas experiências históricas” (p.58), sustentamos a possibilidade de, partindo de *O Ateneu*, reconstituirmos processos sociais importantes que demarcavam a época de publicação do romance. Em específico, como novas tecnologias de poder se inseriam em nosso contexto em instituições escolares da elite, construindo socialmente corpos atravessados pelas categorias de classe, raça, sexualidade e gênero. Para tal objetivo, centramo-nos na interpretação sociológica do romance juntamente com análises históricas que contextualizassem discursos e práticas sociais que se referem ao seu contexto de produção. A consulta ao acervo da Biblioteca Nacional, da Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ e dos arquivos do CEAC (Centro de Estudos Afrânio Coutinho) nos forneceram material importante para o desenvolvimento desta pesquisa.

Um ponto de partida deste texto é a discussão presente nas ciências sociais desde Marcel Mauss sobre o processo de “adestramento social dos corpos”. Em um primeiro momento, focalizou-se a construção social do modo como os homens e mulheres servem-se de seus corpos. Enfatizando a importância da educação neste processo social, o antropólogo francês já afirmava: “o ato se impõe de fora, do alto, mesmo que um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo” (MAUSS, 2003, p. 405). Vemos neste exemplo que as ciências sociais apesar de surgirem amplamente influenciadas pelo paradigma biologicista do século XIX, empenharam-se constantemente em desnaturalizar o mundo social. Especialmente a partir da influência do trabalho teórico de Foucault, enfatizou-se como se desenvolveram complexos mecanismos de controle individualizantes e disciplinares visando não apenas a construção de “corpos dóceis”, mas de subjetividades. A partir de contribuições *queer* vemos a formação de instituições

---

<sup>8</sup> Sobre o biopoder no Brasil, veja Costa, J. (1999), Bocayuva (2007), Miskolci (2005).

disciplinares, como a escola, controlando e agenciando desejos e manifestações sexuais. Contextualizemos:

Na obra de Foucault, a construção dos corpos perpassa sua discussão em que salienta a constituição de tecnologias disciplinares de poder nas sociedades modernas, nas quais o poder se torna uma maquinaria de que ninguém é titular (1979, p. 219). Esta tecnologia de poder se formou nas sociedades modernas a partir das instituições disciplinares: escolas, prisões, hospitais, fábricas; todas amparadas por um padrão arquitetônico que viabilizava uma ampla visibilidade dos corpos, objetivando:

circular os efeitos do poder, por canais cada vez mais sutis, chegando até os próprios indivíduos, seus corpos, seus gestos, cada um de seus desempenhos cotidianos. Que o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a gerir, seja tão eficaz quanto se ele se exercesse sobre um só (1979, p. 214)

Em *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (2007), Foucault descreve a emergência do que denominou de dispositivo de sexualidade, constituído a partir da imbricação entre: (1) estratégias de controle da população pelo Estado (biopoder) visando o corpo populacional e (2) poder disciplinar centrado nos corpos individualizados. Trata-se de um complexo mecanismo de estratégias de saber e poder que se referem à estimulação dos corpos, incitação aos discursos, formação dos conhecimentos, entre outros atributos que visem, em relação à sexualidade, a “inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo” (FOUCAULT, 2007, p. 31). Caracteriza-se por uma heterogeneidade de produção de saber e poder sobre sexo que abrangia desde políticas estatais de previsão, cálculo e intervenção social à disciplina e controle ao nível do detalhe dentro da família e instituições disciplinares.

A inserção do sexo em um sistema de utilidade e regulação social se concretizou especialmente a partir de quatro frentes: a criação da imagem do corpo feminino como perigosamente saturado de sexo, respondendo a ansiedades sociais frente a sua importância reprodutiva; a pedagogização do sexo da criança, ou seja, a fiscalização da sexualidade infantil por seus perigos físicos e morais de conseqüência individuais e coletivas; a socialização de condutas de procriação, pela preocupação de ordem malthusiana; e a psiquiatrização do prazer perverso, responsável pela invenção de padrões de condutas sexuais normais ou patológicas (2007, p. 115-16).

O enredo de *O Ateneu* nos chama atenção para um dos mecanismos estratégicos deste período: a pedagogização do sexo. A preocupação com a sexualidade infantil reverbera nas páginas do romance brasileiro. Aristarco, desde o dia da matrícula de Sérgio na instituição escolar, sinaliza sua principal preocupação com os internos: a “imoralidade”. Palavra: pronunciada com “entonação especial, comprimida e terrível, que nunca mais esquece quem a ouviu dos seus lábios.” (p. 09); que permeia os pensamentos de Sérgio: “Zumbia-me aos ouvidos a palavra aterrada de Aristarco...” (p. 13); que vem a tona quando envolvimento amoroso entre colegas do internato é descoberto pelo diretor. Contra tal ameaça, o pedagogo dirige seu internato rigorosamente, estruturando um sistema de vigilância exaustivo. E se os alunos escapam deste sistema, as punições devem ser severas; diz Aristarco: “Aqui não está a imoralidade. Se a desgraça ocorre, a justiça é o meu terror e a lei é o meu arbítrio! Briguem depois os senhores pais!...” (p. 11)<sup>9</sup>.

Partindo das contribuições de Foucault, a pedagogização do sexo, bem como todo o dispositivo de sexualidade, deve ser vista como intrinsecamente ligada ao biopoder: cabe centrar atenção à sexualidade pelo suposto perigo que oferece uma sexualidade fora das normas à coletividade. Os estudos *queer*, tendo como referência a obra foucaultiana, foram adiante nas conclusões do filósofo pós-estruturalista, enfatizando que tal dispositivo foi responsável pela criação de uma ordem heteronormativa. O que caracterizaria esta ordem? Nas palavras do sociólogo Richard Miskolci:

a heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade. Muito mais do que o *aperçu* de que as relações com pessoas do sexo oposto são compulsórias, a heteronormatividade sublinha um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle até mesmo daqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar a todos para a heterossexualidade ou para organizarem suas vidas a partir de seu modelo supostamente coerente, superior e “natural” (MISKOLCI, 2009a, p. 08).

A Teoria Queer surgiu como uma nova abordagem do estudo sobre sexualidade apontando as insuficiências deste tópico tanto nas ciências sociais canônicas como nos feminismos.<sup>10</sup> O ponto crítico apontado por esta teoria era o pressuposto da heterossexualidade

<sup>9</sup> A análise se centrará na seguinte referência: Pompéia, Raul. *O Ateneu: crônica de saudades*. São Paulo: Ed. Moderna, 1983a. Para que não fique repetitivo, apenas indicaremos as páginas.

<sup>10</sup> Sobre a Teoria Queer e suas relações com os feminismos e os antigos estudos gays e lésbicos consulte MISKOLCI e SIMÕES, 2007. A respeito das complexas relações do *queer* com a sociologia (e a antropologia) veja

como natural, o qual marcava os estudos socioantropológicos centrados em “culturas sexuais” compreendidas como estudos de minoria. Ao manterem o pressuposto heterossexista, tais pesquisas deixavam de problematizar como a ordem sexual contemporânea se baseia no interdependente binário hetero/homo, dentro do qual os sujeitos adquirem inteligibilidade. Tendo como referência a obra *Gramatologia* de Jacques Derrida, os teóricos *queer* se apropriaram criativamente do conceito de complementaridade dentro de uma proposta desconstrutivista em que buscam trazer à luz como o hegemônico e subalterno não são antíteses, mas complementares, ou melhor, interdependentes.

Muito próxima destas descobertas teóricas, a historiadora feminista Joan W. Scott afirma que “homossexualidade e heterossexualidade trabalham de acordo com a mesma economia, suas instituições sociais espelhando uma à outra” (SCOTT, 1998, p. 304). Também compreendeu e explicitou a crítica *queer* de que apenas documentar a experiências de pessoas que se distinguem de uma norma presumida (heterossexual) pode redundar na naturalização das diferenças; assim, “práticas homossexuais são vistas como resultado do desejo, concebido como força natural operando fora ou em oposição a regras sociais” (SCOTT, 1998, p. 302). Desta forma, os estudos das ciências sociais, a despeito de suas intenções construtivistas, terminavam por fazer com que categorias como: “desejo, homossexualidade, heterossexualidade, feminilidade, masculinidade, sexo, e mesmo práticas sexuais tornam-se de tal modo entidades fixas, vivenciadas através do tempo, mas que não são em si próprias historicizadas” (1998, p. 303) <sup>11</sup>.

Na perspectiva *queer*, bem traduzida por Scott em um artigo da segunda metade da década de 1980, trata-se de “compreender as operações dos processos discursivos complexos e mutáveis pelos quais identidades são afirmadas, resistidas ou acatadas...” (SCOTT, 1998, p. 318-319). Postula-se a historicidade das categorias dentro de uma perspectiva que atenta para a posição determinante que ocupam a linguagem e os processos discursivos na formação do sujeito. O sociólogo norte-americano Steven Seidman (1996) amplia tal proposição afirmando que “os teóricos *queer* consideram heterossexualidade e homossexualidade não simplesmente como identidades ou *status* sociais, mas como categorias de conhecimento” (p. 12-13, *tradução nossa*). Sendo assim, o binário hetero/homossexual organizaria a sociedade como um todo,

---

MISKOLCI, 2009b. Há diversas coletâneas estrangeiras sobre estes tópicos, sendo a mais conhecida a organizada por SEIDMAN (1996).

<sup>11</sup> “Cada categoria tomada como fixa trabalha para solidificar o processo ideológico da construção do sujeito, tornando o processo menos e não mais aparente, naturalizando-o em vez de analisá-lo” (SCOTT, 1998, p. 318).

sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos e instituições sociais (SEIDMAN, 1996, p. 13).

A construção desta ordem social heteronormativa em que a inteligibilidade se dá a partir do binário hetero/homo foi produto de um processo histórico cujos aspectos gerais foram apresentados por Foucault no primeiro volume de *História da Sexualidade*, mas recentemente analisado em detalhe e na especificidade da invenção do homossexual pelo historiador *queer* David M. Halperin. O autor de *How to do the history of homosexuality* (2000) corrobora a tese de Foucault de que a homossexualidade é uma invenção moderna, o que não significa afirmar a inexistência de relações sexuais entre iguais em momentos precedentes, mas a ausência de uma categoria de discurso em sociedades pré-modernas ou não ocidentais que abrangessem exatamente da mesma forma comportamentos sexuais, desejos e subjetividades. Em uma análise genealógica, Halperin ressalta a existência de categorias prévias à figura do homossexual que surgiu em 1869 pelo ativista austríaco Karl Maria Kertbeny e que foi explorada desde o final do século XIX por um saber médico. Anteriormente a tal identidade, as categorias identitárias eram marcadamente interrogadas por um sistema de gênero em que a expressão da sexualidade ficava em segundo plano<sup>12</sup>. Foi necessária a invenção da categoria homossexual para criar uma outra forma de regulação social da subjetividade:

homo e heterossexualidade se tornaram mais ou menos formas mutuamente exclusivas de subjetividade humana, de diferentes tipos de sexualidade humana, e qualquer sentimento ou expressão de desejo heterossexual é pensado de forma a excluir qualquer expressão ou desejo homossexual no mesmo indivíduo (HALPERIN, 2000, p. 112, tradução nossa)

Voltando-nos ao nosso objeto, o que nos interessa analisar é a forma como este novo dispositivo de sexualidade construía corpos masculinos de escolares a partir de uma base heteronormativa que se impunha. Interessa-nos ver de que maneira o binário hetero-homo se inseria em nosso contexto e o quanto ainda exerciam influência as categorias de identidade pré-homossexual. Segundo Joshua Gamson, a escola é um dos veículos importantes da heteronormatividade. Coerente com uma proposta *queer*, trata-se de pesquisar “como determinadas instituições [como a escola] trabalham a heterossexualidade e o gênero, e com que efeitos materiais” (GAMSON, 2006, p. 356). O enredo de *O Ateneu* é marcado por paixões e

---

<sup>12</sup> O sodomita viril (praticante de intercurso sexual com outros homens), por exemplo, não era entendido como possuindo uma subjetividade específica por sua prática sexual e se diferenciava profundamente do homem considerado efeminado por excesso de heterossexualidade que na maioria das vezes era mais perseguido pelo sistema de gênero vigente. Tais relações serão aprofundadas em capítulos posteriores.



flertes que não são compreendidos da mesma forma. Não recebem a mesma problematização justamente porque se referem a um momento de construção de uma ordem heteronormativa no Brasil que se modernizava. Desta forma, podemos captar através do romance quais são as especificidades contextuais destes novos mecanismos de regulação da sexualidade.

No Brasil, bem como em outras sociedades pós-escravistas, há uma imbricação entre dispositivo de sexualidade e racialização. A particularidade nacional era entendida, em fins do Segundo Império, conectada à noção de raça, difundida pelo pensamento darwinista-social europeu da segunda metade do século XIX e encontrando recepção entre os pensadores brasileiros com a aproximação da abolição da escravatura. A preocupação com a miscigenação possivelmente degenerativa e o ideário de branqueamento que perpassavam as reflexões sobre a questão nacional, moldaram a forma como o dispositivo de sexualidade se inseriu em nosso contexto.<sup>13</sup> Enquanto na Europa a preocupação com a degeneração, através da hereditariedade, centrava-se nas figuras do alcoólatra, prostituta e sífilítico, em nosso contexto, o risco se volta contra o perigo da decadência da coletividade via procriação inter-racial<sup>14</sup>. Beluche (2006) constata que na década de 1880, na qual a abolição se fazia iminente, há uma proliferação de teses médicas sobre sexualidades “perigosas” para o corpo populacional, muito associadas à categoria raça. Desta forma, nos apoiamos em Avtar Brah, ao afirmar que: estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída e constitutiva dela (BRAH, 2006, p. 351).

Se Foucault ressalta que o dispositivo se inseriu no contexto europeu primeiro nas classes dominantes, moldando corpos “sadios” e diferenciados e assim sustentando a dominação de classes, em nosso contexto ele está articulado a um projeto racializador, construindo corpos de uma elite branca afastada do risco de degeneração com o contato com uma população pobre e “negra” e diferenciando-se desta. Este é um aspecto essencial da peculiaridade da nova ordem sexual no Brasil finissecular que pode ser acessada por meio do enredo de *O Ateneu*. Nas

---

<sup>13</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre a questão racial e a construção da nacionalidade brasileira no que se refere à miscigenação e o ideal de branqueamento consulte Moutinho, 2004.

<sup>14</sup> A discussão sobre a imbricação entre dispositivo de sexualidade e darwinismo-social percorre as pesquisas do projeto temático do qual faço parte, coordenado pelo meu orientador Prof. Dr. Richard Miskolci: *Ciências, Literatura e Nação: o darwinismo-social e a emergência do dispositivo de sexualidade no Brasil (1870-1930)*.

palavras do narrador Sérgio, o público frequentador do Ateneu representa a “fina flor da mocidade brasileira”:

não havia família, de dinheiro, enriquecida pela setentrional borracha ou pela charqueada do sul, que não reputasse um compromisso de honra com a posteridade doméstica mandar dentre seus jovens, um, dois, três representantes abeberar-se à fonte espiritual do Ateneu (p. 04).

Em suma, através de uma análise sociológica de *O Ateneu*, buscar-se-á reconstituir aspectos importantes de uma nova ordem sexual heteronormativa que se impunha no Brasil do final do século XIX através da imbricação entre categorias sexualidade, gênero, classe e raça. Para este objetivo, partir-se-á no primeiro capítulo da trajetória social de Raul Pompéia para compreendermos quais são as bases sociais nas quais este escritor trouxe ao discurso literário a sexualidade dissidente em um momento de efervescência político-cultural. No segundo capítulo, adentraremos a fundo na narrativa articulando-a com discursos e práticas sociais relativas ao controle da sexualidade do período, a fim de uma reconstituição de um de seus elementos estratégicos: a pedagogia do sexo da infância da elite brasileira.

## CAPÍTULO 1: Uma análise sociológica de *O Ateneu*

### Raul Pompéia: literatura como sócioanálise<sup>15</sup>

Em Raul Pompéia, havia efetivamente -, e quantos o conhecerão poderão bem, dar testemunho disto -, uma vibratilidade nervosa excessiva, superaguda, quase mórbida. A sua retina intellectual era de uma impressionabilidade exaggerada, e para os pontos affectados desta visão em que se retratarão as cousas e factos, prodigiosamente augmentados, elle se concentrava inteiramente, deixando-se absorver, aniquilar por completo<sup>16</sup>

Era dia 26 de dezembro de 1895 quando esta descrição de Raul Pompéia ocupava a primeira página do renomado *Jornal do Commercio*, um dia após seu suicídio. Poucos meses antes, no *Commercio de São Paulo*, aparece um artigo de Luís Murat criticando incisivamente o autor de *O Ateneu* em seu posicionamento público engajado pró Floriano Peixoto no sepultamento do próprio “marechal de ferro”. Em um tom denegridor, bem diverso da homenagem do jornal carioca supracitado, sua mensagem traz uma descrição similar sobre Pompéia: “O que me parece é que se trata de um caso de doença moral. O jacobinismo é um fenômeno mórbido, tão profundamente característico como o do nihilismo russo” (MURAT apud CAPAZ, 2001, p. 236-7). Há pouco mais de cinco anos antes, em 8 de outubro de 1890 *O Estado de São Paulo* noticia com ênfase a futura participação do cronista caracterizado como o “esquisito novelista do Ateneu”<sup>17</sup>. O nervoso, o radical e o estranho são qualidades que se fundem na personalidade doentia de Pompéia sob o olhar de seus contemporâneos.

A imagem do escritor permanece tecida em termos patológicos durante o século XX por seus biógrafos e críticos. Mário de Andrade, em 1935, retoma a questão – já levantada por seu amigo Rodrigo Octavio (1978) – de Pompéia não travar nenhuma relação de amizade íntima, bem como não conseguir narrar em sua obra prima nenhuma forma “verdadeira” de amizade, que não recaia em “imoralidade”. Sobre isto, especula: “é possível que ele arrastasse consigo algum segredo mau, uma tara, uma desgraça íntima que jamais teve forçar para aceitar lealmente e

<sup>15</sup> Este subtítulo se inspira na afirmação de Pierre Bourdieu de que o aspecto biográfico, quando transferido para a esfera literária e estilizado, se torna objetivação de si, auto-análise, ou melhor, nos termos do sociólogo francês: sócioanálise (BOURDIEU, 2005, p.40).

<sup>16</sup> Ver figura 4, p. 114.

<sup>17</sup> Note-se na notícia que a “esquisitice” de Pompéia está diretamente relacionada ao romance, sendo que todos os outros trabalhos citados do autor são dignos de elogio: “Damos aos nossos leitores a grata notícia de que Raul Pompéia vai ser nosso correspondente no Rio”; “Raul Pompéia, o delicado burilador das Canções Sem Metro, o esquisito novelista do Ateneu, o cintilante folhetinista do Jornal do Commercio, é atualmente um dos melhores e dos mais originais prosadores brasileiros”.

converter a elemento de luta e de realização pessoal” (p. 177). Afonso Schmidt (1963), referindo-se aos seus tempos de estudante em São Paulo, vincula o engajamento abolicionista do autor com sua suposta sensibilidade doentia:

O futuro autor de ‘O Ateneu’ era uma sensibilidade aguda, talvez doentia, que malbaratou as mãos rotas as delicadezas do coração e a vertiginosa inteligência em prol de aspirações altas e puras. Tanto assim que, acuado e perseguido de perto, com 32 anos apenas, não resistiu e... (p. 12).

Sobre seu discurso florianista no dia do enterro do “marechal de ferro”, Brito Broca (1956) enfatiza: “Emprestava-se a Raul Pompéia, cujas atitudes extremadas eram proverbiais, uma linguagem demasiado violenta e chocante no caso. Parecia desvairado no seu afã de atacar o governo” (p. 69). Afrânio Coutinho (1981), falando de sua participação assídua nas rodas literárias do período atenta para “seu temperamento esquisito, sujeito a constantes mutações de humor acessível a súbitos impulsos de cólera, que levavam a choques e desentendimentos com os companheiros” (p. 15-16).

Das biografias mais antigas como a de Rodrigo Octavio até a mais recente de Camil Capaz (2001), Raul Pompéia aparece como uma criatura estranha; desde suas características físicas como portador de um estrabismo exagerado, passando pelo seu comportamento *sui generis* de um recatamento exaustivo – não tendo se relacionado amorosamente com nenhuma mulher –, até seu nervosismo extremo, sua sensibilidade aguçada que muitas vezes consiste na explicação de seu radicalismo político, seu nacionalismo exaltado e seu florianismo convicto.

A construção literária da pessoa de Raul Pompéia foi amparada por um modelo paradigmático da psiquiatria do século XIX e as mesmas descrições continuaram aceitas com suaves mudanças durante as narrativas biográficas do século XX. Fazia-se dentro de uma episteme naturalista que subordinava o modelo de compreensão de comportamentos aceitáveis e desviantes de uma norma socialmente presumida a partir da oposição interdependente entre normalidade/patologia<sup>18</sup>. A figura doentia atribuída ao escritor permitia associar suas distintas experiências como ativista engajado ligado às figuras mais radicais do abolicionismo paulista, nacionalista e florianista fervoroso ou como autor de um romance que ganhava as páginas de um jornal através de um enredo rico em situações homoafetivas. E corroborando esta imagem-

---

<sup>18</sup> Antes que um dado natural e evidente, a presunção da normalidade ou patologia é resultado de discursos e práticas sociais. Entendidas como categorias que só existem em relação de oposição entre uma e outra, são fruto de um processo histórico de consolidação de uma sociedade burguesa. Estão vinculadas a formas de regulação dentro deste binário sustentadas pela legitimidade do saber médico que as naturaliza através da pressuposição de que se trata de um saber neutro e científico. Ver Miskolci, 2003a.

síntese, se suicida, o que acentuaria sua caracterização patológica segundo os discursos científicos da época:

Um artigo de Esquirol numa enciclopédia médica de 1823 estabeleceu o conceito de suicídio e, a partir de então, o fenômeno tornou-se uma questão para os médicos. Já em meados do mesmo século, tornar-se-ia corrente a idéia de que todos os casos de suicídio eram precedidos por sintomas de insanidade. Dessa forma, os médicos passaram a especular sobre o passado dos indivíduos como contendo o segredo sobre o que os levou à autodestruição (MISKOLCI, 2005, p. 11).

Para além desta interpretação biologizante corrente, constatamos que Raul Pompéia representava uma figura pública no fim de século brasileiro, por isso muita atenção foi direcionada a ele em páginas de jornal, seja em polêmicas políticas, seja em insinuações vexaminosas de sua vida íntima. Reconhecido hoje como um autor canônico da literatura brasileira, sua notoriedade se estende para além da esfera das letras nacionais. Além de romancista, era novelista, um cronista de primeira mão, um intelectual engajado, escultor e desenhista<sup>19</sup>.

Ao adentrarmos na prosa de Pompéia logo percebemos que sua compreensão se enriquece quando a associamos à sua trajetória social. Não se trata de enfatizar traços puramente biográficos, mas em uma perspectiva sociológica, relacioná-los com o contexto social em que estava inserido. Objetivá-lo, atentando para os riscos das interpretações pautadas nas análises que colocam o foco no sujeito, negligenciando os condicionamentos sociais. Afirma o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2005):

Tentar compreender uma carreira ou uma vida como uma série única e em si suficiente de acontecimentos sucessivos sem outro elo que não a associação a um 'sujeito' cuja constância não pode ser mais que a de um nome próprio socialmente reconhecido é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (p. 292).

O cenário das letras brasileiras do final do século XIX não possuía autonomia, escritores dedicavam-se, em muitos casos, não apenas à literatura, mas a outras profissões, especialmente a médica ou a jurídica, bem como, participavam exaustivamente da vida política, como é o caso de Pompéia.

Consideramos que uma análise feita a partir do conceito de campo de Pierre Bourdieu se revela deslocada no tempo e no espaço no contexto brasileiro da época além de tender a uma

---

<sup>19</sup> Pompéia era reconhecido como um bom desenhista, autor de uma capa de *Casa de Pensão* de Aluísio Azevedo, era caricaturista e desenhava charges com fundo político em jornais. O escritor criava o desenho das personagens de suas obras de ficção, com *O Ateneu*.

sociologia dos intelectuais e suas disputas em detrimento do que é nosso objetivo aqui: desenvolver uma análise sociológica e histórica da produção literária como meio privilegiado para acessar aspectos sociais ausentes ou vistos de forma parcial por meio de outros documentos. Consideramos que trazer o aparato conceitual de Bourdieu para o Brasil oitocentista significa ir de encontro à sua própria metodologia que preza a aliança entre construção teórica e defrontação constante com objetos empíricos.<sup>20</sup>

De qualquer forma, o ponto de partida bourdieusiano continua pertinente aos nossos objetivos no sentido de buscar compreender o “espaço de forças estruturado que molda a capacidade de ação e de decisão de quem dele participa” (MARTINS, 2004, p. 64) articulado com a trajetória social, ou as *disposições*, dos envolvidos. Portanto, partir-se-á da trajetória de Pompéia em relação aos limites do espaço social; é com relação a este “que se determinam em cada momento o sentido e o valor social dos acontecimentos biográficos...” (BOURDIEU, 2005, p. 292).

### **A inserção de Pompéia no contexto sócio-político do fim de século**

A segunda metade do século XIX foi marcada por transformações consideráveis da sociedade brasileira. A urbanização se consolidou nos grandes centros desde a vinda da Corte de Portugal para o Brasil em 1808, a abertura dos portos e conseqüente integração do Brasil nas correntes internacionais de comércio. Acentuou-se em 1822, com a Independência. Percebe-se o aumento de funções burocráticas e políticas nas capitais das províncias, além da fundação de algumas faculdades (em Recife, Rio de Janeiro e São Paulo) visando criar uma elite capaz de governar. Junte-se a isto a expansão da lavoura cafeeira monocultora, que em contraste com o latifúndio auto-suficiente da colônia era um importante estímulo ao comércio interno. Constatase também a instalação de ampla rede ferroviária e aparecimento de primeiras indústrias. Nota-se o enfraquecimento das bases econômicas do escravismo, especialmente depois da proibição do tráfico em 1850. Enquanto o trabalho livre tornou-se mais viável e lucrativo em certas áreas,

---

<sup>20</sup> Reconhecemos a contribuição teórico-metodológica da obra do sociólogo francês, mas compreendemos que pensar em um campo literário exigiria problematizar a forma como este desenvolveu sua teoria em *Regras da Arte*, ou seja, inextricavelmente ligada com o processo de autonomização do campo artístico-intelectual na França de Gustave Flaubert. Objetivar um artista a partir deste conceito significa concebê-lo dentro de um microcosmo social autonomizado, não sendo isolado das outras esferas da sociedade, mas que refrata suas influências através de suas regras específicas desenvolvidas historicamente.

como no modernizado oeste paulista, verifica-se com o aprofundamento da complexificação social brasileira, um aumento de populações urbanas que não dependiam economicamente de forma direta do trabalho escravo.

Se, por um lado, o regime de trabalho mostrava iminentes sinais de esgotamento, por outro, o sistema político se encontrava descompassado com as transformações da sociedade. Setores que então se tornavam importantes, social e economicamente, tinham pouca representação no parlamento. Isto deu margem a desigualdades na representação política da nova elite em formação: “as novas elites urbanas não se sentiam suficientemente representadas e os fazendeiros das áreas cafeeiras mais novas, que produziam boa parte da riqueza do país sentiam-se peados pelas estruturas políticas do Império.” (COSTA, E., 1999, p. 15)

Na década de 1870, o controle dos recursos políticos estava nas mãos do Partido Conservador (representante dos estamentos senhoriais de Pernambuco e Bahia, além de cafeicultores do Vale do Paraíba). Não obstante, nesta mesma década de gabinetes conservadores, assistiu-se às reformas de Visconde do Rio Branco, caracterizadas por um viés liberal e modernizador, temendo o desmoronamento da ordem imperial. Porém, estas reformas sofreram restrições no parlamento e foram freadas nos ministérios seguintes. Segundo Angela Alonso:

a percepção da necessidade de reformas essenciais na organização da economia e do sistema político e o temor de abalar as instituições e a ordem social abriram para uma crise que desestabilizou o precário equilíbrio entre as facções da elite imperial e enfraqueceu o regime monárquico (ALONSO, 2002, p. 42).

Frente à hegemonia conservadora no executivo e legislativo, formam-se, juntamente com o Partido Republicano, novos grupos, marginalizados politicamente, que desenvolvem formas de mobilização até então inéditas, abalando profundamente as formas de fazer política do Segundo Império, restritas à discussão cavalheiresca nas câmaras da Corte. Recorrem a estratégias de mobilização fora das instituições políticas, organizando comícios, passeatas, intervenções públicas, além de intensa publicação de livros de doutrinas e participação ativa na imprensa independente. Tais grupos seriam posteriormente denominados de Geração 1870. Tinham em comum a crítica às instituições, valores e práticas fundamentais do regime imperial, que os marginalizava e que apresentava sinais de esgotamento. Neste sentido, incorpora-se certo repertório intelectual estrangeiro (Positivismo, Evolucionismo, etc.) que permitiu a elaboração de respostas aos dilemas estruturais do país (especialmente sobre o regime de trabalho e

representação política), para que exprimissem seus anseios políticos. Portanto, suas construções teóricas funcionavam como armas de combate, recursos de legitimação de suas reivindicações por reformas (ALONSO, 2002).

No entanto, há que se ressaltar que estes grupos eram fundamentalmente contestadores e reformistas: optavam por mudanças negociadas e paulatinas, exorcizavam as soluções revolucionárias (as teorias da revolução, disponíveis em fins do século XIX, não são incorporadas pelo movimento). Defendiam a constituição de uma *intelligentsia* para comandar as mudanças.

Podemos afirmar que a Geração 1870 era marcada por duas características centrais: renovação filosófica e cultural e crítica ao *status quo* saquarema e suas principais instituições (o escravismo e a monarquia)<sup>21</sup>. Estes dois elementos devem ser entendidos como imbricados na medida em que nos detemos na abrangência do cenário intelectual oitocentista brasileiro, marcado pela não separação delimitada entre campo literário, político e intelectual. Nas palavras de Alonso, “eram os mesmos grupos que davam a espinha dorsal da movimentação política e da agitação intelectual: comícios abolicionistas e/ou republicanos, concursos literários, grupo de estudos, saraus e efemérides literárias, banquetes e passeatas.” (ALONSO, 2002, p. 283) Reinterpreta-se a tradição cultural nacional, deslegitima-se o nacionalismo indianista (representação luso-tupi é substituída por uma tríade na qual entra o africano), criam-se novos símbolos e heróis nacionais.

Pompéia, nascido em 1863, oriundo de família da elite fluminense<sup>22</sup>, teve sua juventude marcada por tal período efervescente e desde cedo adentrou na defesa da abolição da escravatura e da república. Seu primeiro artigo abolicionista remete aos tempos de aluno do Colégio Pedro II, juntamente com suas primeiras leituras de Darwin e Spencer, referências fundamentais no debate intelectual da época. Seu engajamento efetivo se deu em sua formação na Faculdade de Direito em São Paulo, em especial pelo ambiente social que ela proporcionava:

---

<sup>21</sup> Alguns teóricos como Ventura (1991), Schwarcz (2001), Miskolci (2003a) chamam atenção para a importância estratégica da utilização da categoria raça por esta geração em um período de preocupação com a formação de uma identidade nacional, sendo um vetor de diferenciação social. Em outro enfoque, Angela Alonso (2002) postula que o repertório intelectual selecionado por esta geração dizia respeito a sua marginalização política neste período conservador. As possíveis tensões teóricas que existem entre estas abordagens não serão abordadas neste texto, pois foge dos objetivos aqui tratados.

<sup>22</sup> Nascido em 12 de abril de 1863 em Angra dos Reis, morou em casa-grande na fazenda de seu pai: Antônio Pompéia, juiz da comarca daquela região. Viveu por lá com sua mãe, Mathilde Umbelina de Castro Pompéia, e irmãos até a família mudar para a Corte, onde teve contato com os melhores colégios do país como o Colégio Abílio da Corte e o Colégio Pedro II.



Um novo modo de pensar não veio pelo banco escolar, mas pela ambiência intelectual de seu entorno: o Partido Republicano, as sociedades literárias e científicas, a maçonaria, os novos jornais, e mesmo por um certo tipo de professor, pouco propenso ou sem acesso à carreira política, que formava sociedades de estudo (ALONSO, 2002, p. 121- 122).

Sua estada em São Paulo é marcada pela participação em pequenos jornais abolicionistas, através dos quais rivalizava com republicanos escravocratas e também pela publicação da novela *As Jóias da Coroa* (1882), uma paródia sobre a vida de Pedro II e seus próximos na Corte. Em seu enredo, nota-se a proximidade do nome das personagens com figuras representativas do Império, tal como a personagem conde d’Etu referenciando-se a conde d’Eu, bem como o Palácio de Santo Cristo representando o Palácio de São Cristóvão.

O futuro autor de *O Ateneu* se envolvia profundamente na causa abolicionista. Pode-se dizer que sua vida em São Paulo foi marcada pelo mal desempenho escolar e participação intensa na propaganda abolicionista (SHMIDT, 1963). Funda o jornal *Ça-Ira* com Alcides Lima, Ernesto Correia, Macedo Soares e Brasil Silvado. Neste folhetim, legitimam o homicídio do proprietário pelo escravo. Em artigo escrito em 1882 no folhetim *O Novo Distrito*, intitulado Srs. Escravocratas, o escritor dizia enfaticamente: “todo homem escravizado tem o direito do punhal”; “a idéia da insurreição indica que a natureza humana ainda vive” (p. 61).

Luís Gama<sup>23</sup> é uma das influências mais importantes do abolicionismo de Pompéia. Sobre o qual, escreveu vários artigos em jornais em diversas épocas de sua vida. Ainda em São Paulo publicou uma novela inacabada com o nome de *A Mão de Luís Gama* cujo enredo parte da personagem principal César Franklin que cursava Academia de Direito de São Francisco – louro de distinta família, de distinta educação, porém decadente, do Rio de Janeiro. Luís Gama aparece como personagem deste romance, amigo de Franklin, mandando uma carta a este. A morte do advogado negro deu origem a artigo em jornal no qual Pompéia escreve sobre sua proximidade pessoal com o ex-escravo:

então Luís Gama morrera! Aquele jovial, aquele folgazão, aquele ameno, com quem eu estivera, não havia três dias, no escritório, ouvindo-lhe umas coisas filosóficas e amargas, envoltas em ironias sem veneno, em pilhérias desenluvadas, mas justas, a

---

<sup>23</sup>Luís Gama foi uma das figuras abolicionistas eminentes do cenário paulista. Baiano de nascimento, filho de uma negra livre, foi vendido como escravo por seu pai de origem portuguesa. Alfabetizou-se e conseguiu sua alforria. Estudioso, tornou-se rábula, advogado não formado, o que naquela época era permitido. Posicionou-se em jornais contra a escravidão e empreendeu todas as forças pelos meios legais no intuito de defender escravos e ex-escravos. Foi responsável pela libertação de inúmeros cativos. Era conhecido pelo seu posicionamento radical para o período, conforme vemos em seu posicionamento em um julgamento ocorrido em Araraquara, suspenso pelo júri após a fala do advogado negro. Disse Gama: “O escravo que mata o senhor, seja em que circunstância for, mata sempre em legítima defesa” (BENEDITO, 2006, p. 52).

propósito de que o haviam exilado para o fundo do seu gabinete de advogado (POMPÉIA apud SHMIDT, 1963, p. 129).

No *Jornal do Commercio* de 25 de agosto de 1883 noticia-se a Grande Procissão Cívica ao túmulo de Luís Gama no dia seguinte. Na organização consta Raul Pompéia, Antonio Bento, João Fernandes da Silva, Abílio Soares, representantes da comissão executiva do centro abolicionista. Antonio Bento é considerado por Pompéia o seguidor de Luís Gama na causa abolicionista e assim, elogiado em crônica pelo escritor que o conheceu e com o qual manteve relações. Segundo Lilia Moritz Schwarcz (2001), após a morte do advogado combativo, Antonio Bento se tornou o principal “ativista” contra a escravidão. A autora, analisando jornais paulistas do final do século XIX, chama a atenção para um jornal bastante diverso dos outros: *A Redempção*, liderado por Antonio Bento e enfaticamente abolicionista. Mais do que isto:

tratava-se de um jornal ligado ao grupo dos caifazes, que praticavam o que na época era denominado como ‘abolicionismo ilegal’, já que seus membros não se apoiavam só nos ‘benefícios da lei’, mas antes buscavam, através de formas mais diretas, como incitamento à fuga, chegar à libertação total de grupos de escravos (SCHWARCZ, 2001, p. 86).

Nas palavras da antropóloga:

Antônio Bento, juntamente com seu grupo, começou a atuar com grande frequência, incentivando fugas e criando todo um sistema de proteção aos escravos evadidos. Havia inclusive uma hierarquia montada, já que alguns elementos eram responsáveis pela fuga dos escravos das fazendas, patrocinando as próprias evasões, e outros incumbiam-se de colocá-los em abrigos seguros (p. 87).

É importante salientar como o engajamento abolicionista de Pompéia não se deu a partir de um posicionamento receoso que defendesse a abolição como um processo paulatino e que preservasse uma distância entre uma *intelligentsia* e o povo a ser comandado, mas através da defesa de sua solução imediata e admiração deste contato direto com os escravos. Há quem afirme que Pompéia participou diretamente do auxílio às fugas dos escravos. No mínimo, é patente sua simpatia em artigo de 27 de agosto de 1888 intitulado *Antônio Bento*:

Houve infinitos esforços de todas as estratégias, de todos os terrenos, de todas as categorias. A luta de Antônio Bento em São Paulo é a mais interessante. O seu sistema era a emboscada, o segredo, o repente da aparição, a espantosa audácia, o atrevimento burlesco às vezes, que aterrava e fazia rir. E conseguiu, segundo a lição de Luís Gama, estender por toda a província o aparelho nervoso de seus expedientes (POMPÉIA, 1982, p. 263).

Perseguido politicamente juntamente com outros estudantes engajados é reprovado em disciplina, então se transfere para a Faculdade de Recife para terminar seus estudos. Nas palavras de Afranio Coutinho:

reprovado no terceiro ano (1883) por perseguição de um professor, segue com 93 acadêmicos para Recife, a fim de concluir o curso jurídico, e aí encontra o ambiente intelectual sob a influência de Tobias Barreto, que não parece ter causado grande impressão em Pompéia, já com o espírito formado pela escola francesa (1981, p. 14).

A escola de Recife é marcada a partir da década de 1870 pela construção de uma nova concepção de direito: aliada à biologia evolutiva, às ciências naturais e a uma antropologia física e determinista. A partir deste período, contesta a teoria do direito natural, a qual é baseada em ordem social rígida e imutável e introduz um discurso secular e temporal baseado nos modelos evolucionistas e social-darwinistas. Os integrantes desta escola, dos quais se destacam Tobias Barreto e Silvio Romero, consideravam-se representantes da vanguarda científica do país. Percebe-se a elaboração de estudos que vêm na raça um elemento fundamental de análise (SCHWARCZ, 1993, p.156) e a teorização da nacionalidade brasileira a partir da mestiçagem.

No Recife, Pompéia escreve *Alma Morta* e *Canções sem Metro*, obras influenciadas pelo ideário darwinista-social da Faculdade. Porém, seu pensamento expresso em obras literárias, crônicas e especialmente posicionamentos políticos, durante toda a sua vida, parecem tender às influências de seu grupo abolicionista de São Paulo, como atesta Coutinho dentre outros biógrafos. Seu período em Pernambuco foi marcado por um surto de febre amarela, do qual muitos de seus colegas morrem. A morte após febre da personagem Franco em *O Ateneu* é considerada como uma referência a este período de sua vida. Rodrigo Otávio (1978), seu companheiro de moradia, conta que deixaram a Rua do Livramento para ir morar em Caxangá: “libertados de freqüentar as aulas, pelo regime do ensino, vivíamos em Caxangá, numa tranqüila despreocupação” (p. 194). Longe da vida acadêmica, ressalta que sua leitura, muito influenciada pelo autor de *O Ateneu*, não eram os “compêndios da escola e os volumes em voga”, mas o “engenho e pensamento universais” (p. 195).

Formado em Direito, passando pelas duas instituições de formação na área jurídica do Brasil, Pompéia se estabelece no Rio de Janeiro para se consolidar progressivamente como um cronista de renome. Contribuiu para os jornais *Gazeta da Tarde*, *Jornal do Commercio*, *Diário de Minas* e posteriormente até *O Estado de São Paulo*. Junto com esta atividade, Pompéia é nomeado secretário da Escola de Belas Artes e posteriormente diretor da Biblioteca Nacional. Neste período, publica seu romance de maior repercussão até os dias de hoje no jornal *Gazeta de Notícias: O Ateneu* (1888). Toda a contribuição do escritor, tanto em suas narrativas ficcionais

como em seus textos políticos, está envolvida nos parâmetros da discussão da época, marcadamente influenciada pelo paradigma das ciências biológicas.

### **O Darwinismo-social à brasileira**

Segundo Dain Borges, a intelectualidade da época compartilhava um diagnóstico de degeneração sobre nosso país, o qual era muito difundido na literatura naturalista contemporânea de Raul Pompéia. Em princípio, as idéias de degeneração foram absorvidas e espalhadas pela medicina do período que, por sua vez, se relacionava diretamente com a produção ficcional: “A educação médica era tanto literária e retórica quanto prática e a escrita médica freqüentemente emprestava imagens da literatura romântica e naturalista, assim como estas tomavam emprestado imagens da medicina” (BORGES, 2005, p. 49).

Este diagnóstico tem sua origem na segunda metade do século XIX, quando se observa a difusão de um ideário darwinista-social. Neste referencial, fenômenos, comportamentos e processos sociais são compreendidos a partir de um paradigma naturalista, segundo o qual a base explicativa da sociedade ancora-se na composição biopsicológica dos indivíduos ou raças. Esta perspectiva “biologizante” se ancora em alguns pressupostos explicativos: a idéia de “luta pela existência” frente a recursos limitados e a crença na hereditariedade de traços físicos e comportamentais como essencial a esta competição que resultaria na “sobrevivência dos mais aptos”. O discurso darwinista-social serviu para justificar desigualdades sociais dentro da Europa bem como sustentou práticas imperialistas. Não menos importante, criou enquanto abjetos os sujeitos sociais que não se adequassem à norma burguesa: alcoólatras, prostitutas, sifilíticos, homossexuais, etc..<sup>24</sup>

Nas palavras de Miskolci (2005), os teóricos darwinistas-sociais “foram os principais responsáveis pela naturalização do que foi social e historicamente criado e por criar uma classificação que unificava todos os tipos de desvio sob um termo tão genérico quanto

---

<sup>24</sup> Tal corrente de pensamento desembocou na Eugenia: “ciência da proteção da hereditariedade, a eugenia criou teorias e práticas para o controle da reprodução humana, incentivou a segregação de grupos considerados racialmente inferiores como judeus, ciganos e outras minorias étnicas como pregou a esterilização dos portadores de deficiências, de doentes mentais e mulheres pobres em geral” (MISKOLCI, 2005, p. 18-9). No Brasil, as idéias eugênicas foram incorporadas de forma criativa resultando em um higienismo que, segundo Borges, marcou a Primeira República.

assustador: degeneração” (p. 17). Trata-se de um conceito chave, “um rótulo que carregava consigo o fardo de uma condição congênita, portanto sem a menor possibilidade de cura e diante da qual nenhum esforço humano valeria a pena” (p. 18). O degenerado era tematizado de forma exaustiva em sua diversidade de tipos, pois apresentava um risco à coletividade.

Esta corrente de pensamento foi responsável pelo desenvolvimento do lado sombrio daquilo que Foucault (1999) denominou de biopoder. O filósofo francês atenta para transformações no poder político na consolidação de uma sociedade moderna. Antes, a sociedade ocidental era marcada pelo predomínio de um poder soberano, baseado no direito do governante de matar, especialmente quando o domínio de seu poder era ameaçado. Já nas sociedades modernas, efetiva-se uma estatização do controle da espécie humana (biopoder). O que importa agora é cuidar da vida, regulamentar um desenvolvimento saudável do corpo populacional que crescia em níveis consideráveis. Desenvolve-se certo tipo de racismo de Estado, que tende a controlar e eliminar aquilo que representa um risco de corromper a população. Concebe-se uma nova configuração da manifestação do poder que tem em vista a administração salutar da coletividade. Neste contexto, o degenerado era alguém que deveria ser privado da convivência com indivíduos “normais”, ao mesmo tempo em que responsabilizado pelo diagnóstico de “queda” de uma perfeição humana original<sup>25</sup>.

A crença na degeneração tem uma longa história e pode ser caracterizada, segundo Borges, como “um termo ‘guarda-chuva’, inclusivo, muito usado” (p. 44). Em outros termos, o uso da palavra degeneração se expandiu menos pautado por um rigor conceitual do que por uma difusão acrítica. Em geral, ela carregava o “sentimento de que o passado foi melhor, de que o presente era declinante ou decaído de um tipo mais perfeito, de que havia acontecido uma perda de status, de lugar, ou de energias distintivas” (BORGES, 2005, p. 44). Seu uso remonta ao século XVIII, com Buffon, mas se tornou progressivamente mais popular a partir de meados do século XIX, com Gobineau, o qual “definia a degeneração como o processo histórico inevitável no qual raças conquistadoras puras através da mistura com raças inferiores puras perdem suas qualidades especiais e energia” (BORGES, 2005, p. 45); e Bénédict-Augustin Morel que tratou a degeneração como uma síndrome do declínio psiquiátrico que se desenvolveria hereditariamente.

---

<sup>25</sup> O século XIX foi marcado na Europa pela preocupação com a desordem social e decadência, frente aos problemas advindos da industrialização e urbanização, e ao temor de contágios por doenças exóticas e misturas com raças consideradas inferiores. Desenvolve-se um discurso de perigo e perversão com fundo determinista racial e crença na tendência social à decadência (BORGES, 2005; MISKOLCI, 2003a).

No fin-de-siècle, degeneração era um conceito consolidado e figurava como central em obras celebradas como as de Max Nordau (*Degeneration*, 1892) e Gustave Le Bon (*A Multidão*, 1895).

Pompéia era, como seus contemporâneos, leitor assíduo de teóricos darwinistas-sociais cuja influência é perceptível no conteúdo de *Canções sem metro*, *Alma Morta* e mesmo em *O Ateneu*. Se o termo degeneração não aparece freqüentemente nos escritos de Pompéia, seu sentido é perceptível no desenrolar de sua obra, como será tratado em tópicos posteriores. Não obstante, seu uso diferiu da forma como aparecia em alguns posicionamentos de proeminentes intelectuais engajados e na produção literária, nas quais ela se encontrava imbricada com a questão racial.

### **Degeneração e raça: o engajamento político divergente de Pompéia**

É interessante notar que estas leituras darwinistas-sociais foram incorporadas pelos teóricos brasileiros do final do século, porém suas ênfases não foram as mesmas do contexto original. Enquanto no Velho Continente o foco eram os desviantes da sociedade burguesa, em nossa sociedade, marcada historicamente pela escravidão, o centro do debate era a questão racial. Considera-se que a idéia de “raça” representou uma reorientação intelectual em reação ao Iluminismo na medida em que subordina o arbítrio do indivíduo a seu pertencimento a determinado grupo compreendidos em termos biológicos. São três proposições básicas que se materializariam: o postulado da distância entre as raças humanas similarmente ao que distingue o cavalo do asno (o que condenaria o cruzamento racial);<sup>26</sup> a continuidade entre caracteres físicos e morais; e a preponderância do grupo “racio-cultural” no comportamento do sujeito (SCHWARCZ, 1993).

O “racismo científico” serviu como justificativa para o empreendimento imperialista europeu, mas em nosso contexto ela se transformou em categoria central para a discussão da nacionalidade. A construção da nação, uma comunidade imaginada que, nos termos de Benedict Anderson (1991), se baseia na construção de uma “agremiação horizontal e profunda”, esbarrava nas teorias raciais deterministas que interpretavam o Brasil como um exemplo de nação degenerada de raças mistas. A incorporação de todo um arcabouço racialista foi levado a cabo

---

<sup>26</sup> Importante notar que o termo mulato vem do diminutivo espanhol para mulo, animal dos perissodátilos resultante do cruzamento de mula com jumento, portanto, um animal estéril. Assim, carrega no nome o estigma de união inter-espécies, ou seja, o "castigo" da infertilidade.

pela geração de 1870 justamente em um momento em que a abolição da escravatura e o declínio da ordem imperial se faziam evidentes. Se antes a nacionalidade era narrada nos termos do indianismo romântico, agora o elemento negro entrava em cena:

Como fato político a Abolição marca o início de uma nova ordem onde o negro deixa de ser mão-de-obra escrava para se transformar em trabalhador livre. Evidentemente, ele será considerado pela sociedade como um cidadão de segunda categoria; no entanto, em relação ao passado tem-se que a problemática racial torna-se mais complexa na medida em que um novo elemento deve ser levado em conta. O negro aparece assim como fator dinâmico da vida social e econômica brasileira, o que faz com que, ideologicamente, sua posição seja reavaliada pelos intelectuais e produtores de cultura (ORTIZ, 1985, p. 19)

A geração contestadora estava interessada na construção de uma nação em moldes diversos dos existentes na ordem imperial. A nação seria fundamentada nos parâmetros da ciência, através da incorporação seletiva das teorias darwinistas européias. O Brasil era visto sob a ótica dos europeus como um “espetáculo das raças”, um país eminentemente degenerado por sua miscigenação. Os teóricos brasileiros, do mesmo modo, elegeram a raça como uma categoria-chave para interpretação de nosso “povo”, caracterizado então como resultado da fusão de três raças (brancos, índios e negros)<sup>27</sup>. Não obstante, tenderam a negligenciar aspectos de tal teoria que demarcavam a inviabilidade do país enquanto nação. Ao contrário disto, ganhavam terreno perspectivas que apontavam para sua evolução através de um processo de branqueamento via miscigenação.<sup>28</sup>

A incorporação tardia destas teorias que já perdiam crédito no contexto de origem é destacada por Ortiz:

No momento em que as teorias raciológicas entram em declínio na Europa, elas se apresentam como hegemônicas no Brasil. Torna-se, assim, difícil sustentar a tese da ‘imitação’, da ‘cópia’ da última moda; existe na realidade uma defasagem entre o momento de produção cultural e o momento do consumo (1985, p. 30).

Antes que uma cópia malfeita de teorias degenerativas da Europa, o que se verifica é uma apropriação política daquelas doutrinas que davam legitimidade a estrutura de desigualdade social no momento oportuno da abolição. Portanto, esta geração combativa se define por um lado por sua postura abolicionista, mas por outro, pela sustentação científica de compreensões que embasavam uma sociedade racista e moralmente conservadora.

---

<sup>27</sup> Sobre este assunto, ver Schwarcz, 1993.

<sup>28</sup> O estudo mais completo e atual sobre estas questões é o de Moutinho, 2004.

Podemos citar dois teóricos racialistas do período que apontavam para caminhos opostos em suas leituras darwinistas: Nina Rodrigues e Silvio Romero. O primeiro, médico baiano, formado na Faculdade de Medicina da Bahia. Schwarcz (1993) atenta para os modelos social-darwinistas desta faculdade, sendo que em sua revista periódica, a *Gazeta Médica da Bahia*, a raça era tema fundamental para considerações e diagnósticos sobre os destinos da nação. Nas palavras da autora: “esses cientistas farão uma leitura original da realidade nacional ao apontar o cruzamento como nosso maior mal, ao condenar a hibridização das raças e sua conseqüente degeneração” (SCHWARCZ, 1993, p. 208). Neste contexto, Nina Rodrigues, abolicionista, postula a inferioridade inata do negro e do mestiço. E, sendo assim, aponta para a ameaça da negritude em seu risco de barrar a evolução nacional. Neste sentido, defende a impossibilidade de um código legal que abrangesse a totalidade da população do Brasil, propondo dois códigos distintos a partir de critérios raciais.

Silvio Romero, proeminente pensador da Geração 1870, formou-se na Faculdade de Direito de Recife, marcada desde a entrada de Tobias Barreto pela introdução de modelos evolucionistas e social-darwinistas, pela superação de uma concepção metafísica de direito por outra secular e histórica. A leitura *sui generis* de Silvio Romero foi para rumo diferente da interpretação do médico baiano. Romero, preocupado com a consolidação de uma homogeneidade nacional, via na mestiçagem planejada um direcionamento para o branqueamento de nossa população. Sua abordagem fazia eco a muitos outros posicionamentos políticos da época ao defender a importância da imigração européia:

A minha tese, pois é que a vitória na luta pela vida, entre nós, pertencerá, no porvir ao branco; mas que este, para essa mesma vitória na luta pela vida, atentas as agruras do clima, tem necessidade de aproveitar-se do que útil as outras duas raças lhe podem fornecer, máxime a preta, com que tem mais cruzado. Pela seleção natural, todavia, depois de prestado o auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho mundo. Será quando já estiver de todo aclimatado no continente. Dois fatos contribuirão largamente para tal resultado: - de um lado a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, e de outro a emigração européia (ROMERO APUD HOFBAUER, 2006, p. 208).

Neste ponto, salientamos que se Pompéia tem uma trajetória comum, compartilhada com muitos desses membros da geração 1870 e dos que a seguiram, ele se distingue por sua trajetória específica que resultou em posicionamentos diversos dos aqui tratados. Vejamos como este autor se posiciona no caso da imigração tão cara à reflexão do autor em suas crônicas do início dos anos 90, poucos anos após a publicação de *O Ateneu*. Em cinco de setembro de 1891, Pompéia se posiciona sustentando-se no argumento de Romero: “o problema gravíssimo da imigração” é



apontado como tendo duas conseqüências pelo contestador pernambucano. Uma positiva demais, no Sul, de “encher a torto e a direito as províncias meridionais de estrangeiros” (ROMERO apud POMPÉIA, 1983b, p. 121) cujo resultado seria a separação, a independência desta região. Uma negativa em excesso, e diz respeito a todo o norte do país, “do Espírito Santo para cima” (ROMERO apud POMPÉIA, 1983b, p. 121). “Espíritos tacanhos e míopes, atufados nos fáceis interesses que os cercam no Sul, espalharam por toda a parte o descrédito do bom clima do Norte e sua mortalidade para o europeu” (ROMERO apud POMPÉIA, 1983b, p. 121), produzindo o depauperamento das populações nortistas e a decadência daquela região. Se estas conseqüências perdurarem, “o futuro da raça portuguesa será nulo entre nós” (ROMERO apud POMPÉIA, 1983b, p. 121).

O autor de *O Ateneu* utiliza-se da reflexão de Romero, mas seu foco não é a questão da homogeneidade nacional e do branqueamento, mas o que chama de “dissolução de uma nacionalidade”. Dentro de um pensamento marcadamente nacionalista, o cronista expressa uma preocupação bem cara às instabilidades do início da Primeira República, mas direcionado aos estrangeiros que poderiam ameaçar a unidade nacional. Menos do que uma apreensão com a miscigenação, Pompéia volta-se contra os europeus: “o regímen das vastas aucleações segundo a nacionalidade dos emigrantes e os núcleos assim constituídos com diferença de raça e de caráter entre os respectivos tenderão fatalmente a isolar-se como pequenas nações independentes” (1983b, p. 122). Defende então uma política de imigração bem conduzida, em um “sistema patrioticamente adotado”, em direção oposta ao seguido, entendido como uma arriscada e “rendosa exploração às cegas de um contrato de introdução de mil famílias, venha elas de onde vierem, vão para onde forem e como forem...” (1983b, p. 122).

Seu ponto de vista fica mais claro nas crônicas seguintes, nas quais Pompéia se posiciona contrariamente à imigração italiana subvencionada e em massa, em direção oposta às idéias de Romero:

essa gente que nos chega a povoar o Brasil, e que não tem ensejo nem interesse em ser brasileira – são verdadeiramente colunas cerradas de soldados, sem armas, mas preparados, talvez sem pensar nisso, para se armar um dia em luta que não há de ser por nós (p. 219).

Em crônica de 25 de julho de 1892, Pompéia defende, contrariamente a imigração européia, a valorização do trabalho do negro brasileiro: “Da parte do agricultor, deve haver

empenho em buscar a colaboração desses homens de espáduas fortes e coração benigno” (1983b, p. 229). Nas palavras do autor:

Precisamos, antes de tudo, volver os olhos para o negro – o negro generoso e forte, que os declamadores da invasão injuriam e desdenham, o negro glorioso da instituição de toda a fortuna em nossa pátria, o negro heróico e invencível que encheu de pânico e assombro os campos da guerra do Paraguai, o negro de cuja raça emergiu essa grande alma – apoteose, que o Brasil conheceu como o nome de Luís Gama (1983b, p. 229).

O cronista do Rio de Janeiro faz referência a seu companheiro de importância primeira em sua trajetória nas questões políticas. A categoria raça não é refutada por Pompéia, mas seus discursos e posicionamentos não são articulados a partir dela; especialmente após a proclamação da República, sua reflexão gira em torno da construção de uma coesão nacional não atravessada pelo esquema de pensamento determinista racial em voga<sup>29</sup>. O que define o posicionamento do cronista é sua preocupação com a unidade nacional, alinhando-se com a política de Floriano Peixoto contra pretensões separatistas que para ele estavam relacionadas aos interesses estrangeiros. Percebemos tais colocações em artigo escrito nos últimos momentos de sua vida, *O Clamor Maligno*, sobre a importância política do “marechal de ferro”, contra a oposição que “contava com todos os auxílios internacionais”:

O grande brasileiro palpou a realidade do nosso drama histórico. Percebeu e denunciou as sanguinárias intrigas urdidas para o fim de matar a República, de dissolver a Nação. Surpreendeu toda a estratégia do inimigo. Não há luta entre irmãos: há irmãos que se desgraçam e o estrangeiro que explora (POMPÉIA apud OCTAVIO, 1978, p. 223).

Deve-se ressaltar o que alguns biógrafos e estudiosos do romancista já salientaram: a maior importância da formação em São Paulo<sup>30</sup> em relação a sua estada em Recife. Schwarcz analisa sua especificidade em relação a outros centros de formação de conhecimento. O conteúdo veiculado na revista oficial da Faculdade demonstra que aquele contexto apresenta uma influência direta do evolucionismo, mas uma assimilação com cautela do determinismo racial: “a desconfiança com relação a esses modelos representava nesse local um apego a outras tradições

<sup>29</sup> Não obstante, percebemos uma perspectiva do autor que salienta para a inferioridade das sociedades africanas relegadas à selvageria, igualando a vida de lá com os maus tratos sofridos pelos escravos daqui: “E pretender que o pobre negro, que a falta de cultura moral deixou quase tão selvagem como os seus avós da floresta africana, não se lembre de fazer-vos mal, a vós que lhe dais para pão de cada dia todas as torturas” (POMPÉIA, 1982, p. 61).

<sup>30</sup> É interessante que Pompéia escreveu crônicas sobre as personagens do abolicionismo paulistano por toda a sua vida. Na mesma linha, afirma o biógrafo Camil Capaz (2001): “enveredando pelos caminhos da dúvida, e desprezando os pensadores que faziam a cabeça dos mestres e dos acadêmicos do Recife, que em sua maioria professavam uma fé sem limites no progresso e na ciência. Pompéia não fazia mais do que aprofundar tendências que já trouxera de São Paulo e se confirmariam no Recife em páginas de tons rubros, lancinantes, anteriores” (p. 72).

teóricas, uma aposta no liberalismo político e uma interpretação que via com ceticismo explicações exclusivamente calcadas na raça” (SCHWARCZ, 1993, p. 180).

A presença do conteúdo darwinista-social nos romances de Pompéia é notável: a “luta pela existência” presente nas reflexões internas às cartas do enredo de *Alma Morta*, os discursos do Dr. Cláudio em *O Ateneu* são alguns exemplos que serão retomados no desenvolver deste texto. O que importa é salientar sua diferença dos romances naturalistas que em muitos casos associavam a degeneração com a categoria raça<sup>31</sup>. A incorporação deste repertório intelectual é visível em *O Ateneu*, mas seu direcionamento é outro: encontra-se imbricado com a crítica às instituições imperiais<sup>32</sup>.

### ***O Ateneu* e o Segundo Império**

Esta longa introdução nos serve de base para adentrarmos no enredo de *O Ateneu*, obra que carrega muito dos discursos de seu momento, como também o engajamento político expresso na narrativa irônica e crítica de seu autor em relação à decadente ordem imperial. O romance foi publicado originalmente entre 8 de abril e 18 de maio de 1888, na primeira página do jornal *Gazeta de Notícias*. Seu enredo é narrado por Sérgio, já adulto, remontando a suas experiências de infância no reconhecido colégio Ateneu, dirigido pelo pedagogo de renome Aristarco Argolo de Ramos.

O menino entra aos onze anos no educandário, com toda a admiração que o conquistaram as festas do colégio precedentes à sua matrícula. Sua sensação ao entrar no colégio era de ânimo e coragem para enfrentar uma nova fase de sua vida, abandonar os carinhos maternos e tornar-se homem. A boa impressão do período escolar progressivamente se esvai desde o contato com Rebelo, colega exemplar que apresenta a vida do estabelecimento não a partir da boa convivência dos internos, mas a partir das relações “perversas” que ali se estabelecem.

“Faça-se forte” é o conselho que fica ao novo aluno com a advertência de que “os fracos se perdem”, são “compelidos para o sexo da fraqueza” e assim, “dominados, festejados e

---

<sup>31</sup> Sobre a relação entre degeneração e raça no romance oitocentista brasileiro ver Bocayuva, 2007 e Miskolci e Carvalho, 2006.

<sup>32</sup> Enquanto Pompéia incorporava de forma cautelosa e diversa as elaborações científicas que de forma hegemônica tendiam a justificar desigualdades sociais, seu contemporâneo Machado de Assis tomava um posicionamento mais direto em sua irônica crítica à credibilidade sem ressalvas à ciência do período. A socióloga Eliane Silva (2008) pontua, em análise refinada sobre seus contos, a crítica do futuro fundador da Academia Brasileira de Letras dirigido ao ideário cientificista tão espalhado na literatura brasileira do final do século XIX.

perversos”. No mesmo dia, o aluno aprende a se defender com rigor contra atitude violenta do colega Barbalho. Aos poucos, Sérgio compreende por si os conselhos do colega e, angustiado, sente-se só dentro de um recinto no qual não pode contar com mais ninguém. A partir daí, procura por um protetor dentro do colégio e desenvolve relações que se firmam a partir da homoafetividade.

São vários os momentos em que a personagem se envolve em situações de aproximação afetiva para com os colegas, cita-se sua relação com Sanches, Bento Alves e Egbert, até sua aproximação amorosa com D. Ema, a esposa de Aristarco. Junto a isto, sente a opressão da vida escolar perante uma disciplina fervorosa protagonizada pelo diretor. Aristarco caracteriza-se pela ubiqüidade no controle exaustivo que faz da mocidade estudantil, com ambiciosos planos de transformação da sociedade via educação. Planos próprios de um grande educador, conforme examinamos na passagem seguinte que narra o dia de matrícula de Sérgio:

Comtemplávamos (eu com aterrado espanto) distendido em grandeza épica – o homem sanduíche da educação nacional, lardeado entre dois monstruosos cartazes. As costas, o seu passado incalculável de trabalhos; sobre o ventre, para a frente, o seu futuro: a reclame dos imortais projetos (p. 10).

Neste aspecto, ressalta-se o caráter autobiográfico do livro, já levantado por muitos críticos e biógrafos. Raul Pompéia estudara no famoso Colégio Abílio da Corte, de um importante pedagogo brasileiro: Abílio de Cesar Borges, o barão de Macaúbas.

O romance termina inesperadamente com um incêndio iniciado pelo novo aluno, Américo, o qual só aparece nas últimas páginas do livro. Rapidamente, o internato da “fina flor brasileira” se dissipa em chamas e a onipotência característica de Aristarco dá lugar a um triste e então falido empresário abandonado por sua esposa.

A famosa análise crítica de Mário de Andrade (1974) de *O Ateneu* ressalta a qualidade particularista, o enfoque da lupa ao caso restrito do romance de Raul Pompéia. Em suma, o romance seria sua vingança contra o colégio em que estudara. O autor de índole revoltada teria criado como personagem principal o educandário Ateneu, inspirado no Colégio Abílio, do qual se vinga com um incêndio. *O Ateneu* é uma obra de vingança! Assim, Mário de Andrade interpreta a riqueza do romance não tanto enquanto fonte de sínteses de caráter social como seus contemporâneos naturalistas e realistas, mas na sua desenvoltura estilística, especialmente na descrição do mal. Diria o autor de *Macunaíma*:

vazou no livro o seu ódio por um passado que culpou, por uns professores e colegas que o supliciam, vingando-se de tudo com furor; fez do Ateneu uma tese contra um dos

possíveis erros da dieta educacional: mas de tanta miséria, de tão trágicos suplícios, saiu-se com uma obra-de-arte esplêndida, fulgurada, trabalhada, magnificente de graças e belezas (1974, p. 183)

A interpretação, que data de 1941, embora pertinente<sup>33</sup>, revela-se parcial, seguindo as pistas deixadas por Silviano Santiago (2000). O crítico literário considera importante explorar as ambigüidades e contradições do romance oitocentista híbrido em estilo e original. Não é o caso de refutar a tese do escritor modernista, mas de deslocar sua ênfase. Com este objetivo, ressaltemos alguns aspectos da obra que a conectam ao contexto político do período.

O internato vinculava-se fortemente à instituição imperial, como se percebe em muitas passagens em que representantes da monarquia estavam presentes em festividades do educandário. Na primeira festa que Sérgio assiste antes de sua entrada, o narrador observa: “Diante da arquibancada, ostentava-se uma mesa de grosso pano verde e borlas de ouro. Lá estava o diretor, o ministro do império, a comissão dos prêmios” (p. 05). Na segunda estada do futuro aluno, a própria princesa e seu esposo distribuem prêmios aos alunos. Nesta mesma ocasião, revelam-se ao mesmo tempo a adesão partidária do diretor à monarquia, como também as tensões já muito evidentes da ordem imperial, manifestadas pelo filho republicano de Aristarco:

Uma coisa o entristeceu, um pequenino escândalo. Seu filho Jorge, na distribuição dos prêmios, recusara-se a beijar a mão da princesa, como faziam todos ao receber a medalha. Era republicano o pirralho! Tinha já aos quinze anos as convicções ossificadas na espinha inflexível do caráter! Ninguém mostrou perceber a bravura. Aristarco, porém, chamou o menino à parte. Encarou-o silenciosamente e – nada mais. E ninguém mais viu o republicano! Consumira-se naturalmente o infeliz, cremado ao fogo daquele olhar! Nesse momento as bandas tocavam o hino da monarquia jurada, última verba do programa (p. 07).

Há ainda quem afirme que todo o ambiente de terror expresso na experiência pedagógica do internato e protagonizado pela caricatura onipotente de Aristarco represente na verdade a opressiva realidade do regime comandado por Pedro II. Bosi afirma que “o romance é também um exercício de interpretação histórica, na medida em que mostra como a violência compacta da escola é tecida com os mesmos fios que sustentam a trama social do Segundo Império” (1988, p.

---

<sup>33</sup> Na própria *Gazeta de Notícias* publicou-se matéria afirmando tratar o romance de uma crítica a “falsa ciência pedagógica da época”. Em crônica de 28 de dezembro de 1891, Pompéia escreve sobre o sentido das festas de fim de ano para os pequenos e corrobora para sua visão pessimista da escola: “Não mais a noção imposta do dever, tão grande encargo para as consciências frágeis dos seis anos. Não mais as brutais tarefas, por mais reduzidas que sejam, e de qualquer espécie, e de qualquer intuito pedagógico, sem proveito algum senão como lição de amargura para a existência mais tarde” (POMPÉIA apud CAPAZ, 2001, p. 16-17).

46). Silvano Santiago (2000) interpreta *O Ateneu* como uma metáfora do Segundo Reinado e vincula a personagem Aristarco não apenas ao Barão do Macaúbas, mas ao imperador:

a verdade do Ateneu realmente extrapola os limites do educandário e se apresenta metaforicamente... como um retrato do Brasil durante o Segundo Reinado. Talvez na figura de Aristarco não se deva tanto reconhecer o barão de Macaúbas, mas o “grande empresário”, “o tirano de sebo”, e no processo de educação propagado por *O Ateneu*, “a obra moralizadora de um reinado longo” (p. 97-88)<sup>34</sup>.

A fina ironia marca a caracterização da personagem do diretor do Ateneu. Ao lado de sua onipresença e onipotência, sua vaidade e narcisismo, e mais do que isto, sua prática pedagógica sob a máscara de filantropia se apresenta como ávida por lucros, como na seguinte passagem referente ao dia da matrícula:

as simpatias verdadeiras eram raras. No âmago de cada sorriso, morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo, baseadas na razão discreta das notas do guarda-livros. Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado. (p. 10).

A figura poderosa de Aristarco é constantemente desacreditada em passagens que o vinculam às instituições imperiais de forma cômica. Na festa de encerramento de trabalhos, prévia a entrada de Sérgio, é descrito pelo narrador: “O diretor, ao lado do ministro, de acanhado físico, fazia-o incivilmente desaparecer na brutalidade de um contraste escandaloso. Em grande ténue dos dias graves, sentava-se, elevado no seu orgulho como em seu trono” (p. 05). No mesmo dia, o professor Venâncio em discurso o associa a Deus deixando uma possível relação entre Aristarco e o atributo divino do régio poder: “Acima de Aristarco – Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus – Aristarco” (p. 05).

A associação se torna mais evidente na solenidade da distribuição bienal dos prêmios, na qual Aristarco ganha um busto que é coroado. De tão grande a festa e homenagem ao digníssimo pedagogo, não cabia em nenhuma sala do internato e foi realizada no pátio central: “erguia-se ali um trono, sob um dossel, para a Princesa Regente. De vez em quando, Aristarco, cansado de tanto mover-se, subia ao trono, sentava-se” (p. 83). Em discurso, professor Venâncio disserta sobre Aristarco e aponta para sua estátua:

‘-Coroemo-lo!’. Aristarco caiu em si. Referia-se ao busto toda a oração encomiástica de Venâncio. Nada para ele das belas apóstrofes! Teve ciúmes. O gozo da metamorfose

<sup>34</sup> A citação de Santiago faz referência a uma palestra da personagem Dr. Cláudio que será discutida no tópico a seguir.

fora uma alucinação. O aclamado, o endeusado era o busto: ele continuava a ser o pobre Aristarco, mortal, de carne e osso (p. 87).

A festividade acaba com a figura carregada simbolicamente da coroa no busto de Aristarco e seu patético ciúme dirigido a sua própria homenagem: “Mas acabou de falar o professor, viu-se Aristarco levantar-se, atravessar freneticamente o espaço atapetado, arrancar a coroa de louros ao busto. Louvaram todos a magnanimidade da modéstia” (p. 87). Não é exagero afirmar que todo o sarcasmo presente na construção da personagem Aristarco, figura associada à onipotência e sempre vinculada a representações da monarquia, representa uma crítica do escritor contestador que traz em sua trajetória o abolicionismo e republicanismo.

Sob tal prisma, podemos voltar ao incêndio do internato e interpretá-lo não apenas como uma crítica a uma “dieta educacional”, mas como uma representação do desmoronamento da ordem imperial rumo à República. O aluno Américo parece representar todo um novo contexto de contestação republicana que marcou a década de 1880: “Mostrou-se contrariado desde o primeiro dia. Aristarco tentou abrandá-lo; impossível: cada vez mais enfezado. Não falava a ninguém. Era já crescido e parecia de robustez não comum. Olhavam todos para ele como uma fera respeitável” (p. 92).

Como já dito, a *Gazeta de Notícias* interrompeu a publicação de *O Ateneu* em 14 de maio de 1888, dia em que a abolição toma as páginas no jornal. Até este momento não havia ocorrido o incêndio. Entre o dia 14 e o dia 17 não há publicação do romance. No dia 18, vem a público o desfecho em que aparece Américo e o incêndio do internato. Não é possível afirmar se Pompéia criou este final antes ou depois da abolição, mas é sugestivo pensar na influência que pode ter tido a promulgação da Lei Áurea nos caminhos do romance.

O nome do incendiário é revelador. Leila Perrone-Moisés (1988) aponta o simbolismo da morte da personagem Franco<sup>35</sup> e a revanche de Américo. Estava colocada uma presente associação entre Monarquia e Europa e República e América. Pompéia foi um grande crítico das influências perniciosas do capital estrangeiro em nosso país. Heinsfeld (2007) postula que o sentimento americanista era muito difuso no período; afirma que o momento era marcado pela xenofobia em

---

<sup>35</sup> A morte desta personagem será trabalhada em tópico posterior, o que importa aqui é salientar a escolha do nome da personagem.

relação aos portugueses que ocupavam grande parte dos postos de emprego no Rio de Janeiro finissecular<sup>36</sup>.

Apontamos facetas do romance que demarcam a crítica pompeiana à monarquia através da caracterização cômica da figura poderosa de Aristarco e ressaltamos como o enredo inclui um caráter esperançoso encarnado na destruição do internato por Américo. O incêndio é feito uma catarse diante da descrição enfaticamente pessimista de Sérgio-narrador sobre o ambiente em que estudara. O repertório darwinista-social envolve a narrativa, caracterizando em caminhos diversos, importantes elos entre a degeneração ali demarcada e o Segundo Império.

### **Darwinismo-social e degeneração: crítica ao *status quo* imperial**

Ao mesmo tempo que a educação, como elemento da virtude, considere-se o vigor hereditário transmitido pelo sangue, o que constitui uma espécie de educação antecipada, e as forças adquiridas na luta com o meio ambiente, terceira espécie de educação (POMPÉIA, 1990, p. 33)

Este trecho de *Alma Morta*, romance interrompido de Pompéia, escrito em seu período estudantil de Recife, sintetiza o entendimento diverso sobre a conformação do caráter a partir da lente social-darwinista. A questão da degeneração ora apontava para uma perspectiva redentora da educação, ora se aproximava de interpretações deterministas hereditárias ou conformadoras do meio. Borges observa: “como qualquer idéia hegemônica ou ‘paradigma’ científico, a degeneração menos freqüentemente ditava conclusões do que fornecia uma base tendenciosa para debates polêmicos e elaborações contraditórias” (2005, p. 47). O historiador elucida a falta de rigor científico que acompanhou a disseminação de tal noção:

As compreensões da degeneração podiam divergir tão amplamente e ainda serem compartilhadas porque as definições biológicas da hereditariedade eram muito maiores e vagas do que elas se tornaram depois dos anos vinte. Até autodenominados darwinistas podiam ter uma crença neolamarckiana de que a hereditariedade de uma criança derivava não apenas da natureza dos pais, mas também do meio e da experiência de vida deles, suas histórias adquiridas de doenças e pecados (2005, p. 47).

É interessante notar como estas divergentes concepções atravessam o romance de Pompéia e se revelam uma preocupação marcante no desenrolar do enredo. Em primeiro lugar,

---

<sup>36</sup> Uma das medidas da República recém-implantada foi de naturalizar os estrangeiros que aqui estavam. Heinsfeld (2007) afirma que a participação política destes era vista com preocupação por parte dos brasileiros. Raul Pompéia escreve no Estado de São Paulo no dia 13 de março de 1891 sobre o comércio estrangeiro da Corte: “sendo na parte mais considerável, senão mais numerosa o comércio estrangeiro mero explorador ávido de transitoriedade da hora presente, em relação à qual seu único desejo é que mais ricamente produza e mais rapidamente fosse, para que se possa a tempo voltar feliz para a sua terra – pouco lhe devem naturalmente importar cogitações de futuro” (1983b, p. 59).



ressaltemos os princípios norteadores da pedagogia de Aristarco. Ele afirma ser sua preocupação central não os estudos dos internos, mas a formação do caráter; sua proposta educacional objetiva a transformação moral da sociedade<sup>37</sup>. Esta ênfase redentora no processo educativo tanto na formação moral individual e enquanto alicerce na construção de uma nova sociedade é correspondente ao período de legitimação da medicina no século XIX e sua articulação com a prática educacional. Nas palavras de Gondra: “a medicina articulou um cuidadoso discurso de regeneração, no interior do qual caberia aos colégios exercer um papel decisivo” (2004, p. 107).

Em conflito com tal perspectiva, emerge um aspecto denso em teoria e importante no enredo do romance: os discursos do professor Dr. Claudio na criação do grêmio literário Amor ao Saber e em outras solenidades do colégio. Segundo Silviano Santiago, seus discursos correspondem às idéias do autor de *O Ateneu* em outros escritos:

sem exagero diríamos que é o único personagem *sem rosto* na galeria do Ateneu, já um privilégio, e talvez o único personagem que nunca *faz* nada, apenas fala, e é certamente o único personagem masculino, adulto, que mantém estreito contato com Sérgio e que nunca recebe deste uma crítica sequer (2000, p. 94-95).

Deixamos aqui tal ênfase para validar a tese de Santiago sustentando o lugar diferenciado da fala do professor no enredo. É interessante como tais passagens do romance focam uma discussão sobre arte tão presente no momento em que Pompéia escreve o romance. Dr. Cláudio, em sua segunda palestra, disserta sobre este assunto a partir de critérios e conceitos influenciados pelo darwinismo: “o esforço da vida humana, desde o vagido do berço até o movimento do enfermo, no leito de agonia, buscando a posição mais cômoda para morrer, é a seleção do agradável” (p. 47). Assim, “a história do desenvolvimento humano nada mais é do que uma disciplina longa de sensações. A obra de arte é a manifestação do sentimento” (p. 48).

Perceba a linha evolucionista do discurso da personagem sobre a história da arte:

Manifesta-se primeiro grosseiramente, por erupções de sentimento, e faz o amor concreto, a interjeição, a eloquência rudimentar, a poesia primitiva, o primitivo canto. Manifesta-se mais tarde, progressivamente, por efeitos de cálculo e meditação e dá o epos, a eloquência culta, a música desenvolvida, o desenho, a escultura, a arquitetura, a pintura, os sistemas religiosos, os sistemas morais, as ambições de síntese, as metafísicas, até as formas literárias modernas, o romance, feição atual do poema no mundo” (p. 49).

---

<sup>37</sup> Bocayuva (2007), analisando romances do final do século XIX, de José de Alencar e Aluísio Azevedo, ressalta como era enfatizada a precariedade das normas e disciplinas na educação que articuladas com as categorias de raça e gênero resultavam na degeneração de personagens. *O Ateneu*, em oposição, é marcado pela tematização da disciplinarização exaustiva tendo em vista evitar a corrupção dos internos.

Para Dr. Claudio, a arte não tem finalidade, ela é uma consequência da evolução humana. Se por um lado as concepções de arte de Dr. Claudio se atêm aos princípios científicos do período, por outro lado postula-se a superioridade da arte frente aos “preceitos que se combatem, acima das religiões que passam, acima da ciência que se corrige; embriaga como a orgia e como o êxtase” (p. 50).

Pode-se dizer que no período de publicação de *O Ateneu* há uma efervescência no debate intelectual sobre a originalidade da literatura brasileira, dentro de um contexto maior de uma preocupação com a definição de uma nacionalidade brasileira. Nas palavras de Roberto Ventura: “a crítica e a história literárias brasileiras foram marcadas, até 1910, pelas noções de raça e natureza. As origens do ‘estilo’ literário eram atribuídas à ação diferenciadora do meio ambiente ou da mistura étnica” (1991, p. 18).

Os intelectuais brasileiros do final do século XIX se depararam com todo um arsenal teórico que colocava a “raça” como categoria essencial para a apreensão do social. É sobre estas bases que dão as discussões sobre literatura no país. Silvio Romero, por exemplo, propõe o entendimento da nação como “resultado da progressiva transformação das matrizes européias pela ação do meio ou da mistura das raças” (VENTURA, 1991, p. 37). Sua visão de arte se dá pela vinculação entre aspecto racial e cultural, definindo a cultura brasileira como fundamentalmente mestiça, marcada pela fusão das raças. Nesta linha, a ação diferenciadora do mestiço garantiria a autonomia diante das culturas européias. A partir da influência de Gobineau, entendia a arte como produto do cruzamento entre sensualidade do negro e espiritualidade do branco. O aspecto racial aparece de forma incisiva em sua polêmica com Machado de Assis. O autor de *Dom Casmurro* é aqui avaliado segundo sua origem mestiça, a qual corresponderia à falta de manejo do vocabulário e da frase. Machado, caracterizado como tendo “índole psicológica indecisa”, segundo Romero, imitou os autores ingleses, utilizando-se da ironia, em desacordo com a formação racial do brasileiro<sup>38</sup>.

Outro grande crítico do período, Araripe Jr., critica a exclusão da influência do meio nos escritos de Romero: “Araripe explica a diferenciação nacional a partir do impacto da natureza tropical sobre a mentalidade européia, ‘obnubilada’, ou seja, ofuscada pela exuberância local” (VENTURA, 1991, p. 89). Porém, em geral, sua perspectiva vai ao encontro das idéias de

---

<sup>38</sup> Sobre polêmica que envolveu as figuras de Romero e Machado, ver Miskolci, 2006b e Ventura, 1991.

Romero, enfatizando o caráter nacional como interação entre raças, línguas, culturas e meio físico.

Voltando-nos ao romance, percebemos que se a personagem Dr. Claudio não se utiliza do critério racial em suas análises, bebe fortemente das mesmas fontes intelectuais deterministas. Tais influências não se restringem aos discursos do professor, mas estão espalhadas no romance, o que fez Mário de Andrade (1974) vinculá-lo à escola naturalista: “é sempre aquela concepção pessimista do homem-besta, dominado pelo mal, incapaz de vencer os seus instintos baixos – reflexo dentro da arte das doutrinas evolucionistas” (p. 184); “O Ateneu representa um dos aspectos particulares mais altos do Naturalismo brasileiro” (p. 184).

O autor de *Macunaíma* atenta para a descrição das personagens: “desde a caricatura imortal do Aristarco, professores, colegas e criados, Raul Pompéia os desenha com malvadez, grotescos, invejosos, insensíveis, perversos ou brutais” (p. 174). A descrição do internato por Sérgio-personagem aponta para um problema tão levantado pelos teóricos europeus e propagado no Brasil por médicos higienistas: o perigo do meio. O meio é caracterizado como quase inescapável, contrabalanceando de um lado as máximas morais, o diretor e os bedéis e de outro as influências perniciosas do ambiente:

O meio, filosofemos, é um ouriço invertido: em vez da explosão divergente dos dardos — uma convergência de pontas ao redor. Através dos embaraços pungentes cumpre descobrir o meato de passagem, ou aceitar a luta desigual da epiderme contra as puas. Em geral, prefere-se o meato (p. 36).

Uma influência perniciosa é encarnada na figura de Ângela, a empregada particular de D. Ema: vetor de degeneração através da junção entre categorias de gênero e classe. Outra influência pode ser percebida na narração de Sérgio. Referindo-se ao final do ensino primário, destaca o momento em que olhara pela segunda vez um quadro dos meninos nus fraternais que lhe chamara atenção logo em sua entrada no internato:

Vestia-se ali de pureza a malícia corruptora, a ambição grosseira, a intriga, a bajulação, a covardia, a inveja, a sensualidade brejeira das caricaturas eróticas, a desconfiança selvagem da incapacidade, a emulação deprimida do despeito, a impotência, o colégio, barbaria de humanidade incipiente, sob fetichismo do Mestre, confederação de instintos em evidência, paixões, fraquezas, vergonhas... (p. 59).

Nota-se a descrição pessimista do ambiente oferecida por Sérgio. Ressalta-se a sensualidade, as paixões, as fraquezas, as vergonhas que se materializavam nas relações homoafetivas dos próprios alunos. Seria o internato então corruptor? É sobre este assunto que discorre a personagem Dr. Claudio em sua última palestra presente no enredo. Esta personagem,

de aguçada erudição, diverge do parecer vulgar de sua época e defende o internato como a escola da sociedade, como o local onde se tempera o caráter, se exercita as almas no atrito com as circunstâncias:

É uma organização imperfeita, aprendizagem de corrupção, ocasião de contato com indivíduos de toda origem? O mestre é a tirania, a injustiça, o terror? O merecimento não tem cotação, cobrem as linhas sinuosas da indignidade, aprova-se a espionagem, a adulação, a humilhação, campeia a intriga, a maledicência, a calúnia, oprimem os prediletos do favoritismo, oprimem os maiores, os mais fortes, abundam as seduções perversas, triunfam as audácias dos nulos? A reclusão exacerba as tendências ingênicas? Tanto melhor: é a escola da sociedade (p. 80).

O professor continua com um argumento que sustenta um traço congênito aos “capazes de moralidade”: “felizes na loteria do destino. Os deserdados abatem-se” (p. 80). Continua a personagem:

no fundo a direção do caráter é invariável. A constância da bússola é uma; temos todos um norte necessário: cada um leva às costas o sobrescrito da sua fatalidade. O colégio não ilude: os caracteres exibem-se em mostrador de franqueza absoluta. O que tem de ser, é já. E tanto mais exato, que o encontro e a confusão das classes e das fortunas equipara tudo, suprimindo os enganos de aparato, que tanto complicam os aspectos da vida exterior, que no internato apagam-se no socialismo do regulamento (p. 80).

Este traço congênito descrito por Dr. Claudio é vivificado pela personagem Franco, bode-expiatório dos mecanismos disciplinares do colégio e das interações sociais com seus colegas. Servia de contra-exemplo para o desempenho do colégio:

A nota do Franco, sempre má, devia seguir-se especial comentário deprimente, que a opinião esperava e ouvia com delícia, fartando-se de desprezar. Nenhum de nós como ele! E o zelo do mestre cada dia retemperava o velho anátema. Não convinha expulsar. Uma coisa destas aproveita-se como um bibelô intuitivo, explora-se como a miséria do hilota, para a lição fecunda do asco (p. 15).

Sérgio-narrador revela uma das ocasiões em que Franco estava de castigo no caminho da merenda e era vítima de empurrões e beliscões “até que um grande, mais estouvado, fê-lo cair contra o portal, ferindo a cabeça. A este, Franco não respondeu; pôs-se a chorar” (p. 29). Posteriormente, Sérgio-narrador revela: “Durante a conferência pensei no Franco. Cada uma das opiniões do professor, eu aplicava onerosamente ao pobre eleito da desdita, pagando por trimestre o seu abandono naquela casa, alaguei do desprezo” (p. 81). Dias depois, Franco morreu confirmando as teses fatalistas e degenerativas do professor.

No entanto, é na primeira palestra que esta personagem profere, por ocasião da inauguração do grêmio literário, que percebemos alguns posicionamentos que apontam para outra direção do discurso darwinista. Dr. Claudio critica o estado da arte em nosso país: “a arte

significa a alegria do movimento, ou um grito de suprema dor nas sociedades que sofrem. Entre nós, a alegria é um cadáver... Ao menos se sofrêssemos... A condição da alma é a prostração comatosa de uma inércia mórbida” (p. 45).

A causa de nossa inércia mórbida não é a fusão das raças ou a determinação do meio, mas a instituição do Império:

E não é o teto de brasa dos estios tropicais que nos oprime. Ah! Como é profundo o céu do nosso clima material! Que irradiação de escapadas para o pensamento a direção dos nossos astros! O pântano das almas é a fábrica imensa de um grande empresário, organização de artifício, tão longamente elaborada, que dir-se-ia o empenho madrepórico de muitos séculos, dessorando em vez de construir. É a obra moralizadora de um reinado longo, é o travasamento de um caráter, alargando a perder de vista a superfície moral de um império – o desmancho nauseabundo, esplanado, da tirania mole de um tirano de sebo!... (p. 45).

É interessante notar que um ano antes da publicação de *O Ateneu*, Pompéia escreveu um artigo sobre o livro de Max Nordau<sup>39</sup>: *As mentiras convencionais da nossa civilização*. Nordau, no raciocínio do escritor brasileiro, “perscruta as origens da sombria inclinação dos espíritos na época para o desesperado pessimismo, do que dão testemunho principalmente as escolas literárias da atualidade” (POMPÉIA, 1991, p. 40). Este sintoma obscuro “encontra a causa no desequilíbrio reinante entre o progresso espiritual e a falsidade das antiquadas instituições”<sup>40</sup> (POMPÉIA, 1991, p. 40). São as instituições ultrapassadas, como a monarquia, a causa do “desesperado pessimismo” da literatura de seu tempo. A resenha de Pompéia termina com a conclusão do livro em sua concepção:

Houve tempo em que se equilibraram as convicções individuais com as instituições da coletividade; o desequilíbrio reina e é insuportável. Para se obter novamente o equilíbrio só há: retrogradar, ou confiar no futuro. A volta ao passado é uma aspiração absurda. Trabalhem pelo futuro” (POMPÉIA, 1991, p. 47).

A adesão do crítico brasileiro ao teórico estrangeiro é incondicional, conforme suas palavras: “a obra de Max Nordau merece a consagração de um catecismo” (POMPÉIA, 1991, p. 40). A “sombria inclinação dos espíritos da época” expressa na literatura aparece imbricada com a monarquia tanto na palestra de Dr. Claudio quanto, fora do enredo, na resenha de Nordau. Para

---

<sup>39</sup> Max Nordau foi um intelectual judeu, nascido em 1849 em Budapeste, então parte do Império Austro-Húngaro. Sua obra mais reconhecida *Entartung* (Degeneração) foi escrita em 1892. Foi grande responsável pela popularização do termo. Desenvolveu seu trabalho crítico da arte moderna a partir da premissa de que esta se caracterizava por falta de coerência. Vê seus autores como carentes de auto-controle, na medida em que eram reflexo da corrupção que marcaria a modernidade. O esteticismo inglês, o simbolismo francês e o impressionismo eram entendidos como produtos de doenças mentais de seus autores.

<sup>40</sup> Além da monarquia o autor austro-húngaro postula enquanto ultrapassada a excessiva valorização da propriedade e o matrimônio.

além de enfatizar mais uma vez a presença de uma crítica republicana dentro do romance de Pompéia, cabe refletirmos sobre a associação entre degeneração e a instituição ultrapassada da monarquia, como presente nos discursos supracitados. Tal relação pode ser pensada através dos estreitos laços tecidos entre o Império e o internato no desenrolar do enredo, atravessados por uma narrativa que expõe corrupções, o grotesco e as “imoralidades”.

Em muitos de seus escritos políticos, Pompéia ressaltou a “elevação moral” que significou o advento da República. Em seu artigo *Clamor Maligno* pontua a “função de regeneração política” de Floriano Peixoto. Neste sentido, podemos ver a heterogênea descrição da corrupção que permeia *O Ateneu* como uma caracterização da decadente ordem Imperial. A formação específica de Pompéia fez com que incorporasse a teoria hegemônica darwinista-social e a direcionasse contra as instituições monárquicas através da mediação literária. Algo muito corrente em seu tempo, segundo Borges. Para o historiador norte-americano, no final do Império “a retórica da degeneração foi associada à crítica social e se manteve assim até durante os anos noventa e a primeira década do século XX quando a degeneração se tornou a ideologia central, quase-oficial, da República oligárquica conservadora (1889-1930)” (2005, p. 48).

Nesta possível linha interpretativa, é fundamental ressaltar que o enredo termina com o incêndio do Ateneu e com Aristarco abandonado por sua esposa. O internato que então simbolizaria o velho seria destruído pelo novo, representado pelo aluno recém chegado Américo. Desta forma, temos em *O Ateneu* a concretização da superioridade da arte defendida pelo professor Dr. Cláudio no enredo e, fora dele, sublinhada por Alfredo Bosi como sua especificidade em relação aos romances contemporâneos: “o prestígio das leis férreas do darwinismo coabita com um anarquismo sem peias, ressentido, incendiário” (1988, p. 34), sendo que o último permanece. A obra de Pompéia não termina com a fatalidade dos princípios deterministas, mas com um incêndio, representativo para Bosi do julgamento da civilização pela arte.

### **Falando sobre sexo**

No tópico anterior, buscamos demonstrar como a preocupação com a corrupção do caráter permeia o romance de Pompéia, revelando uma postura crítica do autor em relação à

monarquia, mas desdobrando-se em diferentes abordagens. Para além das possíveis intenções do autor, a narrativa de *O Ateneu* revela tensões sociais perceptíveis no processo educacional da elite brasileira em um momento no qual a preocupação com a degeneração da sociedade se fazia eminente. Contudo, cabe-nos assinalar um aspecto capital que permeia a preocupação degenerativa dentro do enredo: a sexualidade infantil, diga-se de passagem, homoerótica. Aristarco, já no dia da entrada de Sérgio no internato, afirma que seu principal objetivo mais do que fiscalizar os estudos é combater a “imoralidade”. Expressão que deixa subentendido seu sentido que se revela ao decorrer da estória: a abjeta relação afetiva entre seus alunos. Contra ela, promete disciplina e severidade.

São muitas as páginas do romance que versam em torno da aproximação afetiva entre os alunos que tomam a forma de uma espécie de namoro. Os colegas da escola expressam seu amor interdito fugindo da vigilância extenuante levada a cabo pelo diretor, bedéis e professores. O enredo expõe apenas um caso em que chega ao diretor o conhecimento do amor proibido. Contra tal, Aristarco se mobiliza a compor um julgamento, castiga os envolvidos e pondera a possibilidade de expulsá-los. Através da ironia fina de Pompéia, o diretor desiste da expulsão resguardando suas finanças e concedendo anistia aos “réus da moralidade”.

Duas questões se colocam em relação ao momento de produção e publicação do romance. Como *O Ateneu* pôde mostrar tantas passagens explícitas de relações afetivas entre garotos em pleno século XIX tomando a página principal da *Gazeta de Notícias*? Como teve uma acolhida tão favorável da crítica e do público?

Antes de responder a tais questões é preciso ter em vista que a preocupação vigente com a degeneração estava em grande parte assentada na idéia de que esta se espalharia por todo o corpo social através da hereditariedade. Formava-se uma enorme ansiedade social em relação a reprodução, justificando intervenção e controle da sexualidade para fins reprodutivos. A partir de então, considera-se que a sexualidade é um vetor saturado de riscos para a coletividade. Em uma complexa trama ligam-se discursos políticos, jurídicos, médicos e literários que abordam diversas formas de expressões de sexualidade, em específico, àquelas vistas como um perigo à construção da nação.

Na literatura brasileira finissecular há uma profusão de temas relacionados à sexualidade, como a prostituição em *Lucíola* (1862) de José de Alencar, a sexualidade inter-racial em *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo, assim como a relação amorosa entre homens em *Bom*

*Crioulo* (1895) de Adolfo Caminha. Estas obras permitem reconhecer ansiedades culturais do período em sua expressão nacional em um período marcado por uma “explosão discursiva sobre o sexo”, atrelada ao biopoder, buscando associar vigor físico e pureza do corpo social. Sobre este tópico, Foucault (2007) adverte que a sociedade ocidental desenvolveu uma forma peculiar de relação entre conhecimento e sexo. Desenvolvendo-se em uma “ciência sexual”, este elemento foi não só objeto de sensação ou prazer, mas também “de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade” (2007, p. 65). Antes que relegada ao mutismo, o que se observa é que a sexualidade foi alçada a um regime de saber-poder caracterizado pela estimulação discursiva. Assim, o sexo passou a ser considerado:

um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar (FOUCAULT, 2007, p. 78).

A produção da verdade estava vinculada a este elemento tão perigoso e tão fundamental na constituição mais íntima do indivíduo. Sua verdade oculta só é acessível através de uma hermenêutica efetuada pela autoridade do poder médico via “confissão”. É neste contexto que a nascente sexologia, ramo da psiquiatria, cria espécies sexuais que denotariam não apenas práticas sexuais, mas um comportamento psicopático determinante de todas as suas condutas, em suma, sua própria identidade. Surge então, nos discursos psiquiátricos, a figura patológica moderna do homossexual, caracterizado como um degenerado congênito.

O homossexual foi “inventado” pelo discurso científico como uma espécie de natureza singular, uma personagem na qual “nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade” (FOUCAULT, 2007, p. 50). Em suma, o cerne da vida psíquica passou a ser visto como tendo origem na sexualidade<sup>41</sup>. Com este corte histórico, verdadeiro ponto de viragem na forma de compreensão da ordem social e da própria subjetividade, acham-se imbricados produção de verdade e sexo. Eve Kosofsky Sedgwick sintetiza:

---

<sup>41</sup> Nas palavras de Miskolci (2003a): “A psiquiatria tomou como tarefa criar a árvore genealógica de todos os problemas sexuais e, dentro desse intuito, surgiram os grandes tratados de psicopatologia sexual. O primeiro foi publicado em latim por Heinrich Kaan, um médico de Leipzig, em 1844. Seu livro marcou uma nova fase no discurso sobre a sexualidade por afirmar que : ‘O instinto sexual comanda toda a vida psíquica e física’ (KAAN apud FOUCAULT, 1999, p.267). A partir de então, o instinto sexual passou a ser compreendido como a força primária por trás da economia dos instintos” (p. 112).



Foucault esboçou o processo, inicialmente bem delimitado na cultura européia, mas ampliado e acelerado abruptamente após o final do século XVIII, pelo qual “conhecimento” e “sexo” se tornaram conceitualmente inseparáveis – de tal modo que conhecimento significa em primeiro lugar conhecimento sexual; ignorância, ignorância sexual; e pressão epistemológica de qualquer espécie parece uma força saturada de impulso sexual (2007, p. 29).

É neste contexto de tematização exaustiva da sexualidade que é publicado *O Ateneu*. Seu enredo é rico em formas de manifestação homoerótica entre escolares para além de um paradigma da “ciência sexual”, mas, no entanto, sua recepção se dá nas linhas do discurso científico hegemônico, unindo exposição discursiva sobre sexualidade e darwinismo-social. Para entendermos sua recepção, centramo-nos na análise de Araripe Jr., crítico contemporâneo a Pompéia que debateu longamente sua principal obra no mesmo ano de sua publicação:

[Pompéia] perfeitamente darwinista neste tanto, obtém todos os seus grandes resultados estabelecendo o processo de uma seleção psíquica. A luta pela vida do caráter, a luta pela autonomia mental, - eis Sérgio, o personagem que fala da primeira à última página do romance (p. 166).

Sérgio é aqui apresentado como resistente ao meio, ao “horror” do internato:

Ora, da subordinação de Sérgio às influências dessa prisão, com a alma que lhe quis dar o autor, amorosa, estimulada e cheia de imaginação, a conseqüência inevitável seria a tendência para aglutinar-se a tudo quanto a pouco e pouco lhe fosse parecendo o objeto necessário à satisfação das exigências afetivas e artísticas de sua virgem organização (p. 175).

Conclui o autor, referindo-se ao espinhoso caminho até a última relação apaixonada de Sérgio no romance pela mulher do diretor Aristarco: “lutando com a própria fragilidade, percorrendo vários períodos, que sensações experimentaria essa alma antes de chegar ao *excelsior* dos afagos de Ema?” (p. 174). Percebemos a lente hegemônica que permitiu a recepção do romance: a sexualidade aqui é vinculada a um meio degenerativo, do qual a personagem principal busca escapar. Esta personagem é descrita a partir do discurso psiquiátrico – “seu caráter é vítima do contágio” (p. 167), presa fácil do meio – mas diferencia-se da personagem degenerada recém-criada do homossexual, garantindo assim a “dignidade” da obra: “se, como em certos casos patológicos citados pelos psiquiatras, a sua consciência nem sempre se anula de todo, pelo menos sua vontade sofre as conseqüências da superposição de uma, de outra e de tantas vontades quantas lhe aparecem” (p. 167).

Sustentando-se no pressuposto de uma heterossexualidade natural, a obra é entendida como um “livro de máximas”, na qual se tira a conclusão de que “os ateneus podem ser fatais aos

meninos que, ainda aos 16 anos<sup>42</sup>, não prescindem de socorro das mães e que arriscam-se a morrer inanidos se não encontram mulher para aquecê-los no regaço” (p. 176).

Os perigos do meio associados à sexualidade levantados por Araripe Jr, no enredo recebem destaque através da personagem Rebelo que, em seus conselhos a Sérgio, ressalta as relações “perversas”, as “paixões, fraquezas e vergonhas” que ali vigoram. Interessante pensar que o meio degenerativo de *O Ateneu*, em muitos momentos vinculados ao homoerotismo, é destruído no final, remetendo-nos à imagem bíblica de Sodoma e Gomorra<sup>43</sup>.

O “meio”, muito ligado a representações das instituições imperiais, expressa sua degeneração em sua forma mais “imoral” por meio da sexualidade degenerativa que o caracterizava. O incêndio, como em Sodoma, purifica o ambiente corruptor e, naquele contexto, aponta com entusiasmo para o período republicano e a expectativa de progresso social. Talvez esteja aí uma chave para se pensar a recepção do romance. A relação entre monarquia e falta de moralidade e república e fortalecimento moral é recorrente nos textos políticos de Pompéia. Como no texto do dia 22 de novembro de 1889, logo após a Proclamação da República, na gazeta mineira *O Farol*; o cronista ressalta animado: “veio o Governo Provisório, aquela soberba peça oficial, que é uma obra-prima de energia e de elevação moral” (POMPÉIA, 1983b, p. 16).

Convém lembrar que, em contexto anterior, sexualidades dissidentes já tomaram as páginas de outro escrito de Pompéia: a novela *As Jóias da Coroa*. Nela há uma associação direta entre “imoralidade” e Império. O enredo se baseia em um roubo de jóias valiosas, realmente ocorrido no Palácio de São Cristóvão. As personagens da ficção têm nomes facilmente identificáveis com as reais personalidades da Corte envolvidas no roubo e em sua solução. O desenrolar da estória é marcado por ocasiões de adultério do duque de Bragantina (representação literária de Pedro II), que teve suas jóias roubadas no Palácio de Santo Cristo. No final do enredo, sua esposa o impede de travar relações com uma moça que seria sua filha com outra mulher, atribuindo à personagem a pecha de um incestuoso em potencial.

Borges ressalta que o termo degeneração tornou-se jargão republicano para referir-se pejorativamente às instituições imperiais e James N. Green demonstra como a associação entre a

<sup>42</sup> Há um equívoco do crítico, Sérgio entra com 11 anos na escola e o enredo diz respeito a sua estada em dois anos letivos no internato.

<sup>43</sup> A relação com Sodoma já foi levantada por Brito Broca: “E se o romance encerra uma desforra contra tudo o que o escritor levou a vingança até o fim, fazendo a narrativa terminar com o incêndio do Ateneu. Fora esse, provavelmente, o desejo íntimo do pequeno Raul Pompéia, no Colégio Abílio: que aquele ambiente insuportável se extinguisse, como Sodoma, consumido pelas chamas” (1956, p. 42).

“sexualidade perversa” e Império eram presentes no período republicano, como no estudo *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro)* de José Ricardo Pires de Almeida:

Embora a obra de Pires de Almeida tivesse entre suas metas documentar o comportamento libertino no Rio de Janeiro da virada do século, os perfis que traçava de indivíduos pederastas, termo que usava para referir-se a qualquer homem, fosse ele ativo ou passivo, centravam-se em personagens dos dias do Império (2000, p. 89).

Na conclusão do historiador: “esses comentários, assim como suas observações a respeito da ‘tolerância’ da polícia durante o Império, podem também ter sido uma crítica republicana velada ao estado decadente da recém-deposta monarquia” (GREEN, 2000, p. 89)<sup>44</sup>.

O “meio perverso” em *O Ateneu* representa uma crítica à monarquia através da mediação da categoria sexualidade. Os teóricos *queer* assinalam que esta nova ordem se caracteriza pela heteronormatividade que, por um lado, reitera e sustenta a pretensa naturalidade da heterossexualidade e, por outro, fundamenta-se no binário hetero/homo enquanto um esquema de interdependência de inteligibilidade social. Este esquema se fundamenta em paralelo com outros binarismos, quais sejam: normal/patológico, puro/impuro, moral/imoral, limpo/sujo. Nesta linha, a categoria sexualidade funciona não apenas como criadora de identidades sociais, mas como categoria de conhecimento que se dirige também a instituições sociais, como o Império. Podemos dizer que a crítica republicana constitui um processo de homosexualização (SEIDMAN, 1996) do Segundo Império que já está presente em *O Ateneu*, relacionando “imoralidade” e instituições monárquicas<sup>45</sup>.

Porém, o fundo de crítica política não impede Pompéia de criar um romance que problematiza as bases da emergente heteronormatividade. Sua publicação é envolta em ambigüidades e complicações, especialmente ao trazer ao discurso literário, distante da legitimidade e “pureza” do saber científico, a relação entre iguais.

Já afirmamos que esta obra se insere em um contexto marcado pela tematização de sexualidades dissidentes. Temos como exemplo a supostamente doentia sexualidade desenvolvida na infância presente nas teses médicas que propunham seu combate pela disciplina. Não obstante, há que se realçar alguns detalhes importantes presentes na narrativa de Pompéia:

<sup>44</sup> Observemos que, em descrição densamente irônica, Aristarco salva suas finanças em troca de punir os responsáveis pela “imoral” atividade por ele descoberta.

<sup>45</sup> Sedgwick (1985) já expusera como as representações políticas são perpassadas por categorias sexuais. Demonstra como nos romances ingleses a aristocracia passa a ser representada a partir do século XVIII como feminizada, o que se aprofundou após o julgamento de Oscar Wilde que demarcou uma relação direta entre homossexualidade e esta classe “ociosa”.

trata-se de um texto em primeira pessoa, com traços notavelmente autobiográficos e cuja personagem principal realiza envolvimento homoafetivos. Estas características o distinguem de seus contemporâneos, especialmente por trazer ao discurso a homossexualidade, prática marcada pela recusa cognitiva nas sociedades ocidentais, como afirma Sedgwick:

A cultura centrada no indivíduo, do século XIX, avançava na elaboração de uma versão do elo conhecimento/sexualidade cada vez mais estruturada por sua recusa cognitiva da sexualidade entre mulheres, entre homens. Ao final do século XIX, quando virou voz corrente – tão óbvio para a Rainha Vitória quanto para Freud – que conhecimento significava conhecimento sexual, e segredos, segredos sexuais, o efeito gradualmente reificante dessa recusa significou que se havia desenvolvido, de fato, uma sexualidade particular, distintivamente constituída como segredo: o objeto perfeito para a ansiedade epistemológica/sexual do sujeito da virada do século, hoje exacerbada (2007, p. 30).

Sobre o Reino Unido vitoriano, Ari Adut (2005) apresenta inúmeros exemplos em que a homossexualidade nos discursos jurídicos e jornalísticos era considerada “não mencionável” ou um crime “inominável”. A sanção aos homossexuais era marcada pela discricção, especialmente dentre aqueles indivíduos pertencentes à elite, focos de atenção privilegiada, pois poderiam dar visibilidade à prática. As autoridades preocupavam-se especialmente com a publicização da homossexualidade, entendida como vetor de corrupção de uma audiência jovem. Sendo assim, muitos casos descobertos da atividade então criminosa da “sodomia”, mesmo que espalhados em certos círculos sociais, facilmente escapavam de punições, ao menos com fugas do país.

O famoso julgamento de Oscar Wilde em 1895 destacou-se dos demais por trazer a público “o amor que não ousa dizer seu nome”<sup>46</sup>, dentro de um contexto em que estavam envolvidas figuras da elite inglesa. A relação entre Wilde e Alfred Douglas já era suficiente conhecida quando o pai do amante do escritor irlandês, marquês de Queensberry, começou a intervir no caso. Este, depois de tentativas de retaliar o filho para afastar-se da figura excêntrica de Wilde, passou a perseguir o autor de *O Retrato de Dorian Gray*, ofendendo-o em lugares públicos, como no caso em que deixou na apresentação de *A importância de Ser Prudente*, um buquê de tulipas e cenouras fálicas ao autor. Chamado de sodomita, Wilde resolve processá-lo.

O julgamento se volta contra o escritor quando a defesa do acusado leva várias testemunhas, a maioria prostitutas, acusando o escritor de “práticas sodomitas”. A imprensa cobre fartamente o julgamento e Wilde não busca se redimir, antes responde ironicamente, ao ser questionado sobre uma eventual relação com algum sujeito. Rechaça a acusação aludindo à

---

<sup>46</sup> Trecho do poema *Dois Amores* (1894) do Lorde Alfred Douglas que se tornou referência internacionalmente reconhecida ao se referir a relações homoeróticas.

feiúra do rapaz. Não fugindo após os julgamentos, aumentando ainda mais a visibilidade do processo, é condenado a dois anos de prisão com trabalhos forçados. Anos após o cumprimento da pena, morre no ostracismo em Paris<sup>47</sup>.

O caso de Oscar Wilde serve de exemplo de toda a repercussão que trazia a publicização de relações homoeróticas. O seu episódio aponta para uma característica de ansiedade social produzido pela recusa cognitiva da sexualidade entre iguais em momento de profunda elaboração discursiva sobre o sexo. E o caso não se restringe ao contexto inglês<sup>48</sup>. Mesmo dentro dos discursos médicos brasileiros haviam restrições. Não que não se pensasse sobre as práticas sexuais entre homens e entre mulheres ou se especulasse sobre seus desdobramentos degenerativos, mas sobre elas não se deveria falar; a menos que através de um discurso de profilaxia elaborado com todo cuidado. Observamos as teses médicas sobre educação infantil que trouxeram a exaustão a questão da masturbação e meditaram sobre como evitá-la; sobre a sexualidade homo-orientada propuseram os mesmos métodos, mas não se animaram a dissertar sobre atividade que caracterizavam como “desmoralização”.<sup>49</sup>

Neste contexto, Pompéia e a *Gazeta de Notícias* tomaram certas precauções ao tocarem no tópico secreto. O jornal anuncia a publicação futura de um romance que passa “pelas escabrosidades com a delicadeza e o fino tato de um artista de raça” (p. 39). Ressalta não contar o enredo com personagens reais, talvez buscando em última instância desvencilhar a personagem principal da vida do autor<sup>50</sup>: “era uma história... de velada crítica à falsa ciência pedagógica das escolas da época, mas sem personagens reais, copiados *in totum* de um modelo único. E quem pensar o contrário calunia o autor, ou mostra desconhecer o que é um trabalho artístico” (CAPAZ, 2001, p. 125).

Na mesma folha, Pompéia escreve em sete de junho do mesmo ano, isentando a sua obra de qualquer vínculo pessoal e biográfico:

há generalizado entre os críticos o hábito de envolver na crítica a pessoa do autor. Daí a invasão dos bastidores da cena artística e a confusão conturbadora das narrativas

---

<sup>47</sup> Sobre a forma como Wilde compreendia as relações entre pessoas do mesmo sexo e seu julgamento consulte Miskolci, 2006b.

<sup>48</sup> Sobre o mesmo contexto, Sedgwick (1985) explora como os romances góticos exploravam a exaustão a sexualidade homoerótica em sua forma “indizível” e portanto, cheia de reticências.

<sup>49</sup> No capítulo seguinte trataremos de forma mais detalhada deste assunto, mostrando que o silêncio, as reticências, os pudores faziam parte das estratégias discursivas do controle da sexualidade. A ausência de um discurso explícito não tirava a centralidade da regulação da sexualidade homoerótica em voga.

<sup>50</sup> Além deste objetivo, o jornal e o autor também poderiam ter outros, como preservar a figura de Abílio.

biográficas e anedóticas, das monografias psicológicas sobre o escritor com o exame puramente literário.

A obra existe para a crítica, como isolada e anônima, caracterizada apenas por uma localização e por uma data. Artística. Não importa o resto.

Se esta foi a real intenção, não parece ter sido completamente eficaz. Em uma seqüência de artigos sobre *O Ateneu* no mesmo ano de sua publicação, Araripe Jr. apresenta sinais de que críticas pretensamente sobre a obra voltavam-se contra a pessoa de Pompéia. Conta-nos o crítico: “- A afeição do Raul pelo *Sous l’Œil des Barbares*, de Maurice Barrès, disse-me a dias, um amigo, não será sintoma de que ele já vai se inclinando para o grupo dos Verlaine e dos Mallarmé? – Não o creio, respondi logo”. (1978, p. 152). E durante muitos artigos seguidos se arvora em distinguir Pompéia dos simbolistas franceses. A diferenciação apontada é referente apenas a características estéticas das obras dos autores, não obstante, salta os olhos como Araripe se ocupa em muitos dias seguidos em tal empreitada ao invés de centrar sua análise na obra.

A crítica aos simbolistas é enfática, segundo o autor essa escola era inferior em qualidade, pois fundamentalmente hermética. Porém, o hermetismo era interpretado a partir de característica psíquicas dos autores:

o mallarmismo não vai além de uma erupção determinada, ora pela incapacidade de alguns temperamentos literários para suportarem o trabalho de detalhe, ora pela falta de discernimento para a análise, ora pela ausência de força cerebral para os aturados exercícios de atenção. Preguiça mental, em suma (ARARIPE JR., 1978, p. 156).

Raul Pompéia diferenciava-se destes, pois:

a visão se produz para ele clara, positiva, independente desse esforço mórbido que costuma provocar alucinações. Apesar de tentado pelo desejo de exprimir o invisível, apesar de suas tendências de artista aristocrático e sutil, essa circunstância permitiu-lhe desde logo o repúdio das loucuras da nova escola (1978, p. 162).

Não nos cabe entrar nos detalhes da discussão estética, mas salientar que os termos correntes utilizados correspondiam aos modelos de inteligibilidade da psiquiatria européia<sup>51</sup> que então criava identidades patológicas que representariam tipos de caráter congênito, como o homossexual. Junto a isto, sabe-se que uma referência a este grupo de franceses poderia ter outro sentido que não meramente o debate estético, na medida em que Rimbaud e Verlaine se envolveram em famoso caso amoroso em período prévio ao aqui tratado. Em suma, cabe-nos pensar em uma referência velada à homossexualidade de Pompéia proporcionada pela autoria de um romance de fundo autobiográfico no qual o autor traz à tona relações entre garotos. A crítica

---

<sup>51</sup> Note a semelhança com o livro outrora citado de Max Nordau *Entartung* de 1892.

de Araripe Jr. sustenta a recepção do romance de modo a desvencilhar a figura de Pompéia destas relações “imorais”.

Sua vida privada também foi alvo de correntes insinuações. No quarto aniversário da trágica morte do autor de *O Ateneu*, dia 25 de dezembro de 1899, Luiz Labre escreve artigo no folhetim *O Archivo Illustrado*, remontando a existência de tiras de papel de autoria de Capistrano de Abreu direcionando “infâmias” responsáveis pela morte do autor, sobre as quais Labre não se arrisca a descrever:

o gérmen de uma lúgubre instituição maçônica, que se fundou na Capital Federal para o fim especial de promover por todos os meios o assassinato do pranteado escritor; e conseguiram o seu desideratum porque em tempos que não vão longe, fingiram-se amigos do auctor do Atheneu e, com a astucia e perversidade dos criminosos estudados e descritos por Lombroso, assenhoravam-se do seu temperamento, chegando à conclusão de que o meio mais rápido e de nenhuma responsabilidade para perpetrar-se o assassinato era, todos os dias, fazer chegar aos ouvidos da victima uma calumnia, ora publicada em jornaes, ora escripta em tiras de papel (como o fez o Sr. Capistrano de Abreu) e, por meio hábeis, apresentada em seguida a qualquer conhecido do letrado, transformado dessa arte em portador inconsciente daquellas machiavellicas infâmias.

Capistrano de Abreu foi professor de Pompéia, no colégio Pedro II, como também seu amigo. A amizade foi subitamente rompida. Por quê? É curiosa a resposta de Rodrigo Octavio: “Talvez a Capistrano houvesse Raul confiado alguma coisa do seu coração. Era moço e poeta e ninguém soube jamais de algum amor que lhe aflorasse o coração, de qualquer aventura de mulher, por mais leve e passageiro que fosse” (p. 198). Se Labre aponta para insinuações as quais não nomeia oriundas do ex-amigo Capistrano, Rodrigo Octavio relaciona o rompimento da amizade com uma possível confissão amorosa de Pompéia. Capaz (2001) descreve como a estranha conduta em relação aos temas do amor do escritor levava o autor à censura provocativa dos amigos, indicando o possível teor das infâmias expostas por Labre: “embora não fosse rara naquele tempo a castidade masculina antes do casamento, a timidez doentia e a falta de envolvimento sentimentais em sua vida pessoal provocavam a maledicência dos conhecidos e divertia os amigos mais chegados” (p. 183)”.

As descrições doentias, que abrem o capítulo, explicativas do comportamento esquisito do autor de *O Ateneu*, imbricam-se com dúvidas em relação à sua conduta amorosa, na narração de Brito Broca:

uma desconfiança mórbida que Pompéia nutria em relação a todos e a tudo. Suspeitava sempre de um remoque, um achincalhe, descobria segundas intenções, onde não havia mais do que simples brincadeira. Imaginava talvez que os amigos o ridicularizavam às ocultas; e assim, na menor ponta de malícia já pressentia a injúria que estariam a atirar-lhe pelas costas (1956, p. 53).

Absolutamente após descrever suas relações entre amigos, propõe um desafio aos novos pesquisadores do autor, deixando implícita a relação entre o estranho comportamento de perseguição que “torturava” o escritor e sua curiosa conduta nos assuntos do amor, diz o biógrafo: “Há, portanto, um mistério Raul Pompéia, a desafiar a sagacidade dos pesquisadores e exegetas. Teria sido ele um homem sem amor?” (1956, p. 55).

No fundo, a questão que se coloca é para além de se saber se Pompéia era um solteiro solitário. A ausência de relacionamentos amorosos com mulheres, juntamente com a tematização de passagens homoeróticas em romance reconhecidamente autobiográfico, deu margem a vinculação da figura de Pompéia à homossexualidade<sup>52</sup>. Mesmo que indiretamente, parte da crítica veicula esta imagem do romancista. Desde artigos mais antigos, como o de Mário de Andrade, que ressalta um “segredo mau” do escritor, uma “tara” com a qual não soube lidar. Há também quem se arvora, ainda nos dias de hoje, a defender o escritor de qualquer vinculação a esta personagem histórica moderna. É o caso do biógrafo angrense Camil Capaz (2001) que buscou enfatizar a não indiferença do autor em relação às mulheres, mostrando trechos do romance e de crônicas que salientam sua atração pelo sexo oposto. Em todo caso, a própria “defesa” de Pompéia é representativa da concretude de tal atribuição.

Antes que entrar nesta polêmica, cabe-nos ressaltar em que termos ela se efetivou e com que conseqüências para o autor. É provável que tais atribuições eram dirigidas ao autor de *O Ateneu* em sua vida. Em um período marcado pela hegemonia do saber psiquiátrico, o homossexual, como o criminoso ou qualquer outro desviante das normas socialmente aceitas, era compreendido a partir de critérios fisiológicos em um esquema essencialista que configurava patologicamente toda a personalidade do indivíduo. Como vimos, sua diferente trajetória, tanto em termos políticos como pessoais, por um lado, obrigava-o a responder socialmente a provocações de seus conviventes e, por outro, resultaram em descrições que ressaltam traços doentios em suas características.

Notamos estes mesmos esquemas de inteligibilidade explicando a estranheza do escritor em assuntos do coração (diga-se de passagem, em nota de rodapé), em escrito muitos anos após a

---

<sup>52</sup> Assunto que toma a reflexão da crítica até os tempos recentes, como no texto de Perrone-Moisés (1988) “O tema é tratado por Raul Pompéia com extrema sutileza, pelos caminhos da insinuação, sob os véus do eufemismo, com a discrição das reticências. Tudo é aludido, sem que seja preciso enunciá-lo. Precauções enunciativas ditadas pela censura da época ou autodefesas do próprio autor, ao tocar em lembranças por demais dolorosas, que não convém escavar demasiadamente? Provavelmente as duas coisas” (p. 25).



morte de Pompéia, do biógrafo e amigo Rodrigo Octavio: “sei agora que uma razão de ordem fisiológica o jungia à fatalidade dessa atitude”. Conversando com Gregório da Fonseca, próximo à família Pompéia, obtive informações interessantes sobre o biografado:

Foi assim que ele me disse que o velho Dr. Alfredo Camilo Valdetaro, ilustre médico, de grande clínica em todo Botafogo... narrava-lhe que, certo dia, Raul apareceu-lhe em sua chácara da Gávea e lhe pediu que o examinasse, verificando então que o pobre moço sofria de manifesta e irremediável deformação sexual (1978, p. 199).

O companheiro dos tempos de Recife termina o argumento com a seguinte conclusão: “tal circunstância... põe muita luz em certos aspectos de sua vida e explica, fisiológica e sociologicamente, acentuados traços de seu temperamento” (1978, p. 199). A crença na “irremediável deformação sexual” de Pompéia, explicativa de “acentuados traços de seu comportamento”, revela a força da categoria sexualidade na sociedade em que viveu Pompéia. Trata-se de um período de constituição de uma nova ordem sexual no Brasil, alimentada por uma rede de mecanismos de controle da sexualidade que construíam a heteronormatividade em nosso contexto. Para além das intenções do autor, *O Ateneu* disponibiliza um rico material para a reconstituição de como parte importante deste processo social: o controle da sexualidade das crianças da elite no fim dos oitocentos.

## CAPÍTULO 2- A Pedagogia do sexo em *O Ateneu*: o interdito à imoralidade

### *O Ateneu* como “arquivo histórico” de pedagogias de sexualidade e práticas homoeróticas

A arte literária expõe o microcosmo da natureza íntima do homem. O espelho artístico volta-se para dentro e reflete os poemas da alma, evidencia os sonhos, as vibrações sentimentais, surpreende as fugitivas sombras que povoam as noites das meditações, corporizam-se as melancolias; *desvirginam-se os problemas delicados que a ciência respeitou; os fantasmas ao passar são detidos e interrogados* (p. 39, grifo nosso)

Interessante esta passagem de *Alma Morta*, romance de Raul Pompéia, que ressalta o rico potencial que um romance pode oferecer para uma pesquisa sócio-histórica. Nele, “desvirginam-se os problemas delicados que a ciência respeitou” e assim, fornece material para reconstituição de processos sociais não explícitos em outras fontes. Referindo-se à obra *O Ateneu*, abre-se possibilidade de ter acesso a pedagogias de sexualidade e formas de interação homoerótica em voga – obviamente não tratadas e desenvolvidas em fontes oficiais; a não ser via discurso hegemônico, estereotipando e patologizando tais manifestações. Sobre o mesmo período, Miskolci (2008c), apoiando-se em Peter Fry, afirma ser a literatura um veículo importante para explorar representações sobre a marginalidade social discordante, na medida em que:

as obras literárias daquela época permitem acessar tensões e ambigüidades da vida social pouco visíveis nos saberes oficiais. Assim, a literatura pode ser encarada como documento importante da vida privada de então além de – ao menos em parte - ter algo em comum com as pretensões das ciências sociais contemporâneas ao expor a diversidade do mundo social que os saberes científicos tendiam a homogeneizar (p. 09).

Baseando-nos em Said (1978) quando afirma que “é possível reconhecer e construir um arquivo internamente estruturado a partir da literatura que retrata e é parte de certas experiências históricas” (p.58), compreendemos que o enredo do romance de Pompéia revela aspectos cruciais da sociedade brasileira em transformação no final do século XIX, no que dizem respeito a transformações na esfera das relações de sexualidade e gênero. Se no capítulo anterior buscamos mostrar como o romance se vincula ao seu contexto de produção e à trajetória do escritor, neste enfatizaremos como ele escapa às pretensões do autor, na medida em que toda obra artística é mais ambígua e rica do que as intenções de quem a cria, pois se insere nas ambigüidades de sua própria época.

Em uma análise sócio-histórica, pretender-se-á abarcar as pedagogias de sexualidade do período que visassem a construção de corpos masculinos, agenciando e controlando desejos e

manifestações sexuais em uma ordem heteronormativa. Isto será feito associando leitura do enredo com discursos e práticas do contexto referido a ele. Em outros termos, seguindo a contribuição de Edward Said, buscar-se-á analisar a narrativa correlacionando-a a idéias, conceitos e experiências em que ela se apóia, “esforçando-nos por extrair, estender, enfatizar e dar voz ao que está calado, ou marginalmente presente” (SAID, 1995, p. 104). Voltemo-nos ao enredo.

### **“A transformação moral da sociedade”: ordem médica e pedagogia higiênica**

desenrolou, com a memória de uma última conferência, a narrativa dos seus serviços à causa santa da instrução. Trinta anos de tentativas e resultados, esclarecendo como um farol diversas gerações agora influentes no destino do país! E as reformas futuras? Não bastava a abolição dos castigos corporais, o que já dava uma benemerência passável. Era preciso a introdução de métodos novos, supressão absoluta dos vexames de punição, modalidades aperfeiçoadas no sistema de recompensas, ajeitação dos trabalhos, de maneira que seja a escola um paraíso; adoção de normas desconhecidas cuja eficácia ele pressentia, perpicaz como as águias. Ele havia de criar... um horror, a transformação moral da sociedade! (p. 09).

Após duas visitas em festividades às quais fizeram Sérgio deslumbrar-se com o colégio e seu diretor, o garoto se matricula no proeminente internato, acompanhado de seu pai com o qual ouve atentamente o pretensioso discurso do pedagogo. Depois de curta passagem em colégio externo, o novo aluno se vê efusivo diante da nova experiência. Conta-nos o narrador que Aristarco não era apenas um diretor, era um nome importante da pedagogia brasileira, reconhecido em todas as partes do país:

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à substância, atochando a imprensa de lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria (p. 04).

E neste aspecto, sublinhamos o caráter autobiográfico do romance. Não há crítico que não ressalte a influência da própria vivência de Pompéia enquanto aluno no Colégio Abílio da Corte, do importante médico e pedagogo Barão do Macaúbas. A associação foi levada tão ao pé da letra que Eduardo Ramos, também antigo discípulo de Abílio, levando em conta toda a

cômica caracterização da personagem Aristarco – exposta no capítulo anterior – anos depois critica *O Ateneu* como sendo uma obra ofensiva à imagem de Abílio:

Dr. Abilio (pai), o educador de duas gerações, é exposto por Pompéia como um charlatão ignóbil, cuja cupidez se emplumou na Cortezania para explorar a mocidade no mercantilismo da educação, em um trafico cínico de 40 anos. Erro de biógrafo; e erro de sociólogo. Erro clamoroso de biógrafo, porque o Dr. Abilio Cesar Borges foi o renovador da educação coletiva no Brasil (ALVES apud VALDEZ, 2006, p. 183).

Abílio começou seu ofício de educador na Bahia, onde exerceu função de diretor geral da Instrução Primária e Secundária e de dirigiu o Ginásio Baiano. Após reconhecimento em sua terra de origem, dirigiu-se à capital imperial, onde fundou e coordenou o Colégio Abílio da Corte – que assim como o internato de Aristarco, era um colégio da “fina flor da mocidade brasileira” (p. 04). O pedagogo se alinhava com concepções modernas de educação, representava o país em congressos internacionais<sup>53</sup>, nos quais era freqüentemente premiado. Nosso representante defendia o regime do internato, tratava sobre meios convenientes para a escola manter a disciplina e posicionava-se firmemente contra os castigos físicos. Propunha “manter a disciplina e desenvolver o gosto pelo estudo, sem o processo de horror, suplícios e violências que existia nas escolas primárias de todos os países” (VALDEZ, 2006, p. 45). A frase de um ex-aluno elucida bem a compreensão contemporânea de uma nova concepção pedagógica protagonizada por Abílio: “Pedro I libertou o Brasil do jugo dos portugueses, vós, senhor, libertastes a infância do jugo da fêrula” (HUNGRIA apud GONDRA, 1999, p. 42).

As proposições presentes no discurso de Aristarco no dia de matrícula de Sérgio são simétricas às principais concepções de Abílio sobre o processo educativo. Abolir os castigos físicos; estabelecer mecanismos de recompensas aos alunos; fazer da escola um ambiente agradável; efetuar, através da educação, uma transformação moral da sociedade são propostas que não apenas tomam o corpo do enredo de *O Ateneu* através da personagem do diretor do internato. Elas fazem parte de discursos e práticas que sustentam mecanismos de regulação social em voga no Brasil do final dos oitocentos.

Abílio foi médico de formação que abandonou a profissão para se tornar educador. Seu internato tinha como base a *Lei Nova de Ensino Infantil do Barão de Macahubas*<sup>54</sup>, um

<sup>53</sup> Presente nas exposições daquele período. Abílio participou da *Exposição Continental de Buenos Aires*, em 1882 sendo representante oficial do Império Brasileiro e da *Exposição Universal de Paris* no ano de 1889, na qual ganhou várias medalhas, ao mesmo tempo em que D. Pedro II foi premiado por construir em seu país escolas higiênicas, dentre elas o Colégio Abílio.

<sup>54</sup> Texto de 1884 de Abílio César Borges, sobre tal texto ver Gondra, 1998.

diferencial da pedagogia moderna baseada em preceitos médicos. Esta conjunção entre medicina e educação pode ser interpretada não apenas como simplesmente um percurso ocasional de um indivíduo, mas ser reveladora de um contexto mais amplo. Trata-se de um período de consolidação de uma hegemonia da medicina que, articulada ao Estado, ao mesmo tempo em que organizava-se institucionalmente<sup>55</sup>, ampliava seu escopo de intervenção na sociedade de forma considerável. Através dela, formaram-se mecanismos de controle populacional mais eficazes que ao mesmo tempo elaboravam maior conhecimento sobre a totalidade da população e intervinham cada vez mais ao nível do detalhe, penetrando em famílias e instituições. Constituíam-se tecnologias de poder mais eficientes em relação ao poder repressivo do aparelho jurídico-policial, marcado pela insuficiência numérica dos meios jurídico-legais e incompetência da legalidade jurídica de penetrar na esfera privada, (COSTA, J., 1999).

O fim dos oitocentos era um período marcado pelo crescimento populacional em alguns centros urbanos, por inúmeras epidemias e pela volta dos combatentes da Guerra do Paraguai. É neste contexto em que se consolida a medicina brasileira a partir de inúmeras demandas sociais. A higiene pública<sup>56</sup> surgia como saneadora da nação, intervindo em escolas, locais públicos, casas, etc. Seu enfoque era a prevenção: “os hábitos deveriam ser moralizados, orientando-se os costumes alimentares e higiênicos, controlando-se o desvio e evitando-se a ‘degeneração’,” (SCHWARCZ, 1993, p.226). Este quadro dramático de epidemias se ligou a idéia amplamente difundida cientificamente de degeneração: um conceito biológico que foi muito utilizado na interpretação de fenômenos sociais correntemente qualificados como tendentes a uma progressiva decadência. Frente a isto, a medicina pretendia-se “tutora da sociedade, senhora absoluta dos destinos e do porvir” (SCHWARCZ, 1993, p. 202).

A legitimação do saber médico se consolidava ao mesmo tempo em que este se infiltrava e intervinha em todos os poros da vida individual e social:

Esta ampliação no leque de interesses da medicina pode ser interpretada como um movimento de invenção da dimensão médico-sanitária dos problemas sociais, o qual colaborou para o sucesso do projeto de popularização e de legitimação do saber médico, pois, transformar as

---

<sup>55</sup> Durante o século XIX foram criadas duas faculdades de medicina no país (na Bahia e no Rio de Janeiro), como também a Academia Imperial de Medicina – instituição na qual se articulavam interesses e projetos da comunidade médica (GONDRA, 2004).

<sup>56</sup> O higienismo do século XIX é caracterizado pela forte intervenção médica no corpo social, com projetos de saneamento, moralização e disciplina. O seu desenvolvimento no Brasil desembocou no século XX na Eugenia, que, baseada na teoria da hereditariedade, defendia uma reprodução controlada buscando apurar as raças e regenerar uma população considerada enferma. Ver Schwarcz, 1993.

respostas aos problemas sociais em uma das competências da medicina colaboraria para redefinir seu próprio conceito, prestígio e poder (GONDRA, 2004, p. 88).

Trata-se da consolidação de uma hegemonia no controle e reestruturação do espaço urbano da capital Imperial. O novo ordenamento do espaço visava gerir o corpo populacional, formando o que Foucault (1999) denominou de *biopoder*: uma nova tecnologia que “se dirige à multiplicidade dos homens... na medida em que ela forma... uma massa global, afetada por processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc..” (p. 289). Produzem-se previsões e estimativas<sup>57</sup> e busca-se intervir a partir delas controlando endemias, subtraindo forças e reduzindo custos econômicos.

Estes novos mecanismos de regulação social se articularam com intervenções médicas ao nível do detalhe, penetrando dentro da família e escolas. Neste contexto, considerou-se que gerir a população demandava atenção, então inédita, às crianças. Perante discursos médicos que qualificavam a capital Imperial como degenerada (GONDRA, 2004), elegia-se a educação como meio para regenerá-la: com educação higiênica, atingiriam os adultos e conseqüentemente a nação. Os internatos passaram a cumprir um papel crucial; as crianças “isoladas das influências do ambiente prestavam-se, docilmente, aos ensaios médicos sobre a educação física e moral. Os pequenos reclusos seriam as cobaias e o colégio, laboratório” (COSTA, J.,1999, p. 179). Em suma:

O internato é representado... como modelo escolar ideal para a efetivação do projeto de moralização gestado e legitimado pela ordem médica. Representado como fortaleza, o colégio atuaria como uma verdadeira barreira contra os vícios, desde que se evitasse o contato dos alunos com o mundo exterior às fronteiras do internato, controlando as saídas, comunicações e leituras... (GONDRA, 2004, p. 453).

Um deslize na formação de um aluno poderia ter conseqüências muito mais amplas do que antes se imaginaria, conforme percebemos no trecho da tese de Dr. Andrada de 1855, apresentada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: “Qualquer tropeço á marcha gradual e progressiva deste desenvolvimento pôde torna-lo um desgosto para a família, um fardo para a sociedade e um martyrio para si mesmo” (ANDRADA apud GONDRA, 2004, p. 235). Assim, inúmeras teses médicas eram elaboradas no período tratando esmiuçadamente da organização da escola e sistematização das atividades dos alunos; discutia-se sobre: localização (a escola deveria

<sup>57</sup> No Brasil, desde a Independência, depende-se esforços nas contagens e classificação da população através de censos parciais. No entanto, apenas em 1872 é feito o primeiro censo nacional, no qual a classificação através da categoria cor ocupa centralidade (BOTELHO, 2005). A centralidade da categoria cor é significativa se relacionada com as preocupações com a miscigenação e seus efeitos degenerativos para a nação. Este aspecto será desenvolvido posteriormente.

ficar longe dos focos de infecção de epidemias ou mesmo do núcleo urbano cheio de vícios), separação etária, vestuário, alimentação, disciplina, organização do tempo de aulas revezando atividades intelectuais, recreio e enfatizando a importância da ginástica, dentre outros assuntos (GONDRA, 2004). No *Parecer dos Delegados da Inspectoria Geral de Hygiene sobre o Collegio Abilio da Côrte* de 1887, o colégio o qual Pompéia estudou foi qualificado como o primeiro de seu gênero e o ‘único’ que satisfazia, dentre todos os estabelecimentos visitados na *Freguezia da Lagoa*, as exigências da higiene escolar moderna (VALDEZ, 2006, p. 91).

O enredo de *O Ateneu* apresenta muitos aspectos desta preocupação com a organização da escola e com a atenção à educação dos alunos que caracterizava a pedagogia higiênica. Sua localização era distante dos centros urbanos: “o Ateneu estava situado no Rio comprido, extremo ao chegar aos morros. As eminências de sombria pedra e vegetação selvática debruçavam sobre o edifício um crepúsculo de melancolia, resistente ao próprio sol a pino dos meios-dias de novembro” (p. 06). A inserção dos alunos no universo do saber através das aulas era revezada com atividades físicas, que chamaram a atenção de Sérgio logo em visita prévia à sua estada no estabelecimento, em solenidade do colégio:

Não posso dar a idéia do deslumbramento que me ficou desta parte. Uma desordem de contorções, deslocadas e atrevidas; uma vertigem de volteios à barra fixa, temeridades acrobáticas ao trapézio, às perchas, às cordas, às escadas... movimento, entusiasmo por toda a parte e a soalheira, branca nos uniformes, queimando os últimos fogos da glória diurna sobre aquele triunfo espetaculoso da saúde, da força, da mocidade (p. 07).

A construção de corpos saudáveis acompanhava a formação intelectual dos alunos, sob o protagonismo do Professor Bataillard: “Ele dava as ordens fortemente, com uma vibração penetrante de corneta que dominava a distancia, e sorria à docilidade mecânica dos rapazes. (p. 06); “a teoria toda do *corpore sano* foi praticada valentemente ali, precisamente, com a simultaneidade exata das extensas máquinas” (p. 07). O adestramento dos corpos na narrativa acompanha, em processo interligado, a abjeção de corpos “não saudáveis”, como no caso de Rômulo, o colega ridicularizado e gordo de Sérgio, apelidado Mestre-cook. A causa do apelido é posta em questão em tom cômico pelo narrador: “só porque lembrava a culinária, com a carnosidade bamba, fofada dos pastelões, ou porque era gordo das enxúndias enganadoras dos fregistas, dissolução mórbida de sardinha e azeite, sob os aspectos de mais volumosa saúde?”(p. 57). Os colegas provocavam: “Mestre cook! Via-se apregoado por vozes fantásticas, saídas da terra; mestre cook! Por vozes do espaço, rouquentas ou esganiçadas! (p. 58).

Saindo do enredo ao contexto, percebemos que a educação física era considerada um antídoto contra os “vícios” e se articulava com uma preocupação de construção de uma nação regenerada. Como nos atesta o texto de Rui Barbosa<sup>58</sup> que:

destacava as finalidades morais e sociais da ginástica: agente de redenção dos hábitos perigosos da infância, meio de contribuição de corpos saudáveis, fortes e vigorosos, instrumento contra a degeneração da raça, ação disciplinar moralizadora dos hábitos e costumes responsável pelo cultivo de valores cívicos e patrióticos imprescindíveis à defesa da pátria (VALDEZ, 2006, p. 139).

Valdez (2006) nos chama atenção para esta função mais abrangente da educação física nos colégios deste período:

Adotar as práticas dos exercícios corporais na hora do recreio funcionaria como um antídoto contra os vícios, pois, juntamente com a distração da juventude, viria a ocupação integral do tempo escolar. Nessa representação, a ginástica escolar se encontrava a serviço da regulamentação física, mas, neste caso, sobretudo moral.(p. 138)

Chegamos a um aspecto crucial do discurso médico da época, o qual ressalta Gondra (2004), se caracterizava pela “indissociabilidade entre as dimensões física, intelectual e moral presente na escrita desses homens [médicos], visto que a matriz científica que lhes dá suporte não admitia que as mesmas fossem tratadas isoladamente” (p. 233). Todos estes aspectos permeiam a organização pedagógica da narrativa de Pompéia. No entanto, Aristarco demonstra qual é o ponto nodal para o qual sua organização disciplinar converge, qual seu objetivo educativo principal:

um trabalho insano! Moderar, animar corrigir esta massa de caracteres, onde começa a ferver o fermento das inclinações; encontrar e encaminhar a natureza na época dos violentos ímpetos; amordaçar excessivos ardores; retemperar o animo dos que se dão por vencidos precocemente; espreitar, adivinhar os temperamentos; prevenir a corrupção; desiludir as aparências sedutoras do mal; aproveitar os alvoroços do sangue para os nobres ensinamentos; prevenir a depravação dos inocentes; espiar os sítios obscuros; fiscalizar as amizades; desconfiar das hipocrisias; ser amoroso, ser violento, ser firme; triunfar dos sentimentos de compaixão para ser correto; proceder com segurança, para depois duvidar; punir para pedir perdão depois... Um labor ingrato, titânico, que extenua a alma, que nos deixa acabrunhados ao anoitecer de hoje, para recomeçar com o dia de amanhã... *Ah! Meus amigos, conclui ofegante, não é o espírito que me custa, não é o estudo dos rapazes a minha preocupação... É o caráter! Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade!*. Aristarco tinha para esta palavra uma entonação especial, comprimida e terrível, que nunca mais esquece quem a ouviu dos seus lábios. “A imoralidade” (p. 09, grifo nosso).

Este longo trecho ressalta alguns elementos da organização escolar que voltam a aparecer muitas vezes no romance. O que se destaca é a forma exaustiva com que Aristarco enfatiza ser

---

<sup>58</sup> Para um aprofundamento no pensamento de Rui Barbosa sobre educação no final do período imperial, ver Boto, 1999.



necessário vigiar os internos, fiscalizando amizades, espiando lugares obscuros a fim de impedir a corrupção, a “imoralidade”, em um período “onde começa a ferver o fermento das inclinações”. A corrupção dos internos que aparece de diversas formas durante o enredo, conforme exposto no capítulo anterior, aqui é preocupação central – atravessada pela crença no poder moralizante da educação, podendo ser evitada por meio de uma rígida disciplina, de um “trabalho insano”<sup>59</sup>.

Para isto, “a sala de estudo tinha inúmeras portas. Aristarco fazia aparições de súbito, a qualquer das portas, nos momentos em que menos se podia contar com ele” (p. 28); o diretor:

levava as aparições às aulas, surpreendendo professores e discípulos. Por meio deste processo de vigilância de inopinados, mantinha no estabelecimento por toda a parte o risco perpétuo do flagrante como uma atmosfera de susto... Chegava o capricho a ponto de deixar algumas janelas ou portas como votadas a fechamento para sempre, com o fim único de um belo dia abri-las bruscamente sobre qualquer maquinação clandestina da vadiagem. Sorria então no íntimo, do efeito pavoroso das armadilhas... (p. 28).

Alem de Aristarco, haviam bedéis e uma divisão dos alunos em grupos sob a tutela de um aluno designado vigilante, armado com sabre de pau: “por amor da regularidade da organização militar, repartiam-se as três centenas de alunos em grupos de trinta, sob o direto comando de um decurião ou vigilante” (p. 17) Ao invés de punições corporais as “bofetadas da opinião”, as crianças eram julgadas pelo diretor diante dos colegas, mas também submetidas a um sistema de recompensas: prêmios, medalhas e saídas eventuais do colégio para visitar a família ou mesmo jantar na casa do diretor:

A cada lição julgada boa, o professor assinava um papelucho amarelo, bom ponto, e entregava ao distinto. Dez prêmios destes equivaliam a um cartão impresso, boa nota, como dez vezes vinte réis em cobre valem um níquel de duzentos. O sistema decimal aplicava-se mais à conquista de um diploma honroso, equivalente a um baralho de dez cartões de boa nota. Com tal diploma era o estudante candidato à condecoração final de uma medalha, de prata ou de ouro, conforme fosse mais ou menos ótimo nos diversos superlativos do merecimento escolar (p. 34).

Entre as premiações e a disciplina exaustiva se constituía o inovador e ambicioso projeto pedagógico de Aristarco, desvinculando-se das antigas práticas violentas da palmatória. Saem métodos punitivos de alcance sempre parcial e de eficiência duvidosa e entram métodos positivos, de amplo alcance, marcados pela vigilância global do ambiente que não apenas penaliza certos tipos de conduta, como previne e estimula outras. A visibilidade é ferramenta

---

<sup>59</sup>Crença compartilhada pela educação higiênica do período, como notamos na fala de Abílio César Borges “Até hoje, mercê de Deus, não fiz questão de numero de discípulos, nem jamais o farei. Minha questão é outra: é disciplina e moralidade primeiro que tudo, e depois da reabilitação do ensino que tão frouxo e abatido vai no paiz” (BORGES apud VALDEZ, 2006, , p. 87).

chave para estes novos mecanismos de controle dos corpos que então se inseriam nas sociedades modernas marcadas pelo que Foucault (1998) chamou de poder disciplinar. Este pode ser definido como:

todos aqueles procedimentos pelos quais se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais (sua separação, seu alinhamento, sua colocação em série e em vigilância) e a organização, em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade. Eram também as técnicas pelas quais se incumbiam desses corpos, tentavam aumentar-lhes a força útil através do exercício, do treinamento, etc.. Eram igualmente técnicas de racionalização e de economia estrita de um poder, que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios: toda essa tecnologia, que podemos chamar de tecnologia disciplinar do trabalho” (1999, p. 288)

O desenvolvimento de instituições disciplinares se efetivou a partir de um modelo arquitetônico cunhado por Jeremy Bentham do panoptico cujo nome já carrega em si o essencial de sua forma. O modelo já existia, mas foi este jurista inglês que o formulou e batizou. Escolas, hospitais, presídios e hospícios eram construídos então se baseando no modelo de vigilância a seguir descrito:

Na periferia, uma construção em anel, no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada um ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, dando para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de um lado a outro. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancafiar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um estudante. Devido ao efeito de contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas da periferia. Em suma, inverte-se o princípio da masmorra: a luz e o olhar captam melhor que o escuro que, no fundo, protegia (1979, p. 210).

Se o internato do romance não era estruturado no modelo cunhado por Bentham, seu princípio era o mesmo: a garantia de ampla visibilidade. Um mecanismo de vigilância eficiente é presente ao “induzir no detento [ou aluno] um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder”, “fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação” (FOUCAULT, 1998, p. 166). Um olhar anônimo ocupa o centro de um poder do qual ninguém é titular.

Alfredo Bosi (1988) já salientara, a partir de outra base epistêmica, que o romance de Pompéia é um exercício de fenomenologia do olhar. Magistralmente, Alfredo Bosi aponta para a dialética presente na interação intersubjetiva do internato: “quem exerce as artes de vulnerador se sabe vulnerável” (p. 41). O maior terror de Sérgio e seus colegas era o olhar dos outros, seja o olhar ubíquo de Aristarco que “imobilizava o colégio fulminantemente como se levasse no brilho

ameaças de despotismo cruento” ou dos demais colegas – para os quais eram expostos no horário das refeições como contra-exemplos quando surpreendidos pela vigilância institucional. Propomos relacionar as contribuições do crítico brasileiro com a emergência de tecnologias disciplinares de poder tão caras ao desenvolvimento de sociedades modernas<sup>60</sup>.

Aristarco, o diretor que visava a transformação moral da sociedade através de um aparato disciplinar exaustivo aqui se assemelhava menos com o velho, com as instituições monárquicas, do que com o novo, com novas pedagogias, com a sociedade urbanizada e moderna que se constituía no Rio de Janeiro do final do século XIX. A figura referencial a este personagem parece não ser neste caso Pedro II, mas Abílio César Borges, o médico pedagogo que apesar de monarquista representava o que havia de mais moderno na educação brasileira daquele período<sup>61</sup>.

---

<sup>60</sup> Sobre a pertinência da contribuição foucaultiana de poder para a interpretação de *O Ateneu* há a contribuição de Benelli (2003) que em estudo microsociológico das relações intra-institucionais do internato do romance, centra-se exaustivamente nos “dispositivos disciplinares produtores de subjetividade” (2003, p. 99).

<sup>61</sup> Observa-se que os procedimentos disciplinares e a educação moral se encontravam na escola deste educador: no colégio de Abílio, os dormitórios eram zelados durante a noite inteira “por guardas que se revezavam, exercendo uma vigilância contínua sobre os alunos, de forma que o relatório viesse a garantir perfeitamente a oralidade, o repouso e a tranquilidade durante o sono” (VALDEZ, 2006, p. 94). Ao mesmo tempo em que observa a preocupação de “impedir os entretenimentos ‘secretos’ dos alunos e evitar a perigosa comunicação mútua de seus defeitos, vícios ou maus hábitos. (VALDEZ, 2006, p. 110)

## A Pedagogia do Sexo: disciplina e “imoralidade”

Tenho a alma triste senhores! A *imoralidade* entrou nesta casa! Recusei-me a dar crédito, rendi-me à evidência... Ah! Mas nada me escapa... tenho *cem olhos*. Se são capazes, iludam-me! Está em meu poder um nome de mulher! Há mulheres no Ateneu, meus senhores! (p. 65, *grifos nossos*).

Aristarco empreende todo este trabalho que exige presença constante na vigilância dos alunos visando combater seu principal inimigo na instituição de ensino: a “imoralidade”. É certo que o desempenho dos alunos nas matérias escolares também é exigido e alvo de controle do diretor que expõe publicamente os maus alunos. Porém, como o mesmo diretor ressalta na palestra de matrícula de Sérgio, não são os estudos sua maior preocupação, mas o caráter dos internos! E não era pouca a preocupação, como percebemos ao lermos a descrição do narrador: “Aristarco tinha para esta palavra uma entonação especial, comprimida e terrível, que nunca mais esquece quem a ouviu dos seus lábios. ‘A imoralidade’” (p. 09).

O sentido do termo vai se tornando claro com o passar do enredo e se faz cristalino ao vir à tona a cena de um romance entre meninos. Os internos já estavam descansando nos dormitórios após um passeio externo no Corcovado com piquenique organizado pela escola quando Aristarco os convocou: “apresentou-se e perguntou asperamente se pretendíamos que a vida passasse a ser agora um piquenique perpétuo na desmoralização”; “com todo o vigor tenebroso dos quadros trágicos, historiou-nos uma aventura brejeira. Uma carta cômica e um encontro marcado no Jardim” (p. 65). Estava em suas mãos uma carta do Candido, assinada Candida: “Esta mulher, esta cortesã fala-nos da segurança do lugar, do sossego do bosque, da solidão a dois... um poema de pouca-vergonha!” (p. 65).

Aristarco fala em “imoralidade”, refere-se ao Ateneu como “um colégio moralizado”, faz alusão ao piquenique de “desmoralização”; qual é o sentido da ênfase neste tópico? É interessante notar que a educação moral era um tópico recorrente nos escritos médicos sobre educação do período. A preocupação de Aristarco revelava algo além do que uma característica distintiva de uma singular personagem. Veremos o que está presente nesta pedagogia:

ao refletir sobre a educação moral os médicos incluem a discussão acerca da questão religiosa e de sua presença no ambiente escolar. Incluem igualmente posicionamentos acerca da intervenção escolar no comportamento e práticas sexuais dos jovens, na formação do seu caráter, bem como as estratégias de disciplinamento que, na ótica médica, deveriam ser acionadas para assegurar a formação de um bom caráter, sendo que essas transitavam das estratégias de premiação às da punição (GONDRA, 2004, p. 385).

Percebe-se a recorrência de teses que se centram na sexualidade tendo como preocupação todos os desvios de sua forma reprodutiva: a masturbação<sup>62</sup>, o celibato, a prostituição e a pederastia ou homossexualidade. Estas teriam conseqüências funestas não só para o indivíduo como para a coletividade (nação). Sobre a masturbação dissertou a tese de Dr. Ubatuba de 1845:

Esta calamidade desgraçadamente se torna cada vez mais temível e poderosa causa de mortalidade, e de deterioramento do corpo, e espírito... A intelligencia como o corpo também o accusam, assim a memória se enfraquece, a razam se perverte, e de proposito o humor tristonho, e desconfiado parece permanecer em seu rosto para denuncia-lo (UBATUBA apud GONDRA, p. 417).

A presença da masturbação nos institutos escolares era constatada pelos médicos do mesmo modo em que percebiam a ocorrência de relações homoeróticas, mas sobre as últimas vigorou o silêncio. Na tese do Dr. Guimarães propunha-se erradicá-la com os mesmos mecanismos que a masturbação: disciplina. Porém, sobre elas não seria oportuno dissertar, em suas palavras: “não nos animamos a foliar paginas de tão inqualificável desmoralisação” (GUIMARÃES apud GONDRA, p. 446). Isto não quer dizer que a sexualidade dissidente está excluída dos limites discursivos. Foucault (1988) ressalta que o silêncio é parte constituinte das estratégias do discurso:

o próprio mutismo, aquilo que se recusa dizer ou que se proíbe mencionar, a discrição exigida entre certos locutores não constitui propriamente o limite absoluto do discurso, ou seja, a outra face de que estaria além de uma fronteira rigorosa mas, sobretudo, os elementos que funcionam ao lado de (com relação a) coisas ditas nas estratégias de conjunto. Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz: é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discrição é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos (2007, p. 33-4).

Se as manifestações homoeróticas são relegadas ao silêncio ou conduzidas ao discurso com todo tato e discrição dentro de toda uma economia restritiva, elas permeiam de forma contundente a organização das escolas modernas, sua organização, arquitetura e aparelhagem disciplinar, como afirma Foucault referindo-se ao contexto europeu:

Visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí, praticamente não se fala de sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda organização interior: lá se trata continuamente do sexo (FOUCAULT, 2007, p. 34).

---

<sup>62</sup> Foucault mostra que o desenvolvimento do dispositivo histórico da sexualidade tem como um de seus marcos iniciais a cruzada anti-masturbatória do século XVIII. Sobre a questão consulte Foucault, 2001.

Em *O Ateneu*, Aristarco diz ter “cem olhos” dos quais nada escapa; expressão que simboliza bem a pretensão de visibilidade exaustiva visando evitar ou combater a “imoralidade”. Percebemos que toda a estrutura disciplinar de seu colégio tinha como objetivo a pedagogização do sexo (FOUCAULT, 2007): o controle da sexualidade infantil visando seus perigos degenerativos em termos individuais e coletivos. Sublinhemos que o caso que envolvia Candido e Emílio não era o único com pretensões românticas entre garotos do internato. Mas foi o único caso do enredo que não escapou do controle disciplinar e obrigou Aristarco a dar significado explícito ao termo que tanto enfatizara. Neste sentido, deixou claro aqui um aspecto importante de uma nova ordem sexual que se impunha em nosso contexto na qual acessamos através de *O Ateneu*, marcada pela construção de corpos a partir do interdito ao desejo homoerótico.

### **Heteronormatividade e a invenção da categoria “homossexual”**

Antes de mostrarmos como *O Ateneu* se constitui em fonte rica para a compreensão da nova ordem sexual que se impunha no Brasil em fim de oitocentos, propomos recapitular a contribuição de Foucault na exposição da emergência do dispositivo histórico da sexualidade. Na década de 1970, o filósofo francês desenvolveu novas ferramentas conceituais para a compreensão da sexualidade partindo de uma contundente crítica à hipótese repressiva. Afirmou, ao contrário, que a sexualidade não foi reprimida, interdita, relegada ao silêncio ou ao mutismo.<sup>63</sup> Não negando a existência de proibições e interdições sexuais, demonstrou que elas atuam dentro de um outro processo social mais amplo de incitação discursiva ao sexo. Em suas palavras:

A “colocação do sexo em discurso”, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfos e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou – sem dúvida através de muitos erros – em constituir uma ciência da sexualidade (2007, p. 19).

---

<sup>63</sup> Segundo Miskolci (2009a), obras como *O Anti-Édipo* (1972) de Deleuze e Guattari e *História da Sexualidade I* de Foucault representaram uma superação da hipótese repressiva que marcara a poderosa corrente do pensamento social conhecida como freudomarxismo e que teve, dentre suas principais obras, *Eros e Civilização* (1955) de Herbert Marcuse. Na esteira dos críticos do freudomarxismo surgiria, no final da década de 1980, nos Estados Unidos, a Teoria Queer. Esta corrente teórica une uma atenção à centralidade do desejo na ordem das relações sociais com a proposta foucaultiana do desenvolvimento de uma analítica da normalização. Para os *queer*, o dispositivo histórico da sexualidade opera por meio de um agenciamento desejante em prol da conformação à heteronormatividade.

A “vontade de saber” sobre o sexo pode ser verificada ao menos desde a Contra-Reforma; com a confissão tornada obrigatória, empreendia-se a partir de então um exame minucioso do ato sexual do fiel, capturando toda a linha de pensamentos, desejos e imaginações. Não obstante, é a partir do aparecimento do problema da “população” que o dispositivo de sexualidade se desenvolve de maneira sólida. Com o desenvolvimento industrial, a consolidação de centros urbanos e a formação de Estados Nacionais, verifica-se a eminência desta recente noção-problema: a “população”. Um novo desafio se colocava ao Estado: a demanda de gerir a vida (biopoder); controlar a natalidade, morbidade, efeitos do meio; fazer previsões e estimativas, intervir, regular, assegurar a regulamentação. A sexualidade foi considerada campo de importância estratégica na medida em que “uma sexualidade devassa, pervertida, etc., tem efeitos no plano da população, uma vez que se supõe que aquele que foi devasso sexualmente tem uma hereditariedade, uma descendência que, ela também, vai ser perturbada, e isso durante gerações e gerações...” (FOUCAULT, 1999, p. 301).

O sexo então se torna um problema público, regulado por um dispositivo<sup>64</sup> que pode ser caracterizado como um complexo mecanismo de estratégias de saber e poder que se referem à estimulação dos corpos, incitação aos discursos, formação dos conhecimentos, entre outros atributos que visem, em relação à sexualidade, a “inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo” (FOUCAULT, 2007, p. 31).

Neste contexto, verifica-se uma produção incessante de saber e poder sobre o sexo. Considerou-se que o sexo oferecia perigos ilimitados, daí ser teorizado enquanto campo de alta fragilidade patológica que demandava intervenções. Quatro grandes conjuntos estratégicos foram suporte para o controle da sexualidade: histerização do corpo da mulher que por suas relações com a reprodução, foi alvo de muitas teorizações, considerou-se que seu corpo é por natureza sexualmente saturado, num sentido patológico; a pedagogização do sexo da criança, por seus perigos físicos e morais de consequência individuais e coletivas; a socialização de condutas de procriação, pela preocupação de ordem malthusiana; por último, a psiquiatrização do prazer perverso, que teve importância crucial na invenção de padrões de condutas normais ou patológicas.

---

<sup>64</sup> Dispositivo para Foucault pode ser definido como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” (Foucault, 1979, p.244).

Os teóricos *queer*, tendo como referência a obra foucaultiana, acrescentaram que um dos efeitos mais notáveis deste processo de controle da sexualidade foi a constituição de uma ordem heteronormativa, marcada por uma rede de instituições, discursos e práticas que produzem e mantém a heterossexualidade como a suposta ordem natural do sexo.<sup>65</sup> Esta ordem se constitui calcada nas categorias homo/hetero: fundamento da linguagem que expressa o que conhecemos por corpos, desejos, sexualidades, identidades (GAMSON, 2006, p. 353). Nas palavras de Miskolci:

o binário hetero/homossexualidade não se trata de verdadeira oposição, é, antes, um único sistema interdependente que tem por objetivo reinscrever incessantemente uma hierarquia que privilegia e reitera a ordem heterossexual desprezando e subordinando sujeitos homo-orientados (MISKOLCI, 2009a, p. 08).

A criação deste sistema interdependente de inteligibilidade das relações sociais só foi possível com a invenção da identidade homossexual. David M. Halperin (2000) ressalta as mudanças trazidas por esta noção:

tudo o que abarca a noção de homossexualidade implica na consideração de que expressões e sentimentos sexuais dirigidos a pessoas do mesmo sexo, constituem uma coisa distinta, chamada “homossexualidade”, a qual pode ser pensada como um fenômeno específico integrado, distinto e separado da “heterossexualidade” (p. 110, *tradução nossa*).

Sendo a identidade homossexual um construto social moderno, previamente a ela existiam discursos, práticas, categorias, padrões e modelos que hoje justapostos atravessam a homossexualidade, mas que divergem dela em aspectos fundamentais. Halperin (2000), em uma pesquisa genealógica, mostra como outras formas de categorização se mostraram persistentes na sociedade ocidental desde a Antiguidade até a constituição de uma ordem heteronormativa, na qual perderam hegemonia, mas ainda exercem influência. O autor retoma algumas categorias-chave, demonstrando suas diferenças constitutivas e as distinguindo da categoria homossexual. A importância de retomar tais categorias é compreensível no sentido de que elas exercem influência na ordem sexual contemporânea.

---

<sup>65</sup> A compreensão da heterossexualidade como compulsória é insinuada pela antropóloga Gayle Rubin em seu clássico artigo “A Troca de Mulheres” (1975) e explicitada no texto da feminista Adrienne Rich (1983). Os teóricos *queer* vão além ao desenvolver a compreensão de que nossa sociedade é heteronormativa. Michael Warner criou o conceito de heteronormatividade em 1991 para referir-se à forma como apreendemos as relações sociais inserindo-as sempre no binário interdependente da hetero-homossexualidade, o qual se constitui hierarquicamente atribuindo hegemonia ao par relacional hetero subalternizando o homo. Segundo Pelúcio e Miskolci (2008), a heteronormatividade mostra que o referente hetero marca até mesmo a gramática das relações entre pessoas do mesmo sexo. Os termos ativo-passivo, por exemplo, foram constituídos historicamente a partir do referencial de uma relação heterossexual visando a reprodução.



A primeira categoria tratada pelo historiador é a do efeminado. Tal figura se distinguia da categoria moderna do homossexual por não manter (necessariamente) relações sexuais com outros homens. Em muitos casos, eram assim tachados aqueles que preferiam entregar-se ao amor das mulheres ao invés de participarem da guerra. Na cultura das elites militares da Europa, desde o mundo antigo até a Renascença, a masculinidade normativa era marcada pela austeridade e resistência ao apetite, em suma, pelo domínio do prazer (HALPERIN, 2000, p. 93). Além disso, desenvolvia-se na homosociabilidade, ou seja, era imperativo estar entre homens a maior parte do tempo. O efeminado era exatamente aquele que recusava isto, rompendo com este sistema hierárquico marcado por atribuições de gênero rígidas:

o homem desempenha seu vigor verdadeiro na guerra, na forma como isto era pensado, e mais genericamente nas batalhas com outros homens por honra – na política, nos negócios, e outras arenas competitivas. Aquele homem que recusa progredir na competição, que abandona a sociedade competitiva dos homens para a sociedade amorosa das mulheres, que persegue uma vida de prazer, aquele faz amor ao invés da guerra – é a encarnação clássica do estereótipo do efeminado (HALPERIN, 2000, p. 93, tradução nossa).

A segunda categoria analisada pelo historiador é a da pederastia ou sodomia “ativa”. Ela era relacionada ao homem másculo que travava relações penetrativas com outros homens sendo sempre o parceiro insertivo. Este se inseria em um sistema de classificação sexual caracterizado pela presença de hierarquias: entre quem penetra *versus* quem é penetrado, *status* superior *versus* *status* inferior, masculinidade *versus* feminilidade, atividade *versus* passividade. Halperin apresenta até dados quantitativos sobre este tipo de relação na cidade de Florença:

Entre 1432 e 1502 por volta de dezessete mil indivíduos, a maioria homens, foram formalmente incriminados ao menos uma vez por sodomia, em uma população total de quarenta mil homens, mulheres e crianças: dois em cada três homens que alcançavam os quarenta anos neste período eram formalmente incriminados por sodomia (2000, p. 97, tradução nossa).

Este exemplo é por si só interessante porque levanta a dúvida sobre o pressuposto contemporâneo do caráter natural da heterossexualidade ou mesmo de que o desejo homoerótico seria uma questão de minoria sexual. Além disso, apresenta outra inteligibilidade destas relações, divergindo de forma fundamental da categoria moderna do homossexual. Sobre o caso citado, cabe informar que os homens “ativos” eram maduros, normalmente casados e considerados aqueles que gozavam do prazer, enquanto os “passivos” eram homens jovens que recebiam algo em troca do intercurso, como presentes ou dinheiro. A relação era caracterizada pela hierarquia ao invés da mutualidade, pela diferença em lugar da identidade.

A figura do sodomita “ativo”, encontrada desde a Antiguidade, persiste com alguma força até os dias de hoje. Ressaltamos algumas características presentes a partir deste modelo: (1) a relação homo-orientada é entendida como uma escolha sexual consciente e não sintoma de uma involuntária natureza psicosssexual; (2) a escolha de um objeto sexual do mesmo sexo não funciona como uma de diferença, não diferencia homens de outros homens por causa da “sexualidade”; (3) a mesma escolha não coloca em xeque a masculinidade de um homem, não há nenhuma marca visível que caracteriza tal personagem, seja em sua aparência ou modos de se portar (2000, p. 98).

A terceira categoria tratada por Halperin é a da amizade apaixonada, que em muitos casos se distingue do erotismo hierárquico como também do desejo homoerótico. Trata-se de uma outra manifestação cultural que constitui um meio discursivo para compreensão de relações mais igualitárias, mútuas e recíprocas entre homens. Enquanto a sodomia “ativa” era marcada por uma diferença de *status*, a amizade apaixonada era caracterizada pelos envolvidos ocuparem o mesmo nível social, normalmente elitizado, e o mesmo padrão de masculinidade.

O autor demonstra que desde Aristóteles em *Ética a Nicomaco* a amizade entre homens é compreendida a partir de um modelo de reciprocidade baseando-se na idéia de que um verdadeiro amigo é parte de si mesmo. A fusão como característica básica para uma amizade verdadeira pode ser compreendida por meio da forma como Montaigne reflete sobre sua amizade com La Boëtie<sup>66</sup>: “Se me faz dizer por que o amo, eu sinto que isto não pode ser expressado, exceto por: porque eu sou ele, porque ele sou eu...” (MONTAIGNE apud HALPERIN, 2000, p. 100, *tradução nossa*).

Além da ênfase na igualdade nas relações, sublinha-se a importância da homosociabilidade; e aqui há uma aproximação com as relações de sodomia: “pederastia e amizade são ambas tradicionalmente masculinizantes, na medida em que expressam subjetividade masculina viril e implicam rejeição de tudo o que é feminino” (HALPERIN, 2000, p. 102, *tradução nossa*).

Por último, chegamos à categoria de inversão e passividade, definida como:

a indiscriminável rendição da masculinidade em favor da feminilidade, uma condição transgênero expressa em tudo: de comportamentos pessoais, estilos a aparência física, maneiras de sentir, atração sexual para homens “normais”, e preferência por um papel

---

<sup>66</sup> La Boëtie alcançaria a posteridade como o autor do célebre “Discurso sobre a servidão voluntária”, no qual contrapõe a amizade à servidão da maioria. O jovem pensador desapareceu em circunstâncias misteriosas. Sua ligação com Montaigne foi a inspiração para as reflexões do último sobre a amizade.

receptivo ou “passivo” no intercuro sexual com homens (HALPERIN, 2000, p. 102, *tradução nossa*).

Um aspecto considerável atribuído a esta identidade, apesar de que não necessário, é o prazer que obtém da penetração (ao contrário dos jovens no contexto assinalado - quando nos referimos à sodomia - que se deixam penetrar por alguma outra satisfação que não a sexual). Normalmente, esta figura implica na junção entre gosto pela prática sexual “passiva” e comportamento feminino. É representado como uma traição da masculinidade: “A ênfase cai na violação dos protocolos da masculinidade, uma falha de grandes proporções que não pode ser redimida (ao contrário da sodomia) pelo prazer direcionado a relações sexuais com mulheres. Inversão não diz respeito a sexualidade, mas a gênero” (HALPERIN, 2000, p. 103, *tradução nossa*). Percebe-se uma aproximação entre a categoria do efeminado com a categoria do invertido, na medida em que ambas são estigmatizadas ao desviar-se dos padrões de gênero, ao ferirem as expectativas de masculinidade. Não obstante, o invertido é visto como um tipo social espetacularmente desviante, entendido como um possuidor de defeito ontológico, como uma condição vergonhosa.

Não por acaso, o invertido, identidade tão antiga como as outras, foi especial alvo do dispositivo de sexualidade que se formara na era moderna. Tomou as páginas da literatura, como no romance *Roderick Random* (1748) de Tobias Smollet e no *Memoirs of a Woman of Pleasure* (também de 1748) de John Cleland. No terço final do século XIX, tornar-se-ia central como protótipo de uma identidade patológica, a qual o psiquiatra alemão Carl Friedrich Otto Westphal descreveu como o acometido de uma condição neuropática ou psicótica em seu artigo *As Sensações Sexuais Contrárias* (1870).

Em 1878, o especialista italiano Arrigo Tamassia definiu a inversão como patologia de “inversão sexual do instinto”, termo que se difundiu largamente. Reconstruído sob o aparato conceitual da moderna sexologia, tal condição já era descrita sob outros nomes durante a história da sociedade européia e nesta reconstrução não havia diferença entre desvio de gênero e desvio sexual, ambos eram encarnados pela mesma figura. Uma das implicações deste modelo era que os parceiros sexuais que desempenhassem funções normativas de gênero não eram encarados como anormais. O ato era considerado impróprio, mas os indivíduos não eram compreendidos como desviantes sexuais.

Nota-se a predominância até aqui do sistema de gênero frente à sexualidade; especialmente se notarmos que mesmo Westphal e seus colegas consideravam a inversão sexual como uma disforia de gênero que afetava a vida íntima da pessoa, mas podia não estar relacionada com relações sexuais com alguém do mesmo sexo.

O termo homossexual, última categoria tratada pelo autor, apareceu pela primeira vez em panfletos publicados em Leipzig pelo precursor ativista Karl Maria Kertbeny em 1869 e foi progressivamente incorporado pelo saber médico. A invenção do “homossexual” trouxe algumas mudanças. Em primeiro lugar, enfraqueceu a importância de gênero nas categorizações de atos e atores sexuais. Temos como exemplo a figura do invertido ou do sodomita, ambas dizem respeito a apenas um dos indivíduos. Já a categoria do homossexual dirige-se a qualquer um dos parceiros, igualando ativo ou passivo, desviantes dos padrões de gênero ou não. Antes, a estigmatização das identidades se pautava menos nas manifestações (homo)eróticas do que nos atributos de gênero. Com a ruptura ora apresentada, a construção da identidade desviante, agora unida em uma só categoria, calcava-se nos desejos e práticas sexuais.

Por um lado, essas mudanças deram margem a um outro modelo de relações entre pessoas do mesmo sexo não mais necessariamente estruturadas por polarizações hierarquizadoras: ativo/passivo, masculino/feminino, homem/garoto. Passaram a ser possíveis relações exclusivas, duradouras, apaixonadas, mútuas que tiveram como referência a amizade apaixonada. De outro lado, as amizades passaram a ser fiscalizadas, pois eram vistas como sob a ameaça do recém-descoberto “homossexualismo”. Não por acaso, Foucault afirma que a decadência histórica da amizade masculina está ligada à emergência da problemática homossexual, ao surgimento da questão “o que dois homens fazem quando estão juntos?” (2004, p.272-73). Segundo Miskolci, surgiu o temor de que pratiquem sexo, o que ampliou o controle social dessas relações transferindo-as – inclusive – para formas coletivas como o esporte, no qual a visibilidade e o controle coletivo se associam (2006a, p.168).

Antes do controle heteronormativo, a amizade masculina representava o hegemônico associando homosociabilidade e dominação das mulheres. Aos poucos, durante o século XIX, verificou-se a emergência histórica de um mecanismo de controle das relações homosociais masculinas que Sedgwick (1985) denominou de homofobia. Hoje preferimos definir este controle como formado por dois mecanismos relacionados: o heterossexismo institucional que marca a vida social como um todo e sua manifestação subjetiva, a qual poderíamos denominar

mais apropriadamente de homofobia.<sup>67</sup> Assim, a heteronormatividade se revela um aparato que cria, simetricamente ao heterossexismo, subjetividades marcadas pelo controle social internalizado que assegura o interdito ao desejo por pessoas do mesmo sexo.

A heteronormatividade se institui a partir do binário homo/hetero constituindo novas formas de regulação social. Nas palavras de Halperin:

Com a chegada da homossexualidade, os sistemas de diferença que eram internos a estrutura prévia das quatro categorias se acham externalizadas e reconstituídas a partir da fronteira entre homossexualidade e heterossexualidade, categorias que agora representam novas estratégias de diferenciação e regulação social (p. 114, *tradução nossa*).

Este quadro se complexifica ao constatarmos que o termo passou a ser progressivamente compreendido através de uma instável conjunção de concepções: (1) como uma noção psiquiátrica, derivada de Westphal e seus colegas, demarcando uma natureza específica que se aplica a vida íntima de um indivíduo, mas não pressupõe necessariamente relacionamento sexual homoerótico; (2) como uma noção psicanalítica que denota escolha de objeto sexual, a partir da contribuição de Freud e seus seguidores – uma categoria de erotismo intencional que não implica orientação sexual permanente e que pode fazer parte da vida de indivíduos “normais” que se dirigem inconscientemente a objetos sexuais em algum momento<sup>68</sup>; (3) como uma noção sociológica que se espalhou através de julgamentos do século XIX e XX nos quais padrões desviantes de sexualidade eram entendidos como “problemas sociais”.

Sedgwick (2007) já tratara de como a categoria homossexual foi se constituindo durante os séculos XIX e XX a partir de uma incoerência constitutiva, ora afirmando suas características minoritaristas, ora apontando seus traços universalistas. Nas palavras da autora:

---

<sup>67</sup> O termo homofobia é controverso e adquire significados diversos de acordo com quem o utiliza. Se, para os psicólogos e psicanalistas, trata-se de manifestação clínica que associam à recusa subjetiva da homossexualidade (própria ou alheia) para os ativistas LGBTT, por exemplo, homofobia designa formas diversas de violência dirigidas a homo-orientados. Na perspectiva teórica *queer*, é importante matizar o termo de forma crítica tanto com relação à “patologização” que ele permite quanto com relação à sua utilização de forma vitimizadora.

<sup>68</sup> Sublinhemos que tal acepção, que se constituía em oposição a definição minoritarizante da homossexualidade, se delineava dentro de um paradigma heterossexista, como bem apontou Sedgwick (2007): “Foi no período da chamada ‘invenção do homossexual’ que Freud deu textura e credibilidade psicológica a um mapeamento contraposto e universalizante desse território, baseado na suposta mobilidade multiforme do desejo sexual e na bissexualidade potencial de toda criatura humana; mapeamento que não implica a presunção de que a inclinação sexual de cada um se dirigirá sempre a pessoas de um único gênero, e que oferece, além disso, uma descrição ricamente desnaturalizante dos motivos e mecanismos psicológicos da definição homofóbica projetiva paranóica dos machos e de sua prática normalizadora. O argumento anti-minoritarista de Freud, no entanto, só ganhou influência ao ser articulado através de um argumento desenvolvimentista em que prontamente se camuflavam éticas heterossexistas e masculinistas” (p. 44)

A maioria dos ocidentais com grau pelo menos moderado de escolaridade neste século parecem compartilhar um entendimento similar da definição homossexual, independente de serem gays ou não, homofóbicos ou anti-homofóbicos. Esse entendimento (...) organiza-se em torno de uma incoerência radical e irreduzível. Tem a visão minoritarista de que há uma população diferenciada de pessoas que “são realmente” gays. Ao mesmo tempo, mantém as visões universalizantes de que o desejo sexual é um solvente poderoso e imprevisível de identidades estáveis; de que pessoas e escolhas de objetos aparentemente heterossexuais são fortemente marcadas por influências e desejos em relação ao mesmo sexo, e vice-versa; e de que pelo menos a identidade heterossexual masculina e a cultura masculinista moderna podem requerer, para sua manutenção e cristalização, como bode expiatório, de um desejo masculino pelo mesmo sexo que é disseminado e, primordialmente, interno (p. 45-6).

Afinal, a homossexualidade é um traço congênito dirigido a uma população específica associada a uma condição psicopática ou manifestação do desejo presente nas pessoas que se localizam além dos limites minoritários restritos? Não há uma resposta cabal dentro dos discursos hegemônicos e normalizadores modernos, ou mesmo contemporâneos, para tal questão. O que podemos dizer é que a imagem da inversão como característica inerente do homossexual ainda revela sua força. Como ressalta Sedgwick (2007), “o tropo da inversão permaneceu uma fixação do discurso moderno sobre o desejo pelo mesmo sexo” (p. 48).

Desde o saber médico do século XIX, como os famosos escritos de Richard Von Krafft-Ebing, ressalta-se que o homem que penetra outro homem está cometendo uma perversidade, mas não é necessariamente um perverso, portador de uma patologia que interfere em toda sua personalidade, mas de um vício moral. Halperin, postulando a força ainda presente dos padrões prévios de categorização, afirma que:

proeminentes psicólogos, sociólogos e juristas dos dias de hoje desenham distinções similares entre “pseudo-homossexualidade” e “homossexualidade” ou entre homossexualidade “situacional”, “oportunista” e o que eles chamam, por falta de um termo melhor, homossexualidade “real” (2000, p. 96, *tradução nossa*).

A afirmação acima permite superar a dicotomia entre os estudos de sexualidade de uma interpretação que enfatiza continuidades na história ocidental da opressão dos praticantes de sexualidade homoerótica e de outra visão que parte apenas de uma radical ruptura com a emergência da figura do homossexual. Halperin oferece uma terceira leitura que parte das contribuições de Foucault, mas as desenvolve tendo como foco a história da homossexualidade.

A interpretação de Foucault de uma passagem da sodomia que apenas designava relações sexuais para a categoria homossexual enquanto identidade não deu conta de abarcar a existência de identidades anteriores à categoria moderna e como estas foram essenciais na construção

posterior. A tese normalmente difundida antes do estudo histórico de Halperin, e superada por este, pode ser compreendida a partir da citação de Sedgwick que corrobora tal interpretação:

Foucault, dentre outros historiadores, situa no século XIX uma mudança no pensamento europeu, que deixa de ver a sexualidade do mesmo sexo como uma função de atos genitais isolados e proibidos (atos aos quais, nessa visão, qualquer um estaria sujeito, se não mantivesse controle sobre seus apetites em geral) e passa a vê-la como uma função de definições estáveis de identidade (de tal modo que a estrutura da personalidade de alguém pode marcá-lo como homossexual mesmo na ausência de qualquer atividade genital) (p. 42, *tradução nossa*).

A análise de Halperin demonstra que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram mais do que “uma função de atos genitais isolados e proibidos”, elas eram constituintes de todo um sistema de hierarquização de gênero que antecedeu e influenciou a formação da regulação social contemporânea. Além disso, coloca o binário hetero-homo como ponto de origem necessário para a emergência quer da forma como os saberes psi passarão a compreender a subjetividade quer da maneira como saberes sociológicos associarão Outros sociais ao domínio da homossexualidade, compreendida ora como patologia, ora como crise, e algumas vezes como uma síntese desviante dos dois.

Esta longa discussão oferece material analítico para a compreensão de como se davam as relações entre garotos do internato do romance de Pompéia. A partir do enredo, podemos perceber aspectos importantes da nova “fiscalização das amizades” que marcava a “pedagogização do sexo” no colégio de Aristarco, em um momento de formação de uma ordem heteronormativa no Brasil. Além disso, deparamo-nos com a especificidade de nosso contexto e a influência de modelos prévios de relacionamentos homoafetivos.

### **“Mulheres” no Ateneu: homoerotismo, inversão e “fiscalização” das amizades**

Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores (p. 14).

Logo nos primeiros dias de aula, Sérgio é recomendado a Rebelo, o qual enche-o de conselhos sobre as relações “perversas” que ocorrem dentro do internato. Fazer-se homem, não se deixar ser impelido para o “sexo da fraqueza” são as máximas que o novo aluno deveria seguir

em seu caminho na escola. As lições de Rebelo a Sérgio levantam um ponto importante, na medida em que a personagem experiente acentua a relação entre ser impelido para o sexo da fraqueza (efeminar-se<sup>69</sup>) e ser dominado, festejado e pervertido (no limite, ser penetrado). A descrição do “meio” escolar por Rebelo é desapontadora: ““Uma corja! Não imagina, meu caro Sérgio. Conte como uma desgraça ter de viver com esta gente””.(p. 13). A partir de então cita inúmeros colegas compartilhando “vícios” e “perversões”, dentre eles repara em um: ““Esse que passou por nós, olhando muito, é o Candido, com aqueles modos de mulher, aquele arzinho de quem saiu da cama, com preguiça nos olhos... Este sujeito... Há de ser seu conhecido”” (p. 14). Ressalta, enfim: ““Olhe; um conselho; faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se”” (p. 14).

Após esclarecer o novo aluno do “perverso” ambiente escolar, o aconselha: “comece por não admitir protetores!”. Este conselho se refere a existência de relações de proteção entre os alunos nas quais, que como se mostrou durante o enredo, costumeiramente adquiriam contornos eróticos. As relações homoeróticas presentes no romance são, em sua grande maioria, entendidas pelos casais e pelos testemunhos por uma lente binária em que normalmente o protegido assume o papel feminino na relação.

No final do século XIX, forma-se um local de socialização homoerótica amplamente conhecido no Rio de Janeiro: o Largo do Rocio (GREEN, 2000). Neste ambiente, percebe-se a existência de uma identidade social que vinculava padrões de gênero com comportamento sexual: o “fresco”. James Green (2000) descreve os que encarnavam esta figura como aqueles que “passariam a usar roupas e estilos que serviam de indicativos de suas predileções sexuais e projetavam imagens efeminadas a fim de veicular sua disponibilidade para interações sexuais com outros homens” (p. 106). Neste contexto, a figura do “fresco”, próxima do invertido explorada por Halperin (2000), era recorrente tanto em charges de jornal ou mesmo em teses médicas. As relações homoeróticas eram discursivamente delineadas nos limites da díade: (1) homens viris, chamados de fanchonos e (2) os “frescos”, os quais seriam pretensamente penetradores e penetrados em relações sexuais.

Em um período de incitação discursiva e regulação da sexualidade via medicina, proliferaram teses a respeito da sexualidade entre homens. Apesar de que os próprios

---

<sup>69</sup> Efeminar-se aqui toma um sentido distinto da figura do efeminado tratada por Halperin (2000) ligada a um excesso heterossexual e aproxima-se da categoria do invertido.



documentos demonstram práticas sexuais que iam além do binário assinalado, as argumentações se restringiam ao seu modelo. Sobre os escritos dos médicos, Green (2000) afirma que “esses profissionais também criaram uma taxonomia que dividia os homossexuais em indivíduos ‘penetradores’ e ‘penetrados’, embora os critérios para empregar tais categorias fossem variáveis e inconsistentes” (p. 78).

O termo “homossexualismo”<sup>70</sup> apareceria disseminado no começo do século XX pelos profissionais da saúde, apesar de que já pronunciado no século anterior pelos mesmos e até pelo escritor Adolfo Caminha – autor que se envolveu em polêmica após a publicação de *Bom Crioulo*<sup>71</sup>. Porém, é observável que no final do século XIX, médicos, como Viveiros de Castro, estavam sintonizados com a sexologia européia, tratando de temas como inversão sexual ou aberração do instinto sexual. Os “frescos” tornaram-se presas fáceis dos documentos médicos e forneciam material empírico sobre a inversão sexual, enquanto que os “fanchonos” muitas vezes escapavam do olhar médico: “A aparente masculinidade dos fanchonos os protegia das prisões e dos médicos, advogados e de outros *voyeurs* responsáveis pela maior parte da documentação escrita sobre homoerotismo na *belle époque* brasileira” (Green, 2000, p. 71). Não nos esqueçamos que neste período oitocentista, o modelo de Westphal sobre a inversão sexual ainda não sofria concorrência das interpretações universalistas da psicanálise.

*O Ateneu* expõe preocupações sociais com uma figura que é homem, mas se parece com mulher. Sérgio descreve tal personagem em sua primeira impressão sobre o quarto dos mais velhos quando é transferido para lá em seu segundo ano na escola:

Havia o que afetava moderação no capricho, conhecendo o desvio em regra, como o ladrão sabe ser honesto no roubo; com o ar sério, espantadiço das *femmes qui sortent*; havia os ingênuos, perpetuamente infantis, não fazendo por mal, risonhos do riso solto, com o segredo de adiar a inocência inata através dos positivos extremos; havia os entusiastas da profissão, conscientes, francos, impetuosos, apregoando-se por gosto, que não perdoavam à natureza o erro original da conformação: ah! Não ser eu mulher para melhor o ser! Estes faziam grupo à parte, conhecidos publicamente e satisfeitos com isto, protegidos por um favor de simpatia geral, inconfessado mas evidente, beneplácito perverso e amável de tolerância que favorecia sempre a corrupção como um aplauso. Eles, os belos efebos! Exemplos de graça juvenil e da nobreza da linha. Às vezes traziam pulseiras; ao banho triunfavam, nus, demorando atitudes de ninfa, à beira d’água, em meio da coleção mesquinha de esqueletos sem carnes nas tangas de meia, e carnes sem forma. Havia os decaídos, portadores miseráveis de desprezo honesto, culpados por todos os outros, gastos às vezes antes do consumo, atormentados pela

<sup>70</sup> Desde a retirada do termo “homossexualismo” da lista de patologias da sociedade psiquiátrica norte-americana em 1973, adota-se – preferencialmente – o uso da expressão homossexualidade para se referir a relações amorosas e-ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Alguns *queer*, por sua vez, evitam até mesmo o uso desta última recusando qualquer classificação do desejo como forma de sublinhar seu caráter polimorfo, cultural e historicamente variável.

<sup>71</sup> Ver Lara, 2009.

propensão de um lado, pela repulsa de outro, mendigos de compaixão sem esmola, reduzidos ao extremo de conformar-se deploravelmente com a solidão (p. 77).

Esta descrição é interessante ao mostrar como esta população era representativa no colégio em que Sérgio estudara e como ela era apresentada pelo narrador: “erro de conformação”, “corruptas” ou “decaídas” são alguns dos termos presentes que as caracterizam.

Inicialmente Sérgio busca se afastar deste estigma “valendo-se” no colégio, diante dos colegas. Não obstante, após ser vítima de cenas de violência protagonizadas pelos colegas, reflete sobre a necessidade de ter um protetor naquele ambiente:

Depois que sacudi fora a tranca dos ideais ingênuos, sentia-me vazio de animo; nunca percebi tanto a espiritualidade imponderável da alma: o vácuo habitava-me dentro. Premia-me a força das coisas; senti-me acovardado. Perdeu-se a lição viril de Rebelo: prescindi de protetores. Eu desejei um protetor, alguém que me valesse, naquele meio hostil e desconhecido, e um valimento direto mais forte do que palavras” (p. 18). Sentia-se invadido pela “efeminação mórbida das escolas (p. 18).

Começa uma aproximação entre Sérgio e Sanches, antes não imaginada pela personagem: “a conseqüência imediata do fato foi que forcei a repugnância que o Sanches me causava e me fiz todo gratidão para com ele e íntima amizade. Curiosa e acidentada tinha de ser essa minha aventura de apego e confiança” (p. 17). A “curiosa e acidentada” amizade de ambos rendeu, à primeira vista, grandes vantagens a Sérgio em termos de aprendizagem, sob o auxílio de um bom aluno, e segurança, sob a proteção de um vigilante:

Sanches havia sem dúvida de valer-me com a sua capacidade de grande estudante, sobretudo com a boa vontade insinuativa que desinteressadamente manifestava. Sem falar no proveito que rendia esta afeição, empunhando por meu favor o terrível sabre de vigilante, com guardas de couro! (p. 18).

Em pouco tempo esta relação começou a tomar aproximações reveladoras:

A franqueza da convivência aumentou dia a dia, em progresso imperceptível. Tomávamos lugar no mesmo banco. Sanches foi-se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto com uma respiração de cansaço. Para explicar alguma coisa, distanciava-se um pouco; tomava-me, então, os dedos e amassava-me até doer a mão, como se fosse argila, cravando-me olhares de raiva injustificada. Vavia novamente às expressões de afeto e a leitura prosseguia, passando-me ele o braço ao pescoço como um furioso amigo (p. 20).

A amizade entre dois garotos era passível de ser desconfiada pelos olhares que ali se encontravam nos limites da escola, porém a justificativa de um bom explicador redimia alguma possível interpretação de erotismo, como vemos na descrição do narrador: “Sempre desconfiado e receoso dos outros, o meu companheiro era quase exclusivamente Sanches. Sempre juntos eu e ele. Sabia-se no Ateneu que ele era meu explicador, supunham até que pago. Não causavam

estranheza as nossas relações” (p. 22). A fiscalização das amizades, reiterada por Aristarco, era parte da disciplina do colégio, assim Sanches revelava-se atento aos dispositivos de controle do internato: “Notei que ele variava de atitude quando um inspetor mostrava a cabeça à entrada da sala e quando pretendia informar-me de alguma disciplina transcendente” (p. 21).

As intenções eróticas do protetor logo vieram à tona:

Uma vez, ao escurecer, passeando calado, com o Sanches igualmente, vendo escapar o dia para além das montanhas, percebi que o meu companheiro balbuciava uma pergunta. Falou desatento, admirando o crepúsculo com a testa franzina, na meia abstração que era o seu rito costumeiro... Como não apreendi a pergunta, o Sanches repetiu. Escapou-me involuntário o riso... Abarbava-me a mais rara espécie de pretendente! Eu ria com franqueza, mas abismado. Era de uma extravagância original aquele Sanches! Hoje, ele é engenheiro em uma estrada de ferro do sul, um grave engenheiro... (p. 21).

Interessante como o narrador contrasta as intenções “extravagantes” de Sanches e seu promissor futuro profissional como engenheiro. Parece enfatizar a distância abismal entre ambas, como algo irreconciliável, demarcando bem uma nova ordem sexual em que a afetividade entre homens passou a ser problematizada. Uma passagem do romance fornece uma cena mais explícita de contato físico entre ambos e a forma como Sérgio compreendia esta relação sob a lente dos conselhos de Rebelo, enxergando-se a partir do modelo do “sexo artificial da fraqueza”:

Sanches, como os mal-intencionados, fugia dos lugares concorridos. Gostava de vaguear comigo, à noite, antes da ceia, cruzando cem vezes o pátio de pouca luz, cingindo-me nervosamente, estreitamente até levantar-me do chão. Eu aturava, imaginando em resignado silêncio o sexo artificial da fraqueza que definira Rebelo (p. 22).

Posteriormente uma nova aproximação foi feita pelo colega, fugindo dos mecanismos disciplinares a fim de dar voz ao seu desejo ilícito:

por uma tarde de aguaceiro errávamos pelo saguão das bacias, escuro, úmido, recendendo ao cheiro das toalhas mofadas e dos ingredientes dentifrícios, solidão favorável, multiplicada pelos obstáculos à vista que ofereciam enormes pilares quadrados em ordem a sustentar o edifício, - quando, sem transição, o companheiro chegou-me a boca ao rosto e falou baixinho (p. 22).

A reação de Sérgio expressa a internalização da homofobia de forma a transformar tal desejo em sentimentos abjetos:

Só a voz, o simples som covarde da voz, rastejante, colante, como se fosse cada sílaba uma lesma, horripilou-me, feito o contato de um suplício imundo. Fingi não ter ouvido; mas houve intimamente a explosão de todo o meu asco por semelhante indivíduo e muito calmo, desviando apenas a vista, pretextei a falta de um lenço, que me endefluxara a friagem e... fui buscá-lo (p. 22).

Sérgio afasta-se do protetor a partir de então e, assim, viriliza-se: “Sacrificava-se de golpe o amigo, o explicador e o vigilante: um rasgo de heroicidade” (p. 22). E a partir então passa a ser perseguido pelo vigilante com armas de sabre:

Sanches, rancoroso, perseguia-me como um demônio. Dizia coisas imundas. ‘Deixa estar, jurava entre dentes, que ainda hei de tirar a vergonha’. Na qualidade de vigilante levava-me brutalmente à espada. Eu tinha as pernas roxas dos golpes; as canelas me incharam (p. 25).

A segunda relação importante de Sérgio no internato se travou com Bento Alves, o valente colega que detivera um assassino no colégio. Neste caso, a amizade tomou contornos apaixonados, como percebemos nas palavras do narrador: “Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque podia me valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo” (p. 44). Bento era bibliotecário do Grêmio Literário Amor ao Saber, e a relação entre os dois se iniciou neste ambiente de efervescência intelectual: “Para me fitar, esperava que eu tirasse dele os meus olhos. A primeira vez que me deu um presente, gracioso livro de educação, retirou-se corado, como quem foge” (p. 44).

Mais uma vez se estabelece uma relação de proteção, na qual Sérgio é o protegido: “no recreio não andávamos juntos; mas eu via de longe o amigo, atento, seguindo-me o seu olhar como um cão de guarda” (p. 44); “soube depois que ameaçava torcer o pescoço a quem pensasse apenas em me ofender; seu irmão adotivo! Confirmava” (p. 44). Continua o narrador:

Olhava-me e eu o sentia sem levantar a vista, compreendendo no mais fino refolho de ninada vaidade que aquela contemplação traduzia o horror do ridículo, proverbial em Bento Alves, manietando-me rijamente uma demonstração efusiva. Não fosse uma criatura do tempo, eu poderia achar cômica a situação dos personagens desta cena de platonismo. Não havendo a crítica para falsear a psicologia por desdobramento, limitava-me a ser sincero, como o pobre amigo (p. 44).

O sentimento de vergonha acompanha os envolvidos no caso amoroso muito marcado por uma lente binária que se desenvolve em moldes muito parecidos com o modelo finissecular entre “frescos” e “fanchonos” descritos por Green (2000). Sérgio assumia seu papel de namorada faz-de-conta e Bento lhe entregava ramalhetes de flores:

o meu bom amigo, exagerado em mostrar-se melhor, sempre receoso de importunar-me com uma manifestação mais viva, inventava cada dia nova surpresa e agrado. Chegara ao excesso das flores. A principio, pétalas de magnólia seca com uma data e uma assinatura, que eu encontrava entre folhas de compêndio. As pétalas começaram a aparecer mais frescas e mais vezes; vieram as flores completas. Um dia, abrindo pela manhã a estante numerada do salão do estudo, achei a imprudência de um ramallete... Que devia fazer uma namorada? Acaricieei as flores, muito agradecido, e escondi-as antes que vissem (p. 51).

Sérgio escondeu os ramalhetes, mas o romance se tornava cada vez mais conhecido por seus colegas. O colega Barbalho incita uma rivalidade antiga entre Malheiro e Bento Alves. Informou ironicamente o Bento: “o Malheiro não passa pelo Sérgio que não pergunte quando é o casamento.. é preciso casar... Ainda hoje pediu convite para as bodas. O Sérgio está desesperado” (p. 51). Há uma briga entre os dois e Bento Alves é preso como forma de castigo efetivado por Aristarco. Sérgio angustia-se com a situação de seu namorado:

por minha parte, entreguei-me de coração ao desespero das damas romancistas, montando guarda de suspiros à janela gradeada de um cárcere onde se deixava deter o gentil cavalheiro, para o fim único de propor assunto às trovas e aos trovadores medievos (p. 52).

Na volta do ano seguinte, vem a tona o caso Cândido. Durante passeio ao Corcovado, chega às mãos de Aristarco um bilhete marcando um encontro entre dois garotos, no qual o assinante Cândido, assinava Cândida. Aristarco indigna-se: “Há mulheres no Ateneu!” e se compromete a punir todos os envolvidos e testemunhos. Sérgio, já tão envolvido em seu caso conhecido entre os alunos, afirma que ao menos por conhecimento, “remexendo a gaveta da consciência e da memória, ninguém havia, pode-se afirmar, que não estivesse implicado na comédia colegial dos sexos (p. 66).

A relação entre Sérgio e Bento Alves já começara a tomar um afastamento, o que se intensificaria após o caso público do colega Cândido. Antes disto, a amizade corria relativamente bem, conforme explica o narrador:

Durante as férias, fora ver-me em casa, travando relações com a minha família Fui recomendado insistidamente ao amigo, que me valesse, nas dificuldades da vida colegial, contra o constante perigo da camaradagem pernicioso. Durante o mês de janeiro não nos vimos (p. 66).

Nos primeiros dias do ano, conforme lembra posteriormente Sérgio, o teor do relacionamento perpetua:

Confusamente ocorria-me a lembrança do meu papelzinho de namorada faz-de-conta, e eu levava a seriedade cênica a ponto de galanteá-lo, ocupando-me com o laço da gravata dele, com a mecha de cabelo que lhe fazia cócega aos olhos; soprava-lhe ao ouvido segredos indistintos para vê-lo rir, desesperado de não perceber (p. 66).

Não obstante, já carregava o peso de uma relação ilícita, especialmente tendo em conta toda a exposição que se deu após a briga entre Bento Alves e Malheiro. Sérgio nota “um calor novo de amizade, sem efusão como dantes (p. 66)” e caracteriza a nova forma em que se desenrola a relação com o colega:

Interessava-me aquela agonia comprimida. Estranha coisa, a amizade que, em vez da aproximação franca dos amigos, podia assim produzir a incerteza do mal-estar, uma situação prolongada de vexame, como se a convivência fosse um sacrifício e o sacrifício uma necessidade (p. 66).

Verificamos aqui um contexto marcado por mecanismos de regulação da sexualidade que promovem a heteronormatividade, tanto a partir do nível institucional, como das próprias relações homosociais. Vemos em desdobramento, o que foi denominado por Sedgwick de homofobia, que funciona em um nível pessoal, subjetivo, individual. Esta recusa subjetiva do desejo homoerótico marca as relações entre Sérgio e Bento Alves – como marcou a relação com Sanches – através da incorporação do desprezo social perante sua manifestação. A compreensão do homoerotismo como o reino do impuro e do abjeto leva os mesmos a interpretarem sua amizade como “uma situação prolongada de vexame”, como um “sacrifício”.

A reação de Bento toma o caráter de paranóia quando a relação entre Cândido e Emílio vem a público. Compreendemos a paranóia de Bento Alves não como um delírio de fundo essencialmente psíquico, mas como expressão internalizada de forças sociais (MISKOLCI, 2008c) poderosas em uma sociedade heteronormativa. Segundo Miskolci (2009a), a associação entre homoerotismo e abjeção foi apontada por teóricos *queer* graças à incorporação criativa do arsenal teórico de Deleuze e Guattari. Em *O Anti-Édipo* (1972), os pensadores franceses afirmam que a paranóia constitui a subjetividade fascista que recusa e persegue o Outro enquanto a esquizoanálise permitiria expor e superar a paranóia. A teoria *queer*, que se desenvolveu na esteira dos Estudos Culturais, por sua origem essencialmente não disciplinar, acaba por se apropriar criticamente de saberes oriundos de diversas disciplinas. Para além de uma tese com forte ênfase sistêmica, como podemos compreender a interpretação sociológica do dispositivo de sexualidade em Foucault (2007), alguns teóricos *queer* centram-se na constituição da subjetividade. Halperin e Sedgwick postulam a centralidade do binário normal-desviante, que se cristalizou em hetero-homo, na formação moderna da subjetividade. Daí a tese de Halperin de que a homossexualidade encarnou tanto o Outro social quanto psíquico. A paranóia homofóbica de Bento faz com que a relação entre os dois termine de forma violenta:

Não sei que diabo de expressão notei-lhe no semblante, de ordinário de tão bom. Desvairamento completo. Apenas me reconheceu, atirou-se... brutal. Rolamos ao fundo escuro do vão da escada. Derribado, contundido, espancado, não descurei da defesa. Entrevi na meia obscuridade do recanto um grande sapato embolorado. Lutando na poeira, sob o joelho esmagador do assaltante, ataquei-lhe a cabeça, a cara, a boca, a formidáveis golpes de tacão, apurando a energia de sola ferrada coma onipotência dos extremos. Bento Alves deixou-me bruscamente (p. 66).

Aristarco chega ao local, logo Bento sai de cena e o diretor encontra Sérgio. Pede-lhe explicações sobre a briga. Sérgio recusa grosseiramente a respondê-lo e Aristarco o pega pela nuca exigindo uma explicação. O aluno o desacata puxando-lhe o bigode. Em seguida, o diretor promete uma retaliação que não é realizada. Seu prejuízo se restringiu à perda da amizade: “Soube que Bento Alves despedira-se do Ateneu na mesma tarde do extraordinário desvario” (p. 67). O caso ainda lhe rendeu o apelido posterior de Sérgio do Alves.

No horário do almoço do dia seguinte, Aristarco, seguido de professores e bedéis e criados curiosos começa a empreender o processo de investigação do “caso Cândido”. Chama os envolvidos: “Levante-se, Sr. Cândido Lima... Apresento-lhes, meus senhores, a Sr.a D. Cândida”, acrescentou com uma ironia desanimada... Levante-se, Sr. Emílio Tourinho... Este é o cúmplice, meus senhores!”(p. 67) E em seguida, chamou os “auxiliares”: “Estes são os acólitos da vergonha, os co-réus do silêncio!”(p. 67). Atentamos para o fato de que as atenções se voltam para o aluno Cândido – pode-se dizer desde o início, quando Rebelo o aponta para Sérgio –, apesar de que todos os envolvidos na “imoralidade” são castigados. O próprio Emílio só é citado esta única vez no romance e é descrito como cúmplice. Isto demonstra que mesmo tendo em conta que a relação homoerótica em si era “imoral” e digna de punição, a figura feminizada de Cândido era entendida como mais vexaminosa, corroborando as teses de inversão tão aceitas no período.

Enquanto ocorria o “processo investigatório”, em pouco tempo o colégio se transformava em uma grande confusão, materializada por desentendimentos entre bedéis e alunos e protesto dos alunos contra as sobremesas repetitivas do colégio. Aristarco tinha que dar conta do motim e seus participantes. Pensava Aristarco: “Expulsar não é corrigir”; “Expulsar... expulsar, falir talvez”; “moralidade, disciplina, tudo ao mesmo tempo... Era demais! era demais!... Entrava-lhe a justiça pelos bolsos como um desastre” (p. 69). Por meio da fina ironia da escrita de Raul Pompéia vemos toda propaganda de combate à imoralidade perder campo para seu resguardo financeiro. Assim, a anistia se estendeu dos “revolucionários” aos “execrandos réus da imoralidade”.

Após tamanho desapontamento com Bento, Sérgio inicia uma terceira relação marcante em sua vida de estudante. Egbert é o aluno com quem Sérgio passaria dias inteiros em amizade apaixonada muito distinta dos casos anteriores, marcada pela mutualidade:

Vizinhos ao dormitório, eu, deitado, esperava que ele dormisse para vê-lo dormir e acordava mais cedo para vê-lo acordar. *Tudo que nos pertencia, era comum*. Eu por mim positivamente adorava-o e o julgava perfeito. Era elegante, destro, trabalhador, generoso. Eu admirava-o, desde o coração, até a cor da pele e à correção das formas (p. 70, grifo nosso).

Desta vez, não havia um protetor e um protegido. A idéia da identidade, igualdade e reciprocidade toma conta da relação entre os colegas: “Entrávamos pelo gramal. Como ia longe o burburinho de alegria vulgar dos companheiros! *Nós dois sós! Sentávamo-nos à relva. Eu descansando a cabeça aos joelhos dele, ou ele aos meus*” (p. 70, grifo nosso). Acrescenta o narrador:

No recreio, éramos inseparáveis, complementares como duas condições recíprocas de existência. Eu lamentava que uma ocorrência terrível não viesse de qualquer modo ameaçar o amigo, para fazer valer a coragem do sacrifício, trocar-me por ele no perigo, perder-me por uma pessoa de quem nada absolutamente desejava. Vinham-me reminiscências dos exemplos históricos de amizade; a comparação pagava bem (p. 70).

A relação entre ambos se dava nos limites da amizade apaixonada descrita por Halperin, próprias de um contexto elitizado, uma forma distinta de manifestação afetiva entre garotos. Na passagem a seguir, no trapézio da escola, vemos Sérgio fundir-se com o amigo, em uma grande semelhança da característica relação já destacada por Montaigne para quem o amigo é entendido como parte de si:

pouco a pouco aumentava o balanço e arriscávamos loucuras de arremesso, assustando o Ateneu, levados em vertigem, distendidos os braços, pés para frente, cabeça para baixo, cabelos desfeitos, ébrios de perigos, *ditos se as cordas rompessem e acabássemos os dois, ali, como uma só vida, no mesmo arranco* (p. 71).

Por que tal amizade não causou estranheza entre os colegas? Por que não virou chacota dos outros alunos? Por que não tinham que variar de atitude frente a bedéis e nem se preocupar com o aparato disciplinar do colégio, buscando lugares escondidos? Se a organização disciplinar do colégio visava combater a “imoralidade” que se manifestava nas relações homoafetivas, por que tal relação não foi incluída no rol de preocupações de Aristarco?

Como afirma Sedgwick (1985), o que se considera como sexual é variável de sociedade para sociedade em relação a sua estrutura de poder. Em um contexto no qual as relações homoeróticas eram inteligíveis a partir da forma binária, ela não foi compreendida enquanto provida de erotismo. Isto indica que no final do século XIX a relação entre homens era vista como sexualmente perigosa quando “desigual”, pois na desigualdade masculino/feminino residia



o erotismo. Esta concepção muda grandemente no século seguinte, como vemos em texto de 1941 de autoria de Mário de Andrade. O escritor modernista diz sobre as amizades ali descritas:

Pompéia não tem força para descrevê-las com perfeição, reforça-as de carinhos dúbios e análises comprometedoras, como no caso do Bento Alves e especialmente do Egbert. A descrição da amizade entre este e Sérgio, literalmente muito bela, chega a ser espantosa de fraqueza moral e incompreensão (ANDRADE, 1974, p. 178).

O argumento preconceituoso de Andrade se sustenta em outro contexto: na sociedade brasileira do meio do século XX, na qual outras concepções homoafetivas já eram presentes para além do modelo frescos-fanchonos ao qual Green (2000) atentou. Neste novo cenário, com a consolidação da ordem sexual a partir do binário hetero/homo que se ainda se formava no final do século, a relação afetiva entre Sérgio e Egbert não poderia ser interpretada senão como “fraqueza moral”, demonstrando então como as amizades passariam a ser cada vez mais fiscalizadas no século seguinte.

### **Intersecções entre sexualidade, classe e raça**

Aristarco satisfazia-se com a afluência dos estudantes ricos para o seu instituto. De fato, os educandos do Ateneu significavam a fina flor da mocidade brasileira (p. 04).

Conforme vimos nos tópicos anteriores, disciplinar a sexualidade da “fina flor da mocidade brasileira” era a tarefa destinada ao importante pedagogo Aristarco. Foucault (2007) ressaltou que o controle da sexualidade, no contexto europeu, não foi marcado pela repressão primeiramente das classes trabalhadoras a fim de aumentar a produtividade do capital. Ao contrário disto, o dispositivo de sexualidade se instalou inicialmente na classe dominante, a qual “se atribuiu um corpo para ser cuidado e protegido, cultivado, preservado de todos os perigos e de todos os contatos, isolado dos outros para que mantivesse seu valor diferencial; e isso outorgando-se, entre outros meios, uma tecnologia do sexo” (FOUCAULT, 2007, p. 135).

No Brasil ocorre processo semelhante protagonizado pela medicina higiênica que articulada com o Estado, forma as bases para uma sociedade de normalização, através da imbricação entre poder disciplinar e biopoder. Institui-se um poder positivo e de largo alcance para a regulação da população. Segundo Miskolci (2003a): “a norma não visa excluir ou rejeitar, antes é a pedra de toque de um exame perpétuo de um campo de regularidade dentro do qual se analisa incessantemente cada indivíduo para julgar se ele é conforme a regra ou a norma

hegemônica” (p. 110)<sup>72</sup>. Frente à subordinação da política a grupos de parentesco regionais, a higiene foi um meio de legitimação do Estado Nacional. Articulado a ela, este último demonstrou seu interesse na preservação da saúde, bem-estar e progresso da população (COSTA, J., 1999, p. 56). Assim, foi de crucial importância a entrada do poder médico no interior das famílias da elite, transformando-as em aliadas. Neste empreendimento, a medicina higiênica brasileira empreendeu esforços no sentido de estimular a sexualidade restrita à conjugalidade, buscando evitar o adultério, a masturbação, as práticas homoeróticas, ao menos “higienizar” a prostituição – práticas responsabilizadas por doenças ou esterilidade. Libertinos, celibatários, homossexuais e prostitutas se tornaram foco de atenção privilegiada da literatura médica<sup>73</sup>.

De forma alguma podemos afirmar que o dispositivo de sexualidade no Brasil se restringe a este segmento privilegiado. Quando se debruça na elite, o faz a partir de uma base relacional que considera o restante da população como o Outro do qual se deve se afastar e diferenciar. O Outro da elite no caso brasileiro é fruto de um processo de racialização: um mecanismo de diferenciação social<sup>74</sup> regulado por um binário branco/não branco que norteia práticas de estigmatização, inferiorização e exclusão. Segundo a socióloga britânica Avtar Brah (2006), não há como falar em sexualidade em sociedades escravistas sem associá-la a questões raciais: somos historicamente marcados por processos de sexualização da raça e racialização do sexo.

Referimo-nos a um período no qual a abolição da escravatura foi se tornando evidentemente inevitável – ressalta-se que em 1850 proibiu-se o tráfico negreiro e em 1871 promulgou-se a Lei do Ventre Livre. Assim, a população de escravos decrescia significativamente enquanto a população negra e mestiça aumentava progressivamente. A questão da substituição da mão-de-obra estava na ordem do dia, e a defesa da vinda de imigrantes europeus demonstrava o que estava em jogo: apagar, ou ao menos, atenuar o que o discurso racista da época considerava “a mácula negra de nossa história”. Em outros termos, a

---

<sup>72</sup> Foucault faz uma distinção importante entre a dinâmica do poder de normalização e a dinâmica do poder soberano (que não foi suplantado, mas que era característica central das formas de poder pré-modernas), sendo o último repressivo e lacunar e o primeiro positivo e exaustivo. O poder normalizador “conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra” (FOUCAULT, 1999, p. 302).

<sup>73</sup> Consulte Costa, J. 1999 e Gondra, 2004.

<sup>74</sup> Diferença é aqui entendida como relação social e “se refere à maneira como... é constituída e organizada em relações *sistemáticas* através de discursos econômicos, culturais e políticos e práticas institucionais” (BRAH, 2006p. 362).

iminência do fim da escravidão apontava para o problema do negro não apenas como mão-de-obra, mas especialmente, enquanto “perigo social”.

A questão do “perigo negro” se colocava na ordem do dia na década de 1870. Os intelectuais do período, preocupados com a construção da nação, enfrentavam um impasse entre: em primeiro lugar, a realidade concreta da miscigenação no Brasil, e em segundo, as teorias científicas européias, como a obra de Gobineau, que consideravam que a miscigenação levaria ao declínio da população. Frente a isto, realizaram leituras seletivas destas teorias que, de um lado, tenderam a justificar a miscigenação em prol do branqueamento, ao elaborar: “uma espécie de hierarquia natural à comprovação da inferioridade de largos setores da população – e descartar o que de alguma maneira soava estranho, principalmente quando essas mesmas teorias tomavam como tema os ‘infortúnios da miscigenação’”. (SCHWARCZ, 1993, p. 41).

De outro lado, produziam-se diagnósticos mais pessimistas: entendiam a miscigenação como nosso maior mal, tendo como consequência a degeneração da nação. Em suma, “o racismo científico foi adotado de forma quase unânime, a partir de 1880, enviesando os ideários liberais, ao refrear suas tendências igualitárias e democratizantes e dar argumentos para estruturas sociais e políticas autoritárias” (VENTURA, 1991, p. 58).

Neste contexto, a sexualidade “degenerativa” era em primeiro lugar a que envolvia “cruzamento inter-racial”. Em tese médica de 1872 de autoria de Dr. Macedo<sup>75</sup>, a criação de um Outro em nosso contexto se efetivou por meio da intersecção entre as categorias sexualidade, gênero, classe e raça. Tratando da prostituição, há em primeiro lugar uma implícita assunção de uma necessidade inata do homem a recorrê-la: “modernamente todos estão de acordo em sua necessidade; porque dizem que ella patrocina o casamento, diminui os adultérios, fartando os azevieiros” (MACEDO apud BELUCHE, 2006, p. 91). Assiste-se a uma forma de classificação higienista das prostitutas: (1) as difíceis ou aristocráticas, (2) as fáceis e (3) as fáclimas. As primeiras são caracterizadas por seus “encantos físicos, ilustração, são mulheres ‘gastadoras’, têm traços de recato... Seu destino é ir embora da cidade ou acabar na miséria” (MACEDO apud BELUCHE, 2006, p. 91). As últimas “‘tocam o excesso na repugnância’, não têm nenhum traço de recato ou inteligência, possuem excesso de superstições e vícios. Estão fadas à miséria” (BELUCHE, 2006, p. 92). Obviamente estas classificações se relacionavam diretamente com a

---

<sup>75</sup> Trata-se do documento *Da prostituição em geral e em particular em relação ao Rio de Janeiro* do médico e farmacologista Francisco Ferraz de Macedo.

origem de classe: “o asseio das mulheres perdidas está na dependência direta da classe a que pertence” (MACEDO apud BELUCHE, 2006, p. 92). A articulação entre as categorias raça e classe se fazem cristalinas em nosso contexto de regulação da sexualidade, como conclui Renato Beluche:

Fica evidente a impossibilidade de que, na sociedade imperial, uma negra escrava ou livre pudesse alcançar os meios acima descritos para fazer parte da primeira classe. Da mesma maneira, os requisitos como dinheiro, ilustração e educação eram atributos, geralmente, possíveis de serem alcançados por mulheres brancas e com boas relações sociais (2006, p. 92).

Beluche (2006, 2008), em pesquisa realizada a partir de teses médicas do fim do século XIX, demonstra que durante a década 1870 há uma proliferação de teses médicas que constroem identidades sexuais “desviantes”, estruturadas em muitos casos a partir da intersecção entre as categorias gênero, raça e classe. Trata-se de um período de transformações estruturais que demarcavam o fim iminente da escravatura e o declínio do Império. Neste contexto, podemos dizer que a sexualidade, enquanto objeto do saber médico, constituiu-se em meio importante para fazer frente ao “perigo negro”: “estruturada em um discurso biologizante permitiu discutir questões sociais como se fossem problemas de natureza científica e, portanto, pretensamente, neutras” (BELUCHE, 2006, p. 95). Sendo assim, reestruturou identidades e lugares sociais, criando uma ordem social (e sexual) burguesa e freando possíveis conseqüências “perigosas” para o corpo populacional.

No mesmo documento de Macedo há referências ao que o autor chama de sodomia, quando aborda a prostituição masculina. E sobre este tópico há o mesmo recorte de classe que privilegia àqueles setores da sociedade mais propensos, segundo o saber médico da época, à propagação da sífilis. Nas palavras de Green, “a proposta do médico de eliminar essa ‘peste’ que infectara o corpo social do Rio de Janeiro envolvia a regulação das classe mais baixas, as quais, na opinião de Ferraz de Macedo, eram os setores sociais mais envolvidos nesse vício” (GREEN, 2000, p. 84).

Em *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha percebemos como a regulação da sexualidade se mescla às expectativas sociais em relação ao negro. O romance de 1895 era escrito pelo autor conhecedor das teorias científicas da época e documentos médicos brasileiros já influenciados

pela obra de Westphal e Krafft-Ebing<sup>76</sup>. A partir desta obra, revela-se como aquelas teorias em nosso contexto se articulavam a novas preocupações sociais. Como percebemos no trecho a seguir que versa sobre uma relação homoerótica entre o negro Amaro com o grumete Aleixo, há um processo de sexualização da raça em jogo<sup>77</sup>:

De qualquer modo estava justificado perante sua consciência, tanto mais quanto havia exemplos ali mesmo a bordo, para não falar em certo oficial de quem se diziam cousas medonhas no tocante à vida particular. Se os brancos faziam, quanto mais os negros” (CAMINHA, 1997, p. 61)

O romance termina com o assassinato do grumete branco por Amaro, o que transforma o marinheiro negro em figura patológica que une em si as categorias negritude, homossexualidade e criminalidade. Não é à toa que o homossexual construído aqui como tendente ao crime fosse negro e oriundo das classes populares. A homossexualidade para este segmento da população – desfavorecido em termos de poder e “perigoso” segundo o saber hegemônico – era vista como a prova da degeneração racial.

*O Ateneu* permite compreender como a regulação da sexualidade infantil da elite brasileira se dava em outros termos. Em primeiro lugar, constitui um exemplo - enquanto obra de fundo autobiográfico - da importância atribuída aos internatos como modelo ideal de educação. O isolamento dos internos traduzia o desejo social de evitar contatos potencialmente degenerativos, os quais, em nosso país, eram claramente os contatos inter-raciais. A educação era tão racializada quanto a prostituição em um período em que, por exemplo, a amamentação pelas amas negras passou a ser objeto de preocupação do saber médico vigente: “Parte do pensamento racial no Brasil refletia a medicalização geral do pensamento social que começou quando os médicos do início dos oitocentos propuseram reformas higiênicas em famílias de classe alta para proteger crianças de contaminações hereditárias ou ambientais.” (BORGES, 2005, p. 44)

A partir do enredo, notamos que antes que uma patologização dos alunos envolvidos em relações homoafetivas, há uma disciplinarização constante e uma idéia de moralização presente tanto nos pronunciamentos de Aristarco como na organização disciplinar do internato.

---

<sup>76</sup> Referimo-nos especialmente a uma tese posterior a de Macedo, na qual já se falava de inversão sexual e continha referências aos psiquiatras europeus. Trata-se do documento de Francisco José Viveiros de Castro *Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*.

<sup>77</sup> Aqui incorporamos as descobertas de pesquisa do colega Oswaldo Lara pertencente ao Grupo de Pesquisa *Corpo, Identidade Social e Estética da Existência* e ao projeto temático de pesquisa *Ciências, Literatura e Nação: o darwinismo-social e a emergência do dispositivo de sexualidade no Brasil (1870-1930)* coordenado pelo Prof. Dr. Richard Miskolci. Para um aprofundamento, consulte Lara (2007; 2009).

Professores, bedéis, alunos designados vigilantes e especialmente o diretor, caracterizado pela ubiqüidade, demonstravam-se atentos quanto as possíveis manifestações da combatida “imoralidade”.

Constituindo um estado permanente de visibilidade, controlavam de forma substancial as relações homossociais do internato da “fina flor da mocidade brasileira” (p. 04). Verifica-se uma tecnologia positiva de poder<sup>78</sup> que moldava um poder contínuo. Referindo-nos à pirâmide hierárquica do poder, do diretor aos alunos vigilantes, parafraseando Foucault, “vocês têm uma espécie de grande pirâmide de poder na qual nenhuma interrupção devia ocorrer” (2001, p. 56). E sendo assim, a vigilância é também ininterrupta. E quando os alunos escapam da disciplina do colégio, Aristarco empreende uma rigorosa investigação seguida de castigo aos envolvidos. O diretor não expulsou os “réus da moralidade”. Nas palavras do diretor: “Expulsar não é corrigir” (p. 68). A questão financeira se fazia impositiva; a disciplina e a normalização eram tarefas a serem cumpridas dentro da instituição.

Percebemos na citação de Gondra (2004) como a regulação da sexualidade no período, para além de ser apenas um caso restrito do romance, era efetivamente marcada pela imbricação com as categorias classe e raça:

redescrita como atentado à biologia e à moral, a homossexualidade deveria ser absolutamente controlada no interior dos colégios e fora deles. No exterior, sob o signo da repressão, posto que os praticantes eram representados na condição de delinqüentes. No interior, sob o signo da prevenção, o que se daria por intermédio de uma vigilância cuidadosa e continuada, de modo a bem formar moralmente os indivíduos, ajustando-os à natureza biológica (GONDRA, 2004, p. 447).

N’*O Ateneu*, a aproximação erótica entre os alunos é alvo de disciplina como meio para evitá-la em absoluto. Porém, há trechos permeados pela idéia de que tais manifestações de erotismo seriam uma passagem “natural”, não demarcadora de uma identidade patológica. Sedgwick (1985) constata que tais compreensões também eram correntes na Europa contemporânea ao romance de Pompéia: entendiam a homossexualidade burguesa na infância como algo passageiro, a manifestação de um erotismo que se “corrigiria” na vida adulta (p.176).

No enredo, quando Sérgio busca a aproximação de Sanches, se sente invadido pela “efeminação mórbida das escolas” (p. 18) que, como vimos, estava diretamente ligada à noção de sexualidade homoerótica. Por um lado tal aproximação denotava uma fraqueza “imprópria do

---

<sup>78</sup> Segundo Foucault, um poder que visa maximização da produção, mas “que não age por exclusão, mas sim por inclusão densa e analítica dos elementos” (2001, p. 60).

caráter masculino”; por outro, era entendida como conseqüência de um período no qual a “conformação sexual do indivíduo” não estava definitivamente caracterizada:

E, como se a alma das crianças, à maneira do físico, esperasse realmente pelos dias para caracterizar em definitivo a conformação sexual do indivíduo, sentia-me possuído de certa necessidade preguiçosa do amparo, volúpia de fraqueza em rigor imprópria do caráter masculino (p. 18).

Em momento seguinte, quando decide se afastar do auxílio vexaminoso dos colegas, Sérgio reflete:

parece que as fisionomias do caráter chegamos por tentativas, semelhante a um estatuário que amoldasse a carne no próprio rosto, segundo a plástica de um ideal; ou porque a individualidade moral a manifestar-se, ensaia primeiro o vestuário no sortimento psicológico das manifestações possíveis (p. 35).

A aproximação apaixonada com Bento Alves foi interpretada de forma similar pelo narrador: “a amizade de Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral” (p. 44). As páginas finais do romance nas quais o aluno se absorve inteiramente em sua paixão idealizada por D. Ema parecem sinalizar que Sérgio não se corrompera em seu período estudantil<sup>79</sup>, contrastando drasticamente com o desfecho de *Bom Crioulo*.

Halperin (2000), ao se referir a textos sexológicos do século XIX, fornece uma distinção médica da época entre perversão e ato perverso que pode indicar um possível caminho de interpretação para o contexto brasileiro. A perversão estava relacionada diretamente com o caráter depravado de um indivíduo. Representava uma condição patológica congênita que envolvia toda a personalidade de um indivíduo. O ato perverso não necessitaria ser praticado por um “depravado”, ele poderia ser praticado por um indivíduo “normal”, mas imoral, cheio de vícios. A perversidade se materializava nesta época na figura do invertido sexual, enquanto o sodomita “ativo” era considerado apenas provido de vícios imorais.

No caso brasileiro, o caráter depravado imbricava-se com marcadores de classe e raça. A perversão estava intimamente ligada à figura racializada do negro, como notamos em *Bom*

---

<sup>79</sup> Perrone-Moisés (1988) parece corroborar com esta afirmação: “O Sérgio de R. P. tem semelhanças com todas essas crianças angelicais e desprotegidas; e são outras personagens d’*O Ateneu* que vão encarnar o vilão ou o mal: rapazes mais velhos, já endurecidos ou corrompidos, como o Rabelo ou o Sanches.. o primeiro sai d’*O Ateneu* desiludido, amargurado, mas não corrompido” (p. 21). O tópico seguinte tratará de forma mais detalhada da relação de Sérgio com a esposa do diretor Aristarco.

*Crioulo*. Enquanto que a partir do enredo de *O Ateneu* notamos que a sexualidade infantil dissidente não era patologizada, antes submetida a um processo de moralização visando evitar a constituição de adultos “perversos”.

### **Gênero em *O Ateneu*: homosociabilidade masculina, androcentrismo e violência**

*O Ateneu* permite que notemos como a heteronormatividade se impunha, em um contexto educativo da elite brasileira, a partir da criação de um Outro abjeto.<sup>80</sup> A abjeção tomava a forma de uma “masculinidade feminizada” que acompanhava o desenvolvimento da sexologia européia que, por sua vez, se debruçava sobre a figura doentia do “invertido sexual”. O enredo do romance expõe um micro-dispositivo que fazia frente a esta figura abjeta e impunha um interdito à potencialidade erótica presente nas relações ali narradas: a pedagogização do sexo (FOUCAULT, 2007)<sup>81</sup>. Para além de uma regulação de uma minoria sexual, o que se materializava era um amplo controle sobre as relações homosociais masculinas, caracterizadas pela dominação masculina e violência, que incentivava a construção de uma masculinidade viril em oposição à figura tornada abjeta.

A princípio, é necessário enfatizar que as relações entre os garotos do romance se encontravam mediadas por duas personagens femininas: D. Ema, esposa do diretor do instituto e Ângela, empregada particular da casa de Aristarco. As descrições de Ema chamam atenção desde o início:

Bela mulher em plena prosperidade dos trinta anos de Balzac, formas alongadas por graciosa magreza, erigindo, porém, o tronco sobre quadris amplos, fortes como a maternidade; *olhos negros*, pupilas retintas, de uma cor só, que pareciam encher o talho folgado das pálpebras; de um moreno rosa que algumas formosuras possuem, e que *seria também a cor do jambo, se jambo fosse rigorosamente o fruto proibido*” (p. 09, *grifos nossos*).

O narrador continua: “Vestia cetim preto justo sobre as formas, reluzente como pano molhado; e o cetim vivia com ousada transparência a vida oculta da carne. Esta aparição maravilhou-me” (p. 09). A figura feminina saturada de sexo, já ressaltada por Foucault como um

<sup>80</sup> Segundo Miskolci: “O abjeto é algo de si próprio pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse sujo ou impuro a ponto de que o contato com isto seja temido como contaminador e nauseante. Em nossa sociedade, este caráter abjeto é atribuído ao desejo por pessoas do mesmo sexo já que até mesmo ser chamado (o que – quase sempre – equivale a ser xingado) de homossexual é um convite a se autocompreender e, ao mesmo tempo, constatar a condenação social do que se é.” (2009a, p.12)

<sup>81</sup> Nossa leitura deste desdobramento do dispositivo de sexualidade se dá nos termos da teoria *queer*, enfatizando como estava relacionado com a constituição da heteronormatividade.



alvo do dispositivo de sexualidade, é recorrente no final do século XIX, período em que a mulher é entendida como uma figura de desordem social diante de transformações de gênero que propiciaram uma possível entrada das mulheres na esfera pública<sup>82</sup> (SHOWALTER, 1993). Neste contexto, entram em voga novas definições da sexualidade feminina:

Afastando-se da idéia de meados da era vitoriana de uma anestesia sexual ou de uma ‘falta de paixão’ na mulher, pensadores avançados do final do século XIX admitiam a capacidade da mulher para o prazer sexual e examinavam o potencial negativo do celibato em termos psicológicos e biológicos (SHOWALTER, 1993, p. 39)

Uma aproximação apaixonada de Sérgio por D. Ema acontece em um momento de esfriamento da relação deste aluno com Egbert. Enquanto a família de Sérgio viaja a Paris, o pequeno, então doente, fica sob os cuidados da esposa do diretor. Assim a descreve em sua sensualidade: “aquele olhar inolvidável, negro, profundo como um abismo, bordado pelas seduções todas da vertigem” (p. 89).

Na seguinte passagem descreve o sentido que atribuiu ao momento em que esteve aos cuidados de Ema na enfermaria:

No pequeno aposento da enfermaria, encerrava-se o mundo para mim. *O meu passado eram as lembranças do dia anterior, um especial afago de Ema, uma atitude sedutora que se me firmava na memória como um painel presente*, as duas covinhas que eu beijava, que ela deixava dos cotovelos no colchão premido, ao partir, depois da última visita à noite, em que ficava como a esperar que eu dormisse, apoiando o rosto nas mãos, os braços na cama, impondo-me a letargia magnética do vasto olhar (p. 90, *grifo nosso*).

Continua o narrador: “*O meu futuro era o despertar precoce, a ansiada esperança da primeira visita*. Saltava da cama, abria imprudentemente a vidraça, a veneziana. Ainda escuro” (p. 90, *grifo nosso*). Passado e futuro dissolviam-se na presente relação com Ema. Neste período, seu pai manda uma carta da Europa, aconselhando-o:

Salvar o momento presente. A regra moral é a mesma da atividade. Nada para amanhã, do que pode ser hoje; salvar o presente. Nada mais preocupe. O futuro é corruptor, o passado é dissolvente, só a atualidade é forte. Saudade, uma covardia, apreensão outra covardia. O dia de amanhã transige; o passado entristece e a tristeza afrouxa. Saudade, apreensão, esperança, vãos fantasmas, projeções inanes de miragem; vive apenas o instante atual e transitório. É salvá-lo! Salvar o naufrago do tempo. Quanto a linha de conduta: para diante. É a honesta lógica das ações. Para diante, na linha do dever, é o mesmo que para cima (p. 91)

---

<sup>82</sup> No estudo de Showalter, percebe-se a criação de uma grande ansiedade sexual a respeito das “mulheres sem par” e das “novas mulheres”: “a nova mulher, de formação universitária e independente em termos sexuais, despertava intensa hostilidade e medo por parecer desafiar a supremacia masculina na arte, nas profissões liberais e no lar” (SHOWALTER, 1993, p. 61).

O momento presente de Sérgio é a paixão por Ema e o passado pode ser pensado a partir das relações homoafetivas que desenvolveu, de toda a visão pessimista que teve do colégio e de seus colegas. Fica a lição do pai de “salvar o momento presente”; a relação de Ema, última paixão de Sérgio no romance, parece redimi-lo de seu “pé” na “imoralidade” no passado e neste sentido, Sérgio acaba não corrompido<sup>83</sup>.

Raul Pompéia, em anotações íntimas em diário, revela o teor misógino de seu pensamento, segundo o qual a única qualidade que redime as mulheres é a maternidade:

a mulher é uma criatura inferior. Faltam-lhe todas as qualidades, que constituem a nobreza humana. Sua prática são os ódios, a inteligência é curta e incapaz, as paixões são violentas, mas efêmeras e disparatadas. Prefere bestialmente a força à graça. Falta-lhe absolutamente o instinto artístico; o seu amor é apetite material; quando se deprava deixar a perder de vista a depravação dos homens; é cruel; não conhece senão a vaidade; é religiosa por covardia ou loucura. Não tem talento, não tem gosto, não tem coração, não tem dignidade. O seu pudor é uma *coqueterie* e uma esperteza. Deixa o homem como a mãozinha de marfim acabada de baleia, que por aí há, para matar comichões. A comichão é a sua alma. Se não fossem o amor do homem e a maternidade a mulher seria uma aberração. Por isso nada pior neste mundo que uma velha (1991, p. 137).

A passagem acima explica seu posicionamento contrário ao voto feminino na República e especialmente a descrição de Ângela, ainda mais sexualizada do que Ema:

um olhar banhado de lascívia a tempestade galopante das roupas, em desordem de fuga, calculada para efeitos de irritação, um descuido de alças afrouxadas ao corpinho, um propósito de poças d’água em dias de chuva, obrigando a saias curtas e a canelas nuas; ora a uma porta em rápida passagem, ora através do parque frondoso; ou ao escritório, por motivo de recados de D. Ema cuja frequência desesperava o diretor; ou sobre o muro da natação, ou a qualquer canto com os copeiros, em dueto de idílio que se espiava; ou em grçola aventurada aos inspetores, que se babavam” (p. 36).

Vê-se que a imagem da empregada é construída como algo que desespera os olhares masculinos. As mulheres eram vistas como vetor de perdição, na visão do aluno religioso Barreto:

Para ele o mal era fêmea... Uma coisa horrível, com dois olhos, destinados à perdição dos homens. Saia digna de consideração, só a de padre, que por sinal, é batina, não é saia. O mais não passava de pretexto da moda parisiense para disfarçar o pé de cabra. Cuidado com Satanás sorriso! Um sorriso com duas pernas, um abraço com dois seios, uma pantonímia do inferno, faceira e traidora, graciosa e comburente, donde por descuido e por acaso vai-se desprendendo a humanidade, como as cobrinhas pirotécnicas de Faraó. O menor descuido, desgraça eterna! (p. 36).

---

<sup>83</sup> A interpretação contemporânea do romance de Araripe Jr. (1978) converge para esta mudança de direção conduzida pelo “socorro de mãe”: “os ateneus podem ser fatais aos meninos que, ainda aos 16 anos, não prescindem de socorro das mães e que arriscam-se a morrer inanidos se não encontram mulher para aquecê-los no regaço” (p. 176).

A descrição de Barreto se confirma nas páginas seguintes do romance, com “uma ocorrência que ensangüentou os anais do estabelecimento” (p. 37). Um jardineiro do Ateneu e um criado da casa de Aristarco disputavam o coração de Ângela. O primeiro matou o segundo a facadas. A culpada do incidente se revelaria na perspectiva do narrador: “por mor azedume da situação, dizem que Ângela de parte a parte estimulava os adversários declarando a cada um por sua vez preferi-lo exclusivamente” (p. 38); “primeira vez que reparei que era bonita a canarina. Sim, senhor! E par o demônio culpado de tão horrível incidente fui de uma benevolência tal de opinião que me nasceram remorsos” (p. 39).

O seu excesso sexual demonstrava então sua face mais maligna e perigosa: “Grande, carnuda, sanguínea e ferosa, era um desses exemplares excessivos o sexo que parecem conformados expressamente para as esposas da multidão” (p. 39). Enquanto a imagem de Ema, apesar de erotizada, muitas vezes se vincula à maternidade, como a “enfermeira” que cuida dos alunos doentes, a imagem de Ângela, uma personagem proveniente das classes populares, é vinculada à figura da prostituta:

Não escolhia amores. Era de todos como os elementos; como os elementos, sem remorso das desordens e depredações. Franqueava-se à concorrência. Havia lugar para todos à sombra dos cabelos castanhos, que lhe podiam vestir as copiosas formas, fartos, perpetuamente secos, que ela sacudia a correr como uma poeira de feno (p. 40).

Assim, vemos que a figura feminina que não estivesse relacionada a sua “função natural” de maternidade era entendida como portadora de uma sexualização em excesso, perigosa, especialmente se carregasse em si uma origem popular. A assunção da existência da sexualidade feminina nas teses sexológicas do período não se vinculava a uma perspectiva de emancipação sexual frente a uma repressão anterior. Em outro caminho, apontava para os riscos de degeneração que tal sexualidade poderia causar no seu círculo social.

A figura da *femme fatale* ocupa centralidade nas obras culturais do *fin-de-siècle*, como por exemplo, a Lulu do dramaturgo alemão Franz Wedekind, construída como “a quinta essência da degenerada, capaz através de sua patologia de seduzir e destruir todos à sua volta” (GILMAN, 2005, p. 165). A degeneração da personagem está ligada à sua beleza sedutora, bem como Ângela de *O Ateneu*. Poucos anos depois de sua publicação, ganharia relevo na antropologia criminal, a crença da prostituta como uma degenerada congênita. Desde a obra dos italianos Cesare Lombroso e Guglielmo Ferrero – *La Donna Delinquente: La Prostituta e la Donna Normale* (1893). A ciência do período estabeleceria um *continuum* entre mulher e prostituição:

Christian Ströhmborg, o maior seguidor alemão de Lombroso, acreditava que tal anormalidade sexual tinha gradações que variavam da prostituição ocasional à insanidade moral. Assim, a sexualidade patológica não atingia apenas a prostituta e logo passou a ser vista como uma ameaça presente em toda mulher. Como observou Otto Weininger: ‘Cheguei à visão de que o elemento de prostituição é uma possibilidade em toda mulher assim como a capacidade meramente animal para a maternidade’ (MISKOLCI, 2003a, p. 167)

Ângela era figura importante na sociabilidade dos garotos do Ateneu. Vivia na chácara particular do diretor separada por um muro do colégio, perto da piscina. Neste local, Ângela jogava pedrinhas aos rapazes que respondiam com beijos e mergulhavam: “Os grandes pilheriavam; os pequenos, sérios, olhavam como quem aprende” (p. 36). Em certa passagem, sugere-se que a personagem iniciava sexualmente os alunos:

Com o tempo vim a descobrir que uma camarilha de espertos conseguira sofismar alguns paus da grade da última janela, três ou quatro leitos além do meu, e passavam de noite, quando o silêncio se fazia, a tomar fresco no jardim do diretor. Preferiam as noites escuras, que têm mais estrelas e mais segredo, preferiam as noites de chuva, que em questão de fresco são decisivas. Desciam por uma corda de lençóis torcidos e voltavam às vezes como pintos, mas refrescados sempre. Por medida de prudência, não passeavam mais de dois por noite, fazendo sentinela um durante a ausência de outro (p. 78).

Sedgwick (1985) afirma que as mulheres ocupam uma função de mediação das relações homosociais masculinas em sociedades androcêntricas (p. 99). No romance, Ângela é central na construção da masculinidade dos garotos: por meio do mimetismo dos mais velhos aprendiam que o acesso à virilidade estava, neste contexto heterossexista, vinculado a gracejos direcionados a ela até a consumação sexual de fato. A homosociabilidade masculina tem como “cimento” a partilha de poder sobre as mulheres e neste caso a circulação de Ângela cumpria este papel.

Para além do restrito contato com mulheres no Ateneu, pode-se dizer que a construção social de gênero dos garotos se vincula a uma característica paradoxal dos ambientes homosociais: nos quais se constrói a virilidade (rejeitando o feminino) ao mesmo tempo em que se iniciam os jogos eróticos homo-orientados (WELZER-LANG, 2001). Este paradoxo resulta em manifestações de violência, a qual é manifestada através da paranóia homofóbica, como no caso do final violento do romance de Sérgio com Bento Alves, entendida como incorporação das pressões sociais heteronormativas. Além disso, liga-se a um processo de virilização fundado no distanciamento e na recusa do impuro encarnado na personagem abjeta do homem feminizado, o qual, no romance, é materializado em Cândido.

Como já abordamos o vínculo entre violência e homofobia no enredo, centremos atenção agora na relação violência e virilização. Não obstante, é importante deixar claro que ambas as formas de violência estão interligadas em um processo de constituição de uma sociedade heteronormativa em nosso país. Este se realizou através de um amplo mecanismo de regulação da sexualidade que criou a figura do homossexual muito ligada à imagem do “invertido” – que, por sua vez, foi constituidor de um mecanismo de controle das relações homosociais como um todo<sup>84</sup>.

Pierre Bourdieu sublinha que a masculinidade é: “uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construído, primeiramente dentro de si mesmo” (2002, p. 67). Esta construção social é o alicerce de um sistema androcêntrico baseado na díade relacional masculino/feminino que se constitui a partir da dominação simbólica dos homens sobre as mulheres (p. 45).<sup>85</sup> Na sociedade ocidental, são duas as características básicas que definem a masculinidade: a homosociabilidade e a recusa do feminino. Acompanhamos com Halperin o quanto a falta destes elementos estigmatizavam figuras como o efeminado e o invertido e pouco – ou nada – estigmatizavam o sodomita viril ou os envolvidos em uma amizade apaixonada. Sedgwick, em *Between Men* (1985), obra que serviu como referência clássica para a elaboração posterior da Teoria *Queer*, corrobora esta tese, ressaltando como sociedades marcadas pela dominação masculina dependem do que chamou de desejo homosocial masculino: uma força social que torna os vínculos entre homens a tônica das relações de poder. Uma relação, “mesmo quando sua manifestação é de hostilidade ou ódio ou alguma coisa menos carregada emotivamente, que configura um importante relacionamento” (p. 02, *tradução nossa*).

Este desejo, nas sociedades modernas, foi atravessado pelo que a teórica *queer* definiu como homofobia: um interdito internalizado à potencialidade erótica dos envolvimento

---

<sup>84</sup> Alguns poderão advertir que a construção da masculinidade em outros contextos também se relaciona com uma negação do feminino encarnado nos homens, como nas figuras do efeminado e do invertido tratadas por Halperin (2000). Não obstante, salientamos que o Outro da masculinidade é aqui contextualizado em uma nova ordem sexual, em um momento marcado por uma profusão de práticas de disciplinamento da sexualidade. A regulação da masculinidade aqui toma contato com complexos dispositivos de poder próprios da modernidade.

<sup>85</sup> Apoiamo-nos na contribuição do sociólogo francês, mas ressaltamos as insuficiências de sua teoria no que tange às relações de gênero. O autor tende a universalizar a dominação e acaba por deixar de lado transformações importantes no sistema de gênero e suas imbricações com a sexualidade, como fazem os teóricos e teóricas que trabalham em uma perspectiva sócio- histórica. Sobre o tema consulte o elucidativo artigo de Mariza Corrêa (1999), no qual a antropóloga explicita a crítica à universalização e como a obra de Bourdieu desqualifica boa parte do empreendimento feminista.

homossociais. Trata-se de um desdobramento da emergência da heteronormatividade e sua fundação no binário hetero/homo de forma que, no período histórico de sua formação, o envolvimento afetivo-sexual entre homens passava progressivamente a ser interdito, entendido como homossexualidade e visto sob a lente da inversão sexual. A masculinidade se define então a partir de um *continuum* em que a sexualidade toma peso preponderante. Como observa Judith Butler (2003), a construção de gênero nas sociedades modernas se baseia em uma coerência socialmente imposta entre sexo, gênero, desejo e práticas sexuais. Referindo-nos à masculinidade hegemônica contemporânea, pode-se afirmar que um homem só é compreendido como tal em nossa sociedade quando detentor de um pênis, ao qual associamos o gênero masculino, a partir do qual inferimos que seu desejo seja por alguém do sexo-gênero opostos, levando a práticas sexuais penetrativas e relações sociais dominadoras. Qualquer “desvio” desta cadeia de inteligibilidade e aceitação social aproxima o homem do reino da subalternidade e até mesmo do abjeto. O oposto do homem, portanto, não é a mulher, antes o homossexual.

No enredo de *O Ateneu*, a abjeção é construída pelo efeminamento, compreendido como fantasma a rondar as relações entre os garotos, espectro da abjeção social, da condição de impureza que pode causar repulsa. Neste jogo de aparente construção apenas de um Outro abjeto, constitui-se – de forma menos visível - os sujeitos hegemônicos. Butler elucida: “o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio” (1999, p. 156).

A masculinidade hegemônica, ou seja, aquela socialmente valorizada e que subordina outras formas de masculinidade, depende do homossexual e da recusa da homossexualidade para ser socialmente construída<sup>86</sup>. A partir de um conceito gramsciano, que denota uma forma de poder que não se impõe diretamente através da força, mas que dá relevo à sua dimensão cultural que garante a aquiescência dos dominados, Kimmel postula que a masculinidade hegemônica se sustenta “através da desvalorização de outras formas de masculinidade, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno” (1998, p. 113).

---

<sup>86</sup> Sobre a masculinidade hegemônica nos contextos modernos, postula Vale de Almeida (2000): “o processo foucaultiano da passagem da noção de ‘luxúria’ para a especificidade das ‘perversões’ seria fundamental para a constituição histórica da hegemonia” (idem, p. 150).

Desde o início do romance, são vários os trechos que salientam o caráter duro do ambiente escolar e as expectativas de virilidade que marcariam a vivência de Sérgio no internato. Logo no início ouve o conselho: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta” (p. 03). A princípio, o garoto encontra-se confiante: “um movimento animou-me, primeiro estímulo sério da vaidade: distanciava-me da comunhão da família, como um homem, ia por minha conta empenhar a luta dos merecimentos; e a confiança nas próprias forças sobrava” (p. 04). Como um homem, Sérgio devia se livrar de qualquer traço feminino, pois são os meninos fortes, e não os bonitos, que se dão bem no colégio, como deixa claro Aristarco em suas advertências iniciais ao recém-matriculado aluno:

- Pois, meu caro Sr. Sérgio, o amigo há de ter a bondade de ir ao cabeleireiro deitar fora estes cachinhos... Eu tinha ainda os cabelos compridos, por um capricho amoroso de minha mãe. O conselho era visivelmente salgado de censura. O diretor, explicando a meu pai, acrescentou com o risinho nasal que sabia fazer: “Sim, senhor, os meninos bonitos não provam bem no meu colégio...” (p. 09).

O otimismo do estudante frente aos seus novos desafios enquanto “homem” se transforma em pessimismo logo nas primeiras relações que trava no colégio. Após os conselhos de Rebelo, atenta-se para tamanho empenho que deve empreender para não se transformar em um dos “perversos” descritos pelo colega. Para tal, afirmar-se viril através da violência foi uma das primeiras exigências:

Ia por diante Rebelo com os extraordinários avisos, quando senti puxarem-me a blusa. Quase caí. Voltei-me; vi a distancia uma cara amarela, de gordura balofa, olhos vesgos sem pestanas, virada para mim, esgarçando a boca em careta de riso cínico. Um sujeito evidentemente mais forte do que eu. Não obstante apanhei com raiva um pedaço de telha e arremessei. O tratante livrou-se, injuriando-me com uma gargalhada, e sumiu-se. ‘Muito bem’, aplaudiu Rebelo (p. 14).

O antropólogo francês Daniel Welzer-Lang afirma que a construção da masculinidade se dá através de um mimetismo de violências: “inicialmente contra si mesmo. A guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é uma guerra contra eles mesmos. Depois, numa segunda etapa, é uma guerra com os outros” (2001, p. 463). As relações homosociais, saturadas de poder, longe de se basearem na fraternidade, caracterizam-se frequentemente pela hierarquia construída em relações de dominação e subordinação (SEDGWICK, 1985, p. 66). Algo visível nos banhos na piscina no colégio, segundo o narrador “origem de dissabores como jamais encontrei tão amargos” (p. 16). Eram caracterizados pelo medo e pela violência dos maiores sobre os menores: “os menores agrupados no raso, dando-se as mãos em cacho, espavoridos, se algum mais forte chegava” (p. 16). A razão da violência dos mais fortes sobre os mais fracos está

na tentativa de exorcizar o medo do afetivo-sexual presente nas relações homosociais, bem como afastar o espectro da feminização. A violência distancia as relações em direção à construção de uma masculinidade hegemônica “viril”.

Como vítimas da violência coletiva são escolhidas as figuras estigmatizadas: o mau aluno Franco e o aluno gordo Rômulo. Os revides da parte destes alunos são notáveis. O primeiro convoca Sérgio para testemunhar sua vingança da “corja”. Espalha cacos de vidro no fundo da piscina na qual os alunos iriam nadar no dia seguinte. Ambos foram pegos pelo inspetor Silvino e castigados, Sérgio alegou que estavam colhendo sapotis. A testemunha passa a noite pensando sobre o desastre do dia seguinte, no meio da noite se levanta e vê seus colegas dormindo, vai até a capela rezar pelos mesmos. A vingança de Franco não foi efetivada, o banho na piscina foi suspenso no dia seguinte e o “acidente” prevenido. Outra desculpa se seguiu ao caso: no meio da busca dos sapotis teriam arremessado uma garrafa que quebrou ao muro e caíram os cacos na piscina. Passaram as refeições de castigo, carregando sapotis.

O outro colega de Sérgio também respondia com violência:

Rômulo era antipatizado. Para que o não manifestassem excessivamente, fazia-se temer pela brutalidade. Ao mais insignificante gracejo de um pequeno, atirava contra o infeliz toda a corpulência das infiltrações de gordura solta, desmoronava-se em socos. Dos mais fortes vingava-se, resmungando intrepidamente (p. 58).

Mesmo assim, as provocações persistiam: “para desesperá-lo, aproveitavam-se os menores do escuro. Rômulo, no meio, ficava tonto, esbravejando juras de morte, mostrando o punho” (p. 58). Sérgio participava dos momentos de condenação do colega. Em uma ocasião foi surpreendido por Rômulo que o provocou: “Então, seu cachorro, diga-me aqui, se é capaz, quem é mestre” (p. 58). A personagem principal não ousou fugir da expectativa de se afirmar viril, reforçando sua injúria:

A injúria equilibrou-me do espanto. Estava tudo perdido. Deitei bravura. ‘Mestre, mestríssimo cook!’ gritei-lhe à barba. Não sei bem o que houve. Quando dei por mim, estava estendido embaixo de uma escada. Entraram-me na cabeça três pregos, que havia nos últimos degraus. Ponderando que tinha no futuro tempo de sobre para vingança, levantei-me e sacudi da roupa a poeira humilhante da derrota (p. 58).

Neste ambiente marcado pela violência, o medo se tornava o outro lado potencial das expectativas sociais de virilização, como descrito na fala de Sérgio: “descrente da fraternidade do colégio, cuja personificação representava-me o Barbalho, eu temia o alvoreço do recreio. Conservar-me na sala das lições era uma medida de prudência” (p. 20). No início do enredo, o narrador descreve o sentimento angustiado da personagem sobre seu futuro na escola:



Qual o meu destino, naquela sociedade que o Rebelo descrevera horrorizado, com as meias frases de mistério, suscitando temores indefinidos, recomendando energia, como se coleguismo fosse hostilidade? De que modo alinhar a sobranceira de proceder com a obsessão pertinaz de Barbalho? Inutilmente buscara reconhecer no rosto dos rapazes o nobre aspecto da solenidade dos prêmios, dando-me a idéia da legião dos soldados do trabalho, que fraternizavam no empenho comum, unidos pelo coração e pela vantagem do coletivo esforço (p. 15-16).

Este trecho é densamente marcado pelos contornos que a masculinidade tomava e seus repúdios constitutivos. À primeira vista, representada através da fraternidade na imagem de “soldados do trabalho”, “unidos pelo coração” e empenhados no esforço coletivo. Representação vencida no olhar do aluno; vinculada a ela, o “horror” às relações homosociais que suscitam “temores indefinidos” – que se encarnam na figura masculina feminizada e nas práticas sexuais que a caracterizam – e recomendam energia para virilizar-se na hostilidade da relação entre colegas. Vemos que por meio da tematização e perseguição da figura feminizada, encarnada por garotos que se relacionam afetivamente com garotos no internato, verifica-se um amplo controle das relações homosociais que se estendem para além dos envolvidos em casos amorosos e estimulam práticas de violência como forma de negação desta mesma figura.

É importante ressaltar que mesmo em um romance marcado pela relação entre homens (garotos, professores, bedéis e diretores) e pela quase ausência de personagens mulheres, não há como deixar de observar que sua estruturação se dá nas bases da dominação masculina. O enredo se passa em um colégio que visa a formação de cidadãos nacionais. E estes futuros cidadãos são garotos da elite brasileira, educados e disciplinados em uma escola que carrega a imagem do que há de mais moderno na pedagogia brasileira. Isto em um momento em que a educação para mulheres era marcada por atividades que remetiam aos cuidados e “obrigações” domésticas e maternas. O binário masculino e feminino que percorre, explicitamente ou não, a obra subalterniza sempre o feminino: seja pela ausência de meninas a serem formadas como cidadãs nacionais, seja pela estigmatização da feminização dos garotos, bem como nas figuras sexualizadas e perigosas das mulheres do enredo, especialmente quando articuladas com questões de classe. Como salienta Sedgwick (1985), a estrutura do desejo homosocial masculino aponta para dois elementos imbricados: homofobia e subalternização das mulheres.

### **Heteronormatividade, masculinidade e defesa da “honra”: o suicídio de Pompéia**

O enredo de *O Ateneu* parece fornecer um pano de fundo para o contexto dos últimos anos da vida de seu autor. O florianista engajado adentra a esfera de polêmicas marcada por

ofensas e pela violência em que se tece o debate intelectual e político da época. Destacamos durante o texto o Outro da masculinidade hegemônica, o homossexual enquanto um homem feminizado ou invertido, e sua interdependência com o homem “viril” que se constitui enquanto tal especialmente através de práticas violentas sobre si e sobre os outros. Neste tópico, focaremos nas demandas sociais de virilidade da sociedade brasileira de maneira a compreender a forma como Raul Pompéia se defrontou com elas.

O sociólogo Pedro Paulo de Oliveira postula que a construção de uma masculinidade moderna viril é resultado de complexas elaborações culturais, entre as quais ele destaca “a formação do Estado nacional moderno e a criação de instituições específicas, como os exércitos, resultando nos processos de disciplinarização e brutalização dos agentes nelas envolvidos” (2004, p. 19). Este ideal moderno é produto de uma série de deslocamentos do modelo medieval de masculinidade relacionado aos duelos entre os nobres e sua relação com a honra, “bem como à coragem e o sangue-frio para defendê-la” (p. 23).

O que importava nos duelos, antes de vencê-los, era a bravura do enfrentamento: “As disputas muitas vezes deixavam marcas e cicatrizes para o resto da vida. Alguns não escondiam o orgulho de possuí-las e assim, não raro, elas se transformavam em verdadeiros troféus, inscritos nos corpos, símbolos de sua dignidade, atestado de destemor obtido e valorizado, inclusive, pelos perdedores” (p. 25). Com o aburguesamento da sociedade, a permanência dos duelos se rearticula: “a ênfase na bravura, na ousadia e no destemor desloca-se paulatinamente para a questão da firmeza, do autocontrole e da contenção” (p. 25). Assim, aparecem novos códigos, como o aperto de mãos no final do ritual. No período moderno, criou-se uma imbricação entre masculinidade e nacionalismo de forma que o sacrifício pela pátria tornou-se um atestado máximo de masculinidade, notadamente em períodos de guerras:

A capacidade de suportar os flagelos da guerra, como dor, fome, frio, mutilações, encarando impassivelmente a concreta possibilidade da morte, só poderia ser mantida se estivesse presente a idéia de que o verdadeiro homem viril era aquele que colocasse sua força de resistência a serviço de uma causa de maior valor... (OLIVEIRA, 2004, p. 31)

Esta concepção de masculinidade viril se impunha no Brasil no período em que foi escrito *O Ateneu*. Até o cenário das letras nacionais era marcado por ela em polêmicas de caráter personalista: “polêmicas surgidas de questões secundárias se desviavam para debates de erudição e defesas da honra, em que o desafiante buscava provar sua ‘superioridade’ sobre o oponente” (VENTURA, 1991, p. 79). A defesa da honra era algo que se colocava com muita força: “das

ameaças e xingamentos, os adversários chegavam a processos de difamação nos tribunais e mesmo ao suicídio, recurso extremo na defesa da honra ultrajada” (p. 79). As instituições burguesas, que permitiram canais institucionais para a compensação dos conflitos, não estavam ainda consolidadas.

Percebe-se, deste modo, como no Brasil finissecular, a masculinidade unia modernidade e tradição em uma mistura em que demandas do passado se mesclavam a valores do presente. Vivia-se o período de edificação da recente República e de uma ênfase nacionalista. Pompéia, nacionalista fervoroso, posicionava-se em prol da unidade nacional frente aos interesses econômicos de países estrangeiros e às “ameaças” separatistas internas por meio da defesa apaixonada de Floriano Peixoto. Assim se desenrola sua polêmica com Olavo Bilac e Luís Murat, críticos ferrenhos do governo do “marechal de ferro”.

A polêmica teve início em 1892 quando Pompéia defende Floriano na sua investida contra a revolta da Fortaleza de Santa Cruz<sup>87</sup>. Olavo Bilac escreve artigo no jornal *O Combate* criticando o posicionamento de Pompéia, ofendendo-o pessoalmente:

Talvez seja amolecimento cerebral, pois que Raul Pompéia masturba-se e gosta de, altas horas da noite, numa cama fresca, à meia luz de veilleuse mortiça, recordar, amoroso e sensual, todas as belezas que viu durante o seu dia, contanto em seguida as tábuas do teto onde elas vaporosamente valsam (BILAC apud CAPAZ, 2001, p. 195).

Pompéia se defende em artigo do *Jornal do Commercio*, revidando a ofensa: “o ataque foi bem digno de uns tipos, alheados do respeito humano, licenciados, marcados, sagrados – para tudo – pelo estigma preliminar do incesto” (POMPÉIA apud CAPAZ, 2001, p. 197).

A gramática da sexualidade e a aparição das identidades sexuais abjetas do masturbador e do incestuoso dão o tom da discórdia que macularia a honra dos envolvidos. Encontram-se dias seguintes: “houve safanões de parte a parte, insultos, e a intervenção pronta dos amigos que afastaram os brigadores, conduzindo-os para longe do local” (CAPAZ, 2001, p. 197). A afirmação da masculinidade viril era a forma de espantar o espectro da desonra. “Só a sangue isso pode acabar” (OCTAVIO, 1978, p. 214), teria dito a seu amigo Rodrigo Octavio.

O duelo foi marcado. No dia de sua realização, o comandante Francisco de Matos, uma testemunha escolhida, fez apelo para que os duelistas não comessem o embate. Houve um

---

<sup>87</sup> Floriano Peixoto reprimiu violentamente os revoltosos da “Revolta da Armada” – promovida por unidades da marinha contra do governo que se uniam com os federalistas do Rio Grande do Sul – na Fortaleza de Santa Cruz de Santa Catarina.

aperto de mãos sinalizando um acordo. Biógrafos ressaltam que o florianista persistiu sentindo-se desonrado, embora os ânimos se esfriaram nos momentos seguintes.

A polêmica se reativou após o enterro do ex-presidente Floriano em 29 de setembro de 1895, no qual Pompéia proferiu discurso apologético a seu nacionalismo. Isto foi reconhecido como um desrespeito ao presidente em vigor, Prudente de Moraes<sup>88</sup>. Não tardou para que Pompéia fosse demitido do cargo de diretor da Biblioteca Nacional e Olavo Bilac escrevesse na imprensa sobre o fato, em tom sarcástico, ofendendo o escritor<sup>89</sup>. Pompéia se defende no jornal *O País*, no dia 3 de outubro, divulgando um resumo de seu discurso, afirmando que não ofendera o presidente, mas que teria versado unicamente sobre proposições de natureza doutrinária. Luís Murat, em artigo de 16 de outubro no jornal *Comércio de São Paulo*, defende o afastamento de Pompéia e conclui seu artigo de forma desmoralizadora nos padrões da época, voltando ao assunto do duelo não ocorrido. Sobre a defesa de um governo autoritário, como o de Floriano, Murat opinou:

Mas só pode aspirar um tal regime quem tem o ânimo forte e a coragem de pegar de uma espingarda e ir para a rua defender, no caso excepcional de uma revolução legítima, os interesses da Pátria, calcados aos pés, por um déspota. Mas S. Sa., a quem faltou até a coragem de repelir um insulto dos mais graves, em plena rua do Ouvidor, à hora em que essa rua é mais freqüentada! S. Sa., a quem faltou coragem, depois de mandar os seus padrinhos entenderem-se com o ofensor, de medir-se com ele, no momento em que aqueles iam dar o sinal de combate, e que, ao invés de se bater em desagravo de sua honra, seriamente comprometida, se lança nos braços do adversário, em prantos, esquecendo a afronta... De um médico sei que, ao encontrarme, pouco tempo depois do desastre, me disse fulo de indignação: - Ainda não vi homem tão covarde! Esse médico havia sido convidado para assistir ao duelo e prestar os serviços que o caso exigisse. Ora, já vê o Sr. Dr. Raul Pompéia, que essas bravatas dermagógicas não lhe ficam bem. O que me parece é que se trata de um caso de doença moral. O jacobinismo é um fenômeno mórbido, tão profundamente característico como o do niilismo russo (MURAT apud CAPAZ, 2001, p. 236-7).

A ofensa aqui é construída de forma a unir covardia e “jacobinismo” como expressões de uma doença moral que teria Raul Pompéia. Apenas em dezembro o escritor teve ciência do artigo na folha paulistana. Rodrigo Octavio (1978) afirma ter o autor escrito uma réplica violenta entregue no dia 24 de dezembro e não publicada pelo *Jornal do Commercio*. Ao mesmo tempo, Pompéia colaborava com *A Notícia* fazendo resenhas sobre obras literárias. Tendo o primeiro artigo publicado no dia 4 de dezembro, a segunda publicação atrasou e acabou sendo publicada postumamente.

<sup>88</sup> Conforme notamos com a matéria do *Jornal do Commercio* do dia 30 de setembro de 1895. Ver figura 5, p. 115.

<sup>89</sup> Ver figura 6, p. 116.

O cronista e escritor, sentindo-se rejeitado pelas gazetas e humilhado publicamente, mata-se para proteger sua honra. Deixa apenas um bilhete: “À Notícia<sup>90</sup> e ao Brasil declaro que sou um homem de honra” (CAPAZ, 2001, p. 244). Vale ressaltar o interlocutor de Pompéia: a nação brasileira. O suicídio do autor corroborou interpretações doentias sobre sua pessoa, como no testemunho de Rodrigo Octavio (1978): “ele, que, nas garras de uma neurastenia aguda, acreditava que toda a gente o tinha como um covarde, que todos os desprezavam e dele se afastavam, não teve forças para reagir” (p. 226).

A neurastenia era uma espécie de *transient mental illness* nos termos de Ian Hacking (1998), ou seja, uma patologia histórica e culturalmente específica que "aparece em uma época, em um lugar, e depois desaparece" (p.1). Hacking afirma que não interessa se tais desordens mentais eram reais, o fato é que elas são um fenômeno histórico incompreensível fora de seu contexto. Enquanto a histeria era a "doença" mais atribuída às mulheres, a neurastenia referia-se aos homens, mas não a todos. A figura acabada do neurastênico é o homem intelectualmente dotado e sua "doença dos nervos" associada a um excesso de refinamento que entraria em choque com as demandas práticas da realidade que - acreditava-se - apenas uma masculinidade hegemônica atenderia. Em suma, intelectualidade e sofisticação eram atributos culturalmente emasculadores que os saberes médicos passavam a classificar como "sintomas" de fragilidade mental, uma forma branda de "loucura" expressa em uma propensão ao nervosismo, a atitudes possivelmente emotivas, pouco racionais e até agressivas.

Segundo Miskolci (2003b, p. 121), uma das doenças-fantasmas mais importantes do *fin-de-siècle*, a neurastenia não tinha uma sintomatologia clara e costumava ser definida como não sendo loucura, melancolia ou qualquer outra das já conhecidas doenças degenerativas. Na virada do século XIX para o XX, ela se distinguia como rótulo para a suspeita de sexualidade desviante: "O artista, especialmente o esteta, era visto como o típico neurastênico por causa de sua suposta sensibilidade anormal adquirida através de um trabalho intelectual excessivo. A inteligência e a criatividade artísticas eram compreendidas como compensação por uma fraqueza física inerente (...)" (MISKOLCI, 2003b, p. 121). Há registros históricos de que o mesmo diagnóstico de neurastenia atribuído a Raul Pompéia por seus contemporâneos foi feito também para Friedrich Nietzsche, Oscar Wilde e até Thomas Mann (MISKOLCI, 2003b, p.47). O que une figuras tão distintas sob um mesmo diagnóstico é a sexualidade suspeita, enfim, a homossexualidade como

---

<sup>90</sup> O jornal *A Notícia* publica uma homenagem ao escritor, dois dias depois de sua morte. Ver figura 7, p. 117.

origem da loucura, do crime ou da genialidade<sup>91</sup>. Não seria exagerado incluir Pompéia nesta lista buscando compreender porque seu suicídio teve como uma das explicações plausíveis a neurastenia.

Vimos que Pompéia era definido por seus contemporâneos por seu nervosismo extremado, mórbido e por sua sensibilidade aguda. Longe de assumir esta perspectiva afinada com as teorias psiquiátricas daquele tempo, ressaltamos como estes modelos de inteligibilidade faziam parte de amplas pressões sociais que o predispuseram ao suicídio.

A imagem pública do escritor de *O Ateneu* se encontrava fragilizada especialmente nos últimos momentos de sua vida. Não combater um ofensor aceitando uma trégua antecipada e depois não responder a uma grave ofensa de covardia que circulou em proeminente jornal da imprensa nacional, significava não ser “viril” como se esperaria de um homem público como Pompéia. A afronta a sua masculinidade aponta para a figura constituída enquanto Outro, a identidade recém inventada do homossexual, aquele compreendido sob a lente da inversão de gênero.

Salta aos olhos o ano da morte de Pompéia: 1895. Em 25 de maio deste mesmo ano Oscar Wilde é preso após três julgamentos. O romance *O Retrato de Dorian Gray* é um dos elementos que sustentam sua acusação. A divulgação explícita da homossexualidade se faz então de forma exaustiva e o caso se torna internacionalmente reconhecido. No mesmo ano, no Brasil, é lançado o polêmico romance de Adolfo Caminha *Bom Crioulo* que narra a “aberrante” relação consumada sexualmente entre um branco e um negro, imbricando os temores sociais de sexualidade homoerótica e inter-racial; assim, enfatizando ainda mais a abjeção da homossexualidade. E é exatamente no fim deste ano que ocorre o suicídio de Pompéia, autor que também expusera em romance, anos antes, o amor entre homens.

Ressaltamos, no primeiro capítulo, um texto escrito por Luiz Labre que expunha outras “infâmias” em tiras de papel direcionadas a Pompéia as quais, como defende o articulista, também são responsáveis pela morte do autor, para além do famoso artigo de jornal ofensivo de Luís Murat. Assim, verificamos que Pompéia era alvo de escárnio dentro de seu grupo de amigos. Por que a perseguição a um autor e cronista tão respeitado por seu trabalho? As acusações em tom de brincadeira apontavam para uma característica *sui generis* do autor na

---

<sup>91</sup> No caso de Thomas Mann, segundo Miskolci (2003b, p.47), a aceitação do diagnóstico psiquiátrico se deu em 1906, quando o escritor sofria a morte do grande amor de sua vida, Armin Martens. Portanto, o diagnóstico médico de neurastenia traduzia a compreensão dos sofrimentos por seu desejo homoerótico.

visão de seus amigos: nunca havia se envolvido com mulheres. Biógrafos, desde o antigo amigo Rodrigo Octavio, ressaltam seu caráter persecutório dentro dos ambientes homosociais nos quais participava. Noutra lente, ao invés de enfatizar suas características “esquisitas”, ressaltamos as pressões sociais incorporadas pelo autor, quais sejam: as da heteronormatividade que se constituía.

A violenta pressão social para se amoldar ao padrão de vida heterossexual levado a cabo sob a mediação de novos mecanismos de poder regulados pela medicina ia de encontro à trajetória dissidente de Pompéia. Violência que é incorporada por Pompéia, como pela sua personagem Bento Alves, mas se expressa desta vez, fatalmente, contra si mesmo. O autor de *O Ateneu* buscou – por meio da violência - virilizar-se e resgatar a sua honra.

Muitos artigos de jornal no dia seguinte destacam o caráter “honrado” da pessoa do escritor brasileiro e enfatizam sua importância nacional. No entanto, parece-nos que Pompéia, por todo seu comportamento não normativo, encontrava-se em uma armadilha. Sua morte terminou por corroborar as especulações sobre seu suposto caráter doentio e “esquisito”, julgamento que marca suas narrativas biográficas e as críticas de seus escritos há mais de um século.

### **Uma abordagem *queer* de *O Ateneu***

*O Ateneu* é um ícone do romance brasileiro. Muitos dos melhores críticos já o interpretaram pelos ângulos mais diversos. Por que então voltar-nos a esta obra? Seu enredo ganha vida através das relações homoeróticas e seu controle pela escola; isto, tendo sendo escrito em um período de transformação crucial da sociedade brasileira, na qual se verificava uma nova ordem sexual. A Teoria *Queer* nos forneceu *insights* e método para um novo olhar sobre esta obra que revela aspectos importantes da nossa forma de heteronormatividade. Utilizando o romance como arquivo histórico privilegiado para acessar questões históricas que envolvem experiências subjetivas pouco abordadas no contexto brasileiro, buscamos reconstituir o processo denominado por Foucault (2007) de pedagogização do sexo: o disciplinamento da sexualidade infantil da elite tendo em vista a formação de adultos nos moldes da recente categoria heterossexual. Buscava-se evitar a formação de adultos “perversos” que poderiam oferecer risco degenerativo à coletividade. Observamos por meio de uma pesquisa que uniu uma releitura da obra com discursos e práticas sociais vigentes, que o que estava latente no enredo era um

protagonismo médico higienista constituindo novas formas de regulação da sociedade via sexualidade. Estas se caracterizavam por um corte de classe e pela racialização, uma tentativa fadada ao fracasso de isolar as crianças da elite brasileira do contato com estratos sociais desfavorecidos e estigmatizados, estabelecendo um controle de corpos exaustivo e diferencial para os pequenos estudantes.

Sobretudo, buscamos explicitar como a regulação da sexualidade operava criando como Outro o homossexual, o qual se tornou o avesso de uma masculinidade hegemônica pautada pela virilidade e pela noção de “honra”. O enredo de *O Ateneu* é rico em passagens em que aparecem figuras de meninos feminizados tornados abjetos na convivência social. Distinguir-se desta imagem era um imperativo, ainda que nem sempre seguido. A recusa de uma identificação com a figura abjeta do homossexual compõe peça fundamental das relações homossociais masculinas no Brasil de fins do século XIX. A violência representa um vetor de afastamento desta identidade ao mesmo tempo em que aponta para a virilização, para uma aproximação da masculinidade hegemônica. Violência que percorre as páginas do romance e faz as relações homossociais serem marcadas pelo medo.

Raul Pompéia trouxe ao discurso literário relações “escabrosas”, na qualificação utilizada pela *Gazeta de Notícias*. Seu romance, profundamente irônico e crítico, se desenvolve retratando de forma indireta as relações do Segundo Império, mas termina por alcançar maior importância histórica e se tornar fonte para a pesquisa social. A exposição do homoerotismo parece apontar para a “imoralidade” presente na decadente ordem imperial e o incêndio sugere a possibilidade de uma construção do novo, que compreendemos como uma metáfora do porvir republicano pautado pela “regeneração”. Apesar destas indicações, o autor acabou retratando a forma como a heteronormatividade se insinuava na elite brasileira. Talvez sua morte seja – tragicamente – a prova de sua consolidação.





Regente, e consta-nos que será hoje con-  
villado o ministerio.

## **O ATHENEU**

(CHRONICA DE SAUDADES)

A accumulacão de materia urgente  
tem-nos obrigado a retardar a publicacão  
do ultimo trecho d'esto romance.

O publico nos desculpará; tanto mais  
que temos quasi prompta a edicão em  
volume, que será publicada no correr da  
proxima semana.

Tendo o Sr. ministro da justiça de  
preencher, na respectiva secretaria, as  
vagas de 1.º e 2.º official e desejando at-  
tender á antiguidade e merecimento dos

FIGURA 2: Notícia sobre o atraso da publicação do romance *O Ateneu* por causa da abolição



FIGURA 3: Dia 18 de maio de 1888: a *Gazeta de Noticias* retoma a publicação de *O Ateneu*. Em seu último capítulo vem a tona a personagem Américo e o incêndio no internato. A imagem nos permite notar que o romance não mais era publicado na primeira página, devido ao destaque da Lei Áurea.

### RAUL POMPÊA

É com profunda consternação que noticiamos a morte de Raul Pompêa, que ante-hontem ás 2 horas da tarde, na casa de sua residencia, desfecho contra o coração um tiro certo, ao qual poucos momentos pôde sobreviver. Ao ruido da detonação acudirão pressurosos, aliviando quasi o tragico desfecho, sua desolada mãe e uma sua irmã. Já nada havia mais a fazer. O indito moço mal pôde balbuciar algumas palavras entrecortadas, que a agonia interrompeu para sempre.

Como era natural, a noticia se espalhou logo, infundindo a mais profunda tristeza em todos os seus amigos, conhecidos e admiradores, em quantos puderão apreciar os dotes da sua primorosa intelligencia, tão prompta, tão rapida, tão penetrante, os seus predicados moraes, nos quaes sobrelevava uma sinceridade extrema por todas as causas que espousoa, e pelas quaes só conhecia a direcção rectilinea, ou que tal se figurava no seu espirito, afastando desdenhuto interesses, preconceitos, vantagens de toda a ordem.

É difficil, para não dizer impossivel, neste, como em quasi todos os casos analogos, em que o individuo se supprime voluntariamente, conhecer os determinantes de um acto que é e será sempre uma dessas mysteriosas interrogações, para as quaes não ha resposta cabal e satisfactoria. É sobretudo no caracter do proprio individuo, na sua comprehensão da vida, das relações sociais, dos conflictos humanos, é no modo por que os factos impressionão o individuo que se pôde pedir a explicação desses actos supremos da vontade.

O suicidio, como o resultante final de certas causas, só é possível em temperamentos affectados por certa maneira, e que vibrão de modo differente da grande maioria dos outros homens.

Em Raul Pompêa, havia effectivamente—, e quantos o conhecerão poderão bem dar testemunho disto—, uma vibratilidade nervosa excessiva, superagada, quasi morbida. A sua retina intellectual era de uma impressionabilidade exaggerada, e para os pontos affectados desta visão em que se retratavão as cousas e factos, prodigiosamente augmentados, elle se concentrava inteiramente, deixando-se absorver, aniquilar por completo.

Seus amigos, aquelles que mais de perto acompanhão com elle e que o acompanhãõ nos ultimos dias, explicão que o seu suicidio parece em parte ter sido determinado pelo desgosto profundo que lhe causou um ataque à sua co-

FIGURA 4: 27 de dezembro de 1895: trecho do *Jornal do Commercio* que divulga a morte do escritor de “vibratilidade nervosa excessiva”.

### O MARECHAL FLORIANO PEIXOTO

Realizou-se hontem no cemiterio de S. João Baptista, com a presença do Sr. Presidente da Republica, sua casa civil e militar, membros do Ministerio, diversas autoridades e representantes do Congresso Nacional, da Intendencia, do exercito, armada, guarda nacional, de diversos clubs, Faculdades e Escolas e outras classes sociais, a transladação do cadaver do Marechal Floriano da capella arriente para o tumulo mandado construir pelo Estado.

A's 10 horas celebrou o pulito Macha, mista de corpo presente e em segredo, e a sessão em uma pallola, foi esta carregada por cidadãos de diversas classes, segurando nos cordões o Sr. Presidente da Republica, Ministros e altos funcionarios.

Junto ao tumulo foi o corpo encomendado e antes de ser encerrado na tumba fallarão os Drs. Costa Ferraz, Erico Coelho, Tasso Fragoso, Raul Pompeia, Nicenor Nascimento, Irineo Machado e os representantes da Faculdade Livre de Direito e de Medicina.

Depois de collocado o cadaver na tumba e posta a tampa, foi esta cimentada, ficando sobre ella muitas cordas e romos.

Perante a cerimonia tocou a musica do 1º batalhão de engenharia.

O Sr. Presidente da Republica e os Srs. Ministros retiráram-se depois do ultimo discurso.

Infelizmente, a decencia e a compostura devidas á solemnidade e á homenagem que se prestava ao corpo de um cidadão que desempenhara importante papel na politica destes dias e tambem aqto tivera nos destinos do Brazil, foram perturbadas por discursos inspirados pela mais arrogante paixão partidária. Certos oradores, especulos da santidade do lagr e do acto que se celebrava, desrespeitáram o Sr. Presidente da Republica com os mais impertinentes conceitos sobre os auxiliares de sua immediata confiança e desrespeitáram o cadaver de quem na vida não deixaria, de certo, impunes taes discursos.

Não os commentamos, deixando a quem es couvio a critica e a lição que dessas manifestações decorrem.

FIGURA 5: 30 de setembro de 1895: O *Jornal do Commercio* noticia os discursos no sepultamento do “marechal de ferro”. Segundo o jornal, o enterro foi perturbado por “discursos inspirados pela mais arrogante paixão partidária”.



## A MUDANÇA DA HYDRA

Parece que a Hydra, abandonando a rua do Ouvidor, onde lhe era difícil, no meio da multidão compacta, mover a vontade as suas sete cabeças, — deliberou agora mudar o seu campo de acção para os cemitérios. Um amigo meu, cuja casa demora justamente em face de um dos nossos Campos-santos, diz-me que, ao passarem, todas as noites, cousas extraordinárias na mansão dos mortos. A' meia-noite, quando sobre as lapidas mudas e brancas, os fogos fatuos saracotelam; quando, ebrados sobre as altas cruces de marmore, os cherubs ramalham ao vento, funerariamente; quando em círculos cabalísticos, as corujas agourelas cortam o ar, — ouvem-se os accordes da *Dansa macabra* da Saint-Saëns, e a Hydra apparece, furiosa, bradando: «Se ha entre os mortos um morto sebastianista, tenha a coragem de sair da terra!..»

A idéa de fazer politica nos cemitérios não é nova. Desde a mais remota antiguidade, as grandes revoluções se prepararam no silencio d'essas retiros funerarios. Parece que a presença dos defuntos anima e inspira os politicos: o proprio Augusto Comte, quando declarou que os mortos governam os vivos, já previa que, por causa de alguns mortos, em mil ollocentos e noventa e cinco alguns vivos seriam demittidos administrativamente. O christianismo venceu, porque as suas bases foram lançadas e a sua organização foi preparada no recolhimento das catacumbas do Roma. Ficã sabendo: o lugar mais proprio para as machinações politicas é a mansão dos mortos. E, como onde ha politica ha Hydra, não é de estranhar que esta sete vezes cabeçada entidade, deixando em paz a rua do Ouvidor, tenha abalado para os recatados logares em que repousam os que já não têm voto.

Homens que como eu ainda vivos, meos irmãos! regozijemo-nos com essa acertadissima resolução da Hydra!... Em primeiro lugar, é uma obra de caridade divertir os defuntos. Tão sós, tão tristes, tão esquecidos, no chão frio! como devo ser fastidiosa a convivência dos vermes!... Agora, com um bocadinho de politica, os esquecidos terão um bocadinho de divertimento: ouvirão discursos callidos e apostrophes palpitantes, e lembrar-se-lhão do tempo em que tambem pediam cabeças do sebastianista e figados de maragatos. Mas, se tamanha é para os mortos a vantagem da deliberação da Hydra, — quamanha não é ella para nós?

Se um estado de sitio tem de cair sobre a cidade, bom será que caia sobre os cemitérios. Quando a agitação politica ainda habitava a rua do Ouvidor, as nossas liberdades e as nossas cabeças andavam em risco perenne. Vinha um homem pensando na sua vida! ouvia de repente uma vozaria, ia ver o que havia, desabava sobre elle o calado do sitio, e mandava-o para o doce remanso da Casa de Correção. Agora, transferido para os cemitérios o *Habitat* da Hydra, é para os mortos que vai ralar uma era deliciosa do prisão, de sustos e de denuncias. Que mal haverá n'isso? Os mortos, presos como estão, nas côvas sem ar e sem luz, já perderam o habito e o amor da liberdade: não ha carcere que os amedronte. Nós, os vivos, é que ainda conservamos esse amor e esse habito; e, por isso mesmo, tememos os motins politicos com todas as suas formidaveis consequencias.

Hydra de sete cabeças sem julzo! monstro pior que o de Lerna, porque não ha Hercules que dê cabo de ti! fomentadora de rebelliões! má! do estado de sitio! — fica-te em paz na tua nova mansão... Se alguém tem ainda de ser sacrificado pela tua loucura, sejam sacrificados os defuntos. Morrer por morrer, morram de novo os que já morreram!

FANTASIO.

FIGURA 6: Artigo de Olavo Bilac na *Gazeta de Notícias*, sob o pseudônimo de Fantasio, criticando Raul Pompéia após o pronunciamento deste no sepultamento de Floriano Peixoto.



FIGURA 7: A Noticia, interlocutora da carta de despedida de Raul Pompéia, homenagem o escritor d'O Ateneu, com o título Notas de um simples, dois dias depois de sua morte.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADUT, Ari. A Theory of Scandal: Victorians, Homosexuality, and the Fall of Oscar Wilde. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 111, n. 1, p. 213–48, 2005.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si - Uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 2000.

ALONSO, Ângela. **Idéias em Movimento: A Geração 1870 na Crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**, Lisboa: Edições 70, 1991.

ANDRADE, Mário de. O Ateneu. In: **Aspectos da literatura brasileira**. 5 ed. São Paulo: Martins, p. 173-184, 1974.

ARARIPE JUNIOR, Tristao de Alencar. **Araripe Junior: teoria, crítica e história literária**. Alfredo Bosi (org.). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Edusp, 1978.

BELUCHE, Renato. **O corte da sexualidade: O Ponto de Viragem da Psiquiatria Brasileira no Século XIX**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós- Graduação de Ciências Sociais, UFSCar, São Carlos, 2006.

\_\_\_\_\_. **O corte da sexualidade: O Ponto de Viragem da Psiquiatria Brasileira no Século XIX**. São Paulo: Annablume, 2008.

BENEDITO, Mouzar. **Luiz Gama: O libertador de escravos e sua mãe libertária, Luíza Mahin**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006.

BENELLI, S. J. Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 99-114, 2003.

BOCAYUVA, Helena. **Sexualidade e gênero no imaginário brasileiro: metáforas do biopoder**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

BORGES, Dain. “Inchado, Feio, Preguiçoso e Inerte”: A Degeneração no Pensamento Social Brasileiro, 1880-1940. Tradução de Richard Miskolci. Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças. **Teoria & Pesquisa**. São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Departamento de Ciências Sociais, 2005, p.43-70.

BOSI, Alfredo. O Ateneu, opacidade e destruição. In: **Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo, Ed. Ática, pp. 33-57, 1988.

BOTELHO, T. R. Censos e construção nacional no Brasil Imperial. Revista **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 321-341, 2005.



BOTO, Carlota. **A escola primária como tema do debate político às vésperas da República.** *Rev. bras. Hist.*, vol.19, no.38, p.253-28, ISSN 0102-0188, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

\_\_\_\_\_. **As Regras da Arte:** gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”.** In: Louro, Guacira Lopes. **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRAH, Avtar. **Diferença, Diversidade, Diferenciação.** In: **cadernos pagu.** Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 26. p. 329-376, 2006.

BROCA, Brito. **Raul Pompéia.** Edições Melhoramentos. São Paulo: 1956.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo.** Rio de Janeiro: Artium Editora, 1997.

CAPAZ, Camil. **Raul Pompéia:** Biografia. Ed. Ediouro, 2001.

CORRÊA, Mariza. **O sexo da dominação.** **Novos Estudos CEBRAP,** São Paulo, v. 54, 1999, p. 43-53.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República:** momentos decisivos. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.

COUTINHO, A. **Introdução geral.** In: POMPÉIA, **OBRAS v. 1: Novelas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 11-24.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Imago, 1976

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro, Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres.** Rio de Janeiro, Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Os Anormais**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Sexo, Poder e a Política da Identidade In: **Verve - Revista do Nu-Sol**. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em C. Sociais da PUC-SP, n.5 p.260-277, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GILMAN, Sander L. O Caso Nietzsche ou o que torna perigosas filosofias perigosas. Tradução de Richard Miskolci. In: Miskolci, Richard. (Org.) Dossiê Diferença e Desigualdade In: **Teoria e Pesquisa**. São Carlos: Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2005.

GREEN, James N. **Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, Editora Unesp, 2000.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2006. p. 345-362

GONDRA, J. G. Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre *O Atheneu*. In: Vidal, Diana Gonçalves e Souza, Maria Cecília Cortez. **A memória e a sombra – a escola entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

\_\_\_\_\_. Homo Hygienicus: Educação, Higiene e a Reinvenção do homem. **Cadernos Cedes, Campinas**, v. 23, n. 59, 2003, p. 25-38.

\_\_\_\_\_. O Rei, o Delegado e a Lei: Uma Leitura da Lei Nova do Ensino Infantil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, 1998, p. 47-55.

HACKING, Ian. **Mad Travelers: Reflections on the Reality of Transient Mental Illnesses**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

HALPERIN, David. M. How to do the history of homosexuality. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**. Duke University Press, 2000, p. 87–124.

HEINSFELD, Adelar. A ruptura diplomática Brasil-Portugal: um aspecto do americanismo do início da República brasileira. Associação Nacional de História, **ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História**, 2007.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo. Editora UNESP, 2006.

KIMMEL, Michael (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, 4(9), 103-117.

LARA, Oswaldo. A Teoria Queer e as Sexualidades no Contexto Brasileiro: Desafios Teórico-Metodológicos. Caxambu, ANPOCS/GT Estudos de Gênero: Teoria e Pesquisa, 2007. [http://201.48.149.89/anpocs/arquivos/15\\_10\\_2007\\_12\\_13\\_11.pdf](http://201.48.149.89/anpocs/arquivos/15_10_2007_12_13_11.pdf)

\_\_\_\_\_. **Entre o “instinto” e a “falta de hábito”: a psiquiatrização do adulto perverso em Bom Crioulo (1895)**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós- Graduação em Sociologia, UFSCar, São Carlos, 2009.

MARTINS, Maurício Vieira. Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, out. 2004, vol.19, no.56, p.63-74. ISSN 0102-6909.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MISKOLCI, Richard. Abjeção e Desejo - Afinidades e Tensões entre a Teoria Queer e a Obra de Michel Foucault In: Rago, M. e Veiga Neto, A. **Por uma Vida Não Fascista**. Belo Horizonte, Autêntica, 2009a (no prelo).

\_\_\_\_\_. A Vida como Obra de Arte: Foucault, Wilde e a Estética da Existência. In: Lucila Scavone; Marcos César Alvarez; Richard Miskolci. (Org.). **O Legado de Foucault**. 01 ed. São Paulo: Editora Unesp, v. 01, p. 153-176, 2006a.

\_\_\_\_\_. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. Campinas, Palestra apresentada no **COLE -Unicamp**, junho de 2007.

\_\_\_\_\_. Do Desvio às Diferenças. **Teoria & Pesquisa**. Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças. São Carlos, Pós-Graduação em Ciências Sociais, p. 9-42, 2005.

\_\_\_\_\_. Machado de Assis, o Outsider Estabelecido In: **Sociologias**. Porto Alegre : UFRGS/Programa de Pós-Graduação em Sociologia, p.352-377, 2006b.

\_\_\_\_\_. O Corte da Sexualidade - A Emergência do Dispositivo de Sexualidade no Brasil. In: 26 Reunião Brasileira de Antropologia : Desigualdade na Diversidade, 2008. Anais Online da 26 **Reunião Brasileira de Antropologia**. Brasília : ABA. v. 1. p. 1-20, 2008a.

\_\_\_\_\_. Os Saberes Subalternos e os Direitos Humanos: reflexões sobre o pós-universalismo contra-hegemônico. Artigo apresentado no **Seminário Internacional A Política dos Direitos Humanos no Brasil e no Mundo**. São Paulo: USP, 2008b.

\_\_\_\_\_. O Vértice do Triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle brasileiro São Paulo: mimeo, 2008c.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, n. 13-14, p. 109-126, 2003a.

\_\_\_\_\_. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias* (UFRGS), 2009b (no prelo).

\_\_\_\_\_. **Thomas Mann, o Artista Mestiço**. São Paulo: Annablume, 2003b.

MISKOLCI, Richard e CARVALHO, Sheila Abadia. A Tal e a Qual: Representações Racializadas da Mulher na Literatura Brasileira. Florianópolis, **Fazendo Gênero VII** – Gênero e Preconceito, 2006.

MISKOLCI, Richard e PELÚCIO, Larissa. Aquele não mais obscuro negócio do desejo In: Perlongher, Nestor O. **O Negócio do Michê**. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2008.

MISKOLCI, Richard (Org.); Simões, Júlio Assis (Org.). **Dossiê Sexualidades Disparatadas** - cadernos pagu, n.28, v. 1. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

OCTAVIO, Rodrigo. **Minhas memórias dos outros**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Lautréamont e Raul Pompéia. In: **O Ateneu: retórica e paixão**. São Paulo: Brasiliense. Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

POMPÉIA, Raul. **Alma Morta; Excursão ministerial**. Edição da “Gazeta de Angra”, Angra dos Reis, RJ, 1990.

\_\_\_\_\_. A mão de Luis Gama. In: SCHMIDT, Afonso. **O Canudo: Raul Pompéia em São Paulo**. Clube do Livro, São Paulo-SP, 1963.

\_\_\_\_\_. **As jóias da coroa**. São Paulo : Nova Alexandria, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Ateneu: crônica de saudades**. São Paulo: Ed. Moderna, 1983a.

\_\_\_\_\_. **Obras v. 5 Escritos políticos**, Organização de Afrânio Coutinho. Assistência de Eduardo de Faria Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: Oficina Literária Afrânio Coutinho: Obras v. 5. Ed. Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_. **Obras v. 6. Crônicas 3**. Organização de Afrânio Coutinho. Assistência de Eduardo de Faria Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: Oficina Literária Afrânio Coutinho: Obras v. 6. 1983b.

\_\_\_\_\_. **Obras v. 10.** Organização de Afrânio Coutinho. Assistência de Eduardo de Faria Coutinho. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, Oficina Literária Afrânio Coutinho, 1991.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Experience In: Snitow, Ann et ali. **Powers of Desire: the politics of sexuality.** Monthly Review Press: p.177-205, 1983.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the political economic of Sex. In: REITER, R. **Toward an Antropology of Women.** NY and London, Monthly Review Press, p. 157- 210, 1975.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Orientalism.** London: Routledge & Keagan Paul, 1978.

SANTIAGO, Silviano. O Ateneu: contradições e perquirições. In: **Uma literatura nos trópicos: ensaio sobre dependência cultural.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870- 1930.** São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Retrato em branco e negro.** Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHMIDT, Afonso. **O Canudo: Raul Pompéia em São Paulo.** Clube do Livro, São Paulo-SP, 1963.

SCOTT, Joan W. “A Invisibilidade da Experiência.” **Projeto História.** São Paulo, 1998, p.297-325.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. In: *cadernos pagu.* Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-UNICAMP, v. 28, p.19-54, 2007.

\_\_\_\_\_. **Between Men:** English Literature and Male Homossocial Desire. New York. Columbia University Press. 1985.

SEIDMAN, Steven. **Queer Theory/Sociology.** Cambridge-MA, Blackwell, 1996.

SHOWALTER, Elaine. **Anarquia Sexual.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SILVA, Eliane da Conceição. **“Estudos” da violência: uma análise sociológica dos contos de Machado de Assis.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós- Graduação em Sociologia, FCL/Ar, UNESP, Araraquara, 2008.

VALDEZ, Diane. **A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio de Cesar Borges: O Barão de Macahubas (1856-1891)**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Unicamp, Campinas, 2006.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991

WARNER, Michael. (editor) **Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1993.